

**TEXTO INTEGRAL**  
**ILUSTRAÇÕES DE**  
**Michael Foreman**  
**TRADUÇÃO DE**  
**Hildegard Feist**

1937 by Fundação Hospitalar Infantil de Great Ormond Street, Londres

1988 by Michael Foreman

Título original: Peter Pan & Wendy

Capa: Ettore Bottini

Preparação: Denise Pegorim

Barrie, James Matthew, 1860-1937.



## ÍNDICE

1. Surge Peter
  2. A sombra
  3. Vamos embora!
  4. O vôo
  5. A ilha de verdade
  6. A casinha pequenina
  7. A casa subterrânea
  8. A lagoa das Sereias
  9. O pássaro do Nunca
  10. O lar feliz
  11. A história de Wendy
  12. Prisioneiros!
  13. Você acredita em fada?
  14. O navio pirata
  15. "Gancho ou eu, desta vez!"
  16. A volta para casa
  17. E Wendy cresceu
- Nota sobre o autor



## 1. Surge Peter

Todas as crianças crescem — menos uma. Elas logo descobrem que vão crescer, e a maneira como Wendy descobriu isso foi a seguinte. Um dia, quando tinha dois anos, ela estava brincando no jardim e, depois de colher mais uma flor, correu para junto de sua mãe. Acho que devia estar linda, pois a sra. Darling levou a mão ao coração e exclamou: "Ah, se você ficasse assim para sempre!". Foi tudo o que aconteceu entre elas com relação a esse assunto, mas a partir daí Wendy soube que teria de crescer. A gente sempre sabe, quando tem dois anos. Dois é o começo do fim.

Eles moravam na casa de número 14. Até Wendy chegar, sua mãe era a pessoa mais importante ali. Uma mulher encantadora, com uma cabeça romântica e uma boca delicada e zombeteira. Sua cabeça romântica era como aquelas caixinhas, uma dentro da outra, que são fabricadas no enigmático Oriente: por mais que você as retire lá de dentro, sempre sobra mais uma. E sua boca delicada e zombeteira guardava um beijo que Wendy nunca conseguiu ganhar, embora ele estivesse ali, bem visível no canto direito.

A maneira como o sr. Darling conquistou a sra. Darling foi esta: os muitos cavalheiros que eram meninos quando ela era menina descobriram ao mesmo tempo que

a amavam e todos correram para sua casa a fim de pedi-la em casamento. Todos, menos o sr. Darling, que tomou um táxi, chegou lá primeiro e assim a conquistou. Conseguiu que ela lhe desse tudo, a não ser a caixinha mais secreta e o beijo no canto da boca. Nunca soube daquela caixinha, e com o passar do tempo desistiu de tentar ganhar o beijo. Wendy achava que Napoleão teria conseguido, mas eu o imagino tentando e em seguida saindo furioso, batendo a porta.

O sr. Darling se gabava de que a mãe de Wendy não só o amava, como o respeitava também. Ele era um desses tipos profundos que sabem tudo sobre ações e bolsa de valores. Naturalmente ninguém sabe de verdade, mas ele parecia saber, e muitas vezes falava sobre alta de ações e queda da bolsa de um jeito que fazia qualquer mulher respeitá-lo.

A sra. Darling se casou de branco e no começo manteve as contas da casa na mais perfeita ordem, registrando todas as despesas quase com alegria, como se fosse um jogo. Não lhe escapava sequer uma abobrinha, por pequena que fosse, mas com o tempo abóboras inteiras foram ficando de fora e no lugar delas surgiram retratos de bebês sem rosto. Ela os desenhava quando devia estar fazendo contas. Eram os seus palpites.

Wendy nasceu primeiro. Depois veio João e, por fim, Miguel.

Até uma ou duas semanas após a chegada de Wendy, eles não tinham certeza de que poderiam mantê-la, pois se tratava de mais uma boca para alimentar. O sr. Darling estava terrivelmente orgulhoso, mas era muito honrado, e, sentado na beira da cama da esposa, segurava sua mão e calculava as despesas enquanto ela o fitava com uma expressão suplicante. A sra. Darling queria correr o risco a qualquer preço, mas ele não agia assim. Agia com lápis e papel na mão e tinha de começar tudo outra vez quando ela o confundia com suas sugestões.

— Não me interrompa — ele pedia. — Tenho uma libra e dezessete xelins aqui, e dois xelins e seis pence no escritório. Cortando o meu café lá no trabalho, posso economizar, digamos, dez xelins, e assim chegar a duas libras, nove xelins e seis pence, o que, com os dezoito xelins e três pence que você tem, dá três libras, sete xelins e nove pence; mais cinco libras no meu talão de cheque, são oito libras, sete xelins e nove pence... Quem é que está se mexendo?... Oito, sete, nove, e vão nove... Não diga nada, meu amor... Mais a libra que você emprestou para aquele homem que veio aqui pedir... Calma, nenê... Vai o nenê... Pronto, você me atrapalhou! Eu falei nove libras, sete xelins e nove pence? Falei, sim. O que eu quero saber é: será que conseguimos viver um ano com nove

libras, sete xelins e nove pence?

— Claro que sim, Jorge! — ela exclamava. Mas estava sendo parcial em favor de Wendy, e, dos dois, quem tinha maior firmeza de caráter na verdade era ele.

— Pense na caxumba — ele a lembrava de um jeito quase ameaçador, e começava tudo de novo. — Caxumba, uma libra, é o que anotei, mas acho que deve custar uns trinta xelins... Não diga nada. Sarampo, uma libra e cinco xelins; rubéola, meio guinéu. São duas libras, quinze xelins e seis pence... Pare de balançar o dedo... Tosse comprida, digamos quinze xelins...

E Jorge continuava por aí afora, cada vez chegando a um resultado diferente, mas no fim Wendy conseguiu ser aceita, com a caxumba reduzida a doze xelins e seis pence e o sarampo e a rubéola contabilizados como uma única doença.

A história se repetiu quando João nasceu e Miguel escapou por um triz de ser recusado, mas eles também ficaram com os pais. Logo os três estavam indo, um atrás do outro, para o jardim-de-infância da srta. Fulsom, acompanhados pela babá.

A sra. Darling queria fazer tudo como manda o figurino e o sr. Darling queria ser exatamente igual a seus vizinhos; portanto, não podiam deixar de ter uma babá. Como nunca lhes sobrava dinheiro, pois as crianças consumiam grande quantidade de leite, essa babá era uma cadela toda empertigada, da raça terra-nova; chamava-se Naná e, antes de ser contratada pelos Darling, não pertencia a ninguém em especial, mas sempre tinha tido muita consideração por crianças. Ela conheceu os Darling no parque Kensington, onde passava a maior parte do tempo xeretando os carrinhos de bebê. As babás descuidadas simplesmente a odiavam, não só por isso mas também porque ela as seguia até as casas onde trabalhavam e as denunciava às respectivas patroas.

Naná se revelou uma babá perfeita. Era muito cuidadosa na hora do banho e ao menor choro de seus pupilos levantava-se a qualquer hora da noite. Naturalmente dormia no quarto das crianças, onde os Darling instalaram sua casinha. Sabia como ninguém quando uma tosse exigia providências sérias e quando requeria apenas uma meia enrolada no pescoço. Até o fim da vida acreditou piamente em remédios antigos, como folha de ruibarbo, e sempre demonstrou o maior desprezo por germes e outras bobagens que estavam na moda. Ao acompanhar as crianças até a escola, dava uma verdadeira aula de boas maneiras: caminhava calmamente ao lado delas quando se comportavam bem e as obrigava a entrar na linha quando se distraíam. Nunca se esquecia de levar o pulôver de João e geralmente carregava um guarda-chuva na boca, para o caso de chover.

No porão da escola da srta. Fulsom havia uma sala onde as babás ficavam esperando as crianças. Elas se sentavam em uns bancos compridos e Naná se deitava no chão, mas essa era a única diferença. Não lhe davam a menor atenção, pois achavam que pertencia a uma classe social inferior; Naná, por sua vez, desprezava a conversa fiada delas. Naná não gostava que as amigas da sra. Darling fossem ao quarto das crianças, mas, se iam, primeiro tirava rapidamente o avental de Miguel e fazia-o vestir um outro com passamanaria azul; depois desamassava a roupa de Wendy e dava um jeito no cabelo de João.

Ninguém poderia cuidar melhor das crianças. O sr. Darling sabia disso, mas sentia um certo mal-estar quando imaginava os possíveis comentários dos vizinhos. Afinal, tinha que zelar por sua reputação na cidade.

Naná também lhe causava outro tipo de mal-estar. Às vezes o sr. Darling achava que ela não o admirava. "Eu sei que ela admira muito você, Jorge", a sra. Darling lhe garantia, fazendo sinal aos filhos para que o tratassem particularmente bem.

Seguiam-se danças encantadoras, das quais Liza, a outra empregada da família, podia participar de vez em quando. Ela parecia uma anãzinha, com aquela saia comprida e aquela touca de arrumadeira; ou então era criança mesmo, embora tivesse jurado, ao ser contratada, que tinha passado dos dez anos fazia muito tempo. Ah, a alegria dessas brincadeiras! A sra. Darling era a mais alegre: rodopiava com tanta animação que dela só se via o beijo, e nesse momento talvez se conseguisse ganhá-lo, correndo ao seu encontro. Nunca existiu uma família mais simples e mais feliz, até Peter Pan chegar.

A sra. Darling estava arrumando a cabeça dos filhos quando ouviu falar de Peter Pan pela primeira vez. A noite, depois que as crianças pegam no sono, as boas mães costumam entrar na cabeça delas e organizá-las para a manhã seguinte, recolocando nos devidos lugares as muitas coisas que ficaram esparramadas durante o dia.

Se você conseguisse ficar acordado (mas é claro que não consegue), veria sua mãe fazer isso e acharia divertido observá-la. É como arrumar gaveta. Você a veria ajoelhada, suponho, examinando o conteúdo de sua cabeça, tentando imaginar onde você pegou isso e aquilo, fazendo descobertas agradáveis e outras nem tanto, encostando alguma coisa no rosto como se fosse um gatinho e escondendo uma outra qualquer. De manhã, quando você acorda, as travessuras e as maldades que levou para a cama estão bem dobradas no fundo de sua cabeça, enquanto no alto, expostos com todo o capricho, estão os seus pensamentos mais bonitos, prontos para serem usados.

Não sei se você já viu o mapa da cabeça de uma pessoa. Os médicos às vezes mapeiam outras partes da gente, e o resultado pode ser muito interessante, mas experimente surpreendê-los quando tentam mapear a cabeça de uma criança, que não só é confusa, como nunca pára quieta. O mapa fica cheio de ziguezagues, como um gráfico de temperatura, e provavelmente essas linhas são as estradas da ilha, pois a Terra do Nunca sempre é mais ou menos uma ilha, com manchas coloridas aqui e ali e recifes de coral, e um vistoso navio ao longe, e índios e tocas solitárias, e gnomos que em geral são alfaiates, e grutas banhadas por um rio, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana quase caindo, e uma velhinha de nariz adunco. Se fosse só isso, até que seria fácil, mas há também o primeiro dia de aula, a religião, os pais, o laguinho redondo, o bordado e a costura, os assassinatos, os enforcamentos, os verbos que pedem objeto indireto, o dia de pudim de chocolate, os primeiros suspensórios, o "diga-trinta-e-três", os três vinténs em troca de arrancar o próprio dente e por aí afora. E, faça parte da ilha ou seja um outro mapa o que aparece por baixo, o fato é que tudo isso é muito confuso, principalmente porque nada pára quieto.

Naturalmente as Terras do Nunca variam muito. A de João, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos que a sobrevoavam e nos quais ele atirava, enquanto a de Miguel, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas que o sobrevoavam. João morava num barco emborcado na areia; Miguel, numa tenda de índio; Wendy, numa cabana de folhas muito bem costuradas. João não tinha amigos; Miguel tinha amigos à noite; Wendy tinha um lobinho de estimação que havia sido abandonado pelos pais. Mas de modo geral as Terras do Nunca se parecem como pessoas de uma mesma família, e, se ficassem paradas, em fila, poderíamos dizer que têm o mesmo nariz e assim por diante. É para essas praias mágicas que as crianças estão sempre levando seus barcos. Nós também estivemos lá; ainda conseguimos ouvir o barulho das ondas quebrando, se bem que nunca mais desembarcaremos lá.

De todas as ilhas aprazíveis, a Terra do Nunca é a mais aconchegante e a mais compacta, nem grande nem esparramada, com cansativas distâncias entre uma aventura e outra, mas com tudo maravilhosamente apinhado. Quando você brinca ali de dia, com as cadeiras e a toalha de mesa, ela não é nem um pouco assustadora, mas nos dois minutos antes de você pegar no sono ela se torna quase real. Por isso é que existem as lampadinhas de cabeceira que ficam acesas a noite toda.

Às vezes, viajando pela cabeça dos filhos, a sra. Darling encontrava coisas que

não conseguia entender. A mais intrigante era a palavra Peter. Ela não conhecia nenhum Peter, mas aqui e ali encontrava esse nome na cabeça de João e Miguel, enquanto na de Wendy ele começava a aparecer rabiscado por todo lado. Com letras maiores que as das outras palavras, o nome se destacava, e, observando-o, a sra. Darling achava que tinha uma aparência estranhamente arrogante.

— É, sim, ele é muito arrogante — Wendy admitiu com tristeza. Sua mãe andara lhe fazendo umas perguntas.

— Mas quem é ele, meu bem?

— É o Peter Pan, mamãe, você sabe.

No começo a sra. Darling não sabia, mas, depois de investigar sua própria infância, lembrou-se de um Peter Pan que, dizia-se, vivia com as fadas. Sobre ele circulavam histórias esquisitas. Contava-se, por exemplo, que, quando as crianças morriam, Peter Pan as acompanhava durante um pedaço do caminho, para que não tivessem medo. Na época a sra. Darling acreditava nele, mas, agora que estava casada e tinha juízo, duvidava que essa pessoa existisse.

— De qualquer modo, eleja deve ter crescido — concluiu.

— Não, ele não cresceu, não — Wendy respondeu com toda a segurança. — Ele é do meu tamanho.

Queria dizer que ele era do seu tamanho físico e mental. Ela nem imaginava como sabia disso. Apenas sabia.

A sra. Darling consultou o marido, que se limitou a sorrir, com ar de pouco-caso.

— Pode escrever o que eu vou dizer — ele comentou. — Isso deve ser alguma bobagem que a Naná enfiou na cabeça das crianças. É o tipo de idéia que só mesmo um cachorro teria. Esqueça! Isso vai passar.

Mas não passou, e pouco tempo depois o irritante garoto deu um tremendo susto na sra. Darling.

As crianças vivem as aventuras mais estranhas e não se impressionam nem um pouco. Podem se lembrar de mencionar, por exemplo, uma semana depois de o fato ter ocorrido, que quando estavam na floresta encontraram seu pai morto e brincaram com ele. Foi assim, com a maior naturalidade, que um dia de manhã Wendy fez uma revelação assombrosa. Foram encontradas no chão do quarto das crianças umas folhas de árvore que com certeza não estavam lá quando elas tinham ido dormir, e a sra. Darling tentava decifrar esse mistério quando Wendy falou, com um sorriso indulgente:



— Aposto que foi o Peter, de novo!

— Como assim?

— Foi muito feio ele não limpar o chão — Wendy suspirou.

Era uma menina muito caprichosa. Ela explicou com toda a naturalidade que às vezes Peter ia até seu quarto, à noite, sentava-se ao pé de sua cama e tocava flauta. Infelizmente ela nunca acordava, de maneira que nem imaginava como sabia disso. Apenas sabia.

— Que bobagem, querida! Ninguém pode entrar aqui sem bater na porta.

— Acho que ele entra pela janela — Wendy explicou.

— No terceiro andar, meu amor?!

— As folhas não estavam pertinho da janela?

Sim, estavam mesmo bem perto da janela.

A sra. Darling não sabia o que pensar. Para Wendy, tudo parecia tão natural que ela não podia simplesmente dizer que a filha havia sonhado.

— Por que não me contou isso há mais tempo, filhinha?

— Esqueci — Wendy respondeu, displicente; estava com pressa de ir tomar o café da manhã.

Ela havia sonhado, com certeza.

Mas as folhas eram reais. A sra. Darling examinou-as cuidadosamente e concluiu, com absoluta certeza, que não vinham de nenhuma árvore existente na Inglaterra. Tratou então de engatinhar pelo quarto, procurando, com a ajuda de uma vela, marcas de um pé estranho no assoalho. Depois remexeu a chaminé com o atiçador de brasas e bateu nas paredes. Por fim, jogou a fita métrica pela janela e calculou que nove metros a separavam do chão, sem uma única saliência onde alguém pudesse se agarrar.

Wendy havia sonhado, sem dúvida.

Mas Wendy não havia sonhado, como seria comprovado na noite seguinte, quando se iniciaram as extraordinárias aventuras dessas crianças.

Na noite em questão Naná estava de folga. A sra. Darling deu banho nos filhos, levou-os para a cama e cantou para eles até que, um a um, eles soltaram sua mão e partiram para a terra do sono. Achou-os tão seguros e tão bem acomodados que sorriu dos próprios receios e sentou-se tranqüilamente ao pé do fogo para costurar.

Estava fazendo a primeira camisa de Miguel, que a usaria em seu aniversário. No entanto, com o calor do fogo e a luz suave das três lâmpadas de cabeceira, deixou o

trabalho parado no colo. A sra. Darling pendeu a cabeça graciosamente e adormeceu. Vejam só esses quatro: Wendy e Miguel ali, João aqui, e a mãe deles junto da lareira. Devia haver uma quarta lâmpada para ficar acesa a noite toda.

A sra. Darling sonhou que a Terra do Nunca estava bem perto e que um estranho menino, vindo de lá, entrou no quarto. Não ficou com medo dele, pois pensou que já o havia visto no rosto de muitas mulheres que não têm filhos. Talvez se possa encontrá-lo também no rosto de algumas mães. No sonho, porém, ele tinha rasgado o véu que encobre a Terra do Nunca — e a sra. Darling viu Wendy, João e Miguel espiando pelo rasgão.

O sonho em si não teria a mínima importância, mas, enquanto ela sonhava, a janela do quarto se abriu e um menino saltou para dentro. Acompanhava-o uma estranha luz, que teria no máximo o tamanho do punho de uma criança e corria pelo quarto como uma coisa viva. Acho que foi essa luz que acordou a sra. Darling.

Soltando um grito de susto, ela pulou da poltrona, viu o menino e não teve dúvida de que se tratava de Peter Pan. Se você, eu ou Wendy estivéssemos lá, veríamos que ele se parecia muito com o beijo da sra. Darling. Um amor de menino, vestido de folhas e coberto da seiva que brota das árvores. Porém, o que tinha de mais fascinante eram os dentes: todos de leite. Quando percebeu que estava diante de uma mulher adulta, mostrou-lhe os dentes, quer dizer, as pequeninas pérolas de sua boca.



## 2. A sombra

A sra. Darling gritou, e, como se tivesse tocado a campainha, a porta se abriu e Naná entrou, interrompendo sua folga noturna. Rosnando, a babá saltou sobre o menino, que rapidamente pulou da janela. Mais uma vez a sra. Darling gritou — agora temendo pelo garoto, pois achava que ele havia morrido na queda — e correu para a rua a fim de procurar o corpo; entretanto, nada encontrou. Então olhou para cima e na noite escura viu apenas o que identificou como uma estrela cadente.

Ao voltar para o quarto dos filhos, a sra. Darling se deparou com Naná segurando na boca uma coisa que, conforme descobriu pouco depois, era a sombra de Peter Pan. Quando o menino saltou sobre o parapeito, a cadela havia corrido para fechar a janela e tentar impedir a fuga; não conseguiu, mas a sombra dele não teve tempo de escapar e ficou presa na janela.

Naturalmente a sra. Darling examinou a sombra com a maior atenção, porém constatou que era de um tipo bem comum.

Naná não tinha a menor dúvida do que devia fazer com aquela sombra. Pendurou-a do lado de fora da janela, certa de que o menino haveria de voltar para

buscá-la. E ali ele poderia pegá-la sem incomodar as crianças.

Infelizmente a sra. Darling não deixou a sombra ficar pendurada na janela: parecia roupa secando no varal e enfeiava a casa. Pensou em mostrá-la ao marido, mas ele estava entretido com os cálculos dos casacos de João e Miguel; até enrolara uma toalha molhada na cabeça para manter o cérebro bem esperto. A sra. Darling achou que seria um pecado perturbá-lo. Além do mais, sabia exatamente o que ele iria dizer: "É nisso que dá ter uma cadela como babá".

Assim, ela decidiu dobrar a sombra, guardá-la numa gaveta e esperar o momento adequado para contar ao marido. Que pena!

Esse momento surgiu uma semana depois, naquela sexta-feira inesquecível. Tinha que ser uma sexta-feira, é claro.

— Preciso tomar muito cuidado às sextas-feiras — ela passou a dizer depois disso, provavelmente enquanto Naná segurava sua mão.

— Não, não — o sr. Darling falava. — Eu sou o responsável por tudo. Eu, Jorge Darling, sou o único culpado. Mea culpa, mea culpa — dizia, ele que havia estudado latim.

Toda noite o casal relembrava aquela sexta-feira fatídica, até que cada detalhe se imprimiu em seus cérebros e apareceu do outro lado como a cara que se confunde com a coroa nas moedas malfeitas.

— Eu não devia ter aceitado aquele convite para jantar no número 27 — a sra. Darling suspirava.

— Eu não devia ter posto o meu remédio na tigela da Naná — o sr. Darling resmungava.

— Eu devia ter fingido que gostei do remédio — diziam os olhos molhados de Naná.

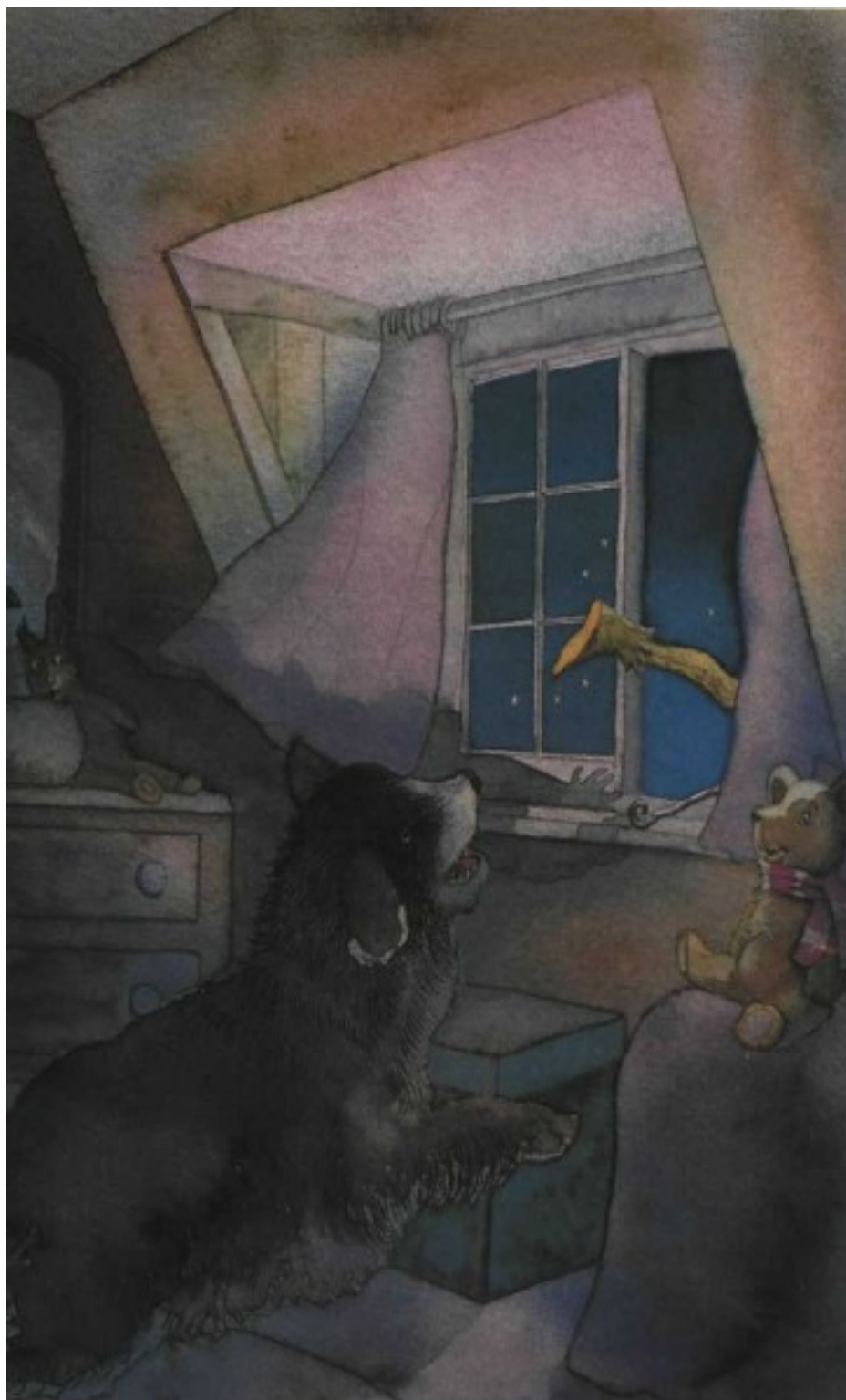
— Ah, Jorge, essa minha paixão por festa...

— Ah, querida, esse meu péssimo senso de humor...

— Ah, caros patrões, essa minha implicância com ninharias...

Então um deles se desesperava, Naná pensando: "É verdade, é verdade, eles não deviam ter uma cadela como babá". Muitas vezes era seu próprio patrão quem lhe enxugava os olhos com o lenço.

— Aquele demônio! — o sr. Darling exclamava, e Naná latia, fazendo-lhe eco, mas a sra. Darling nunca dizia nada contra Peter; no canto direito de sua boca havia algo que a impedia de xingá-lo.



Sentados no quarto vazio das crianças, os três lembravam com carinho os mínimos detalhes daquela horrível noite que havia começado de modo tão tranqüilo, como uma centena de outras noites, com Naná despejando a água para dar banho em Miguel e carregando-o nas costas até a banheira.

— Eu não quero ir dormir — ele gritou, como alguém que ainda acredita ter a última palavra sobre o assunto. — Não quero, não quero, não quero. Ainda não são nem seis horas, Naná. Que pena! Eu não vou mais gostar de você, ouviu? Eu não quero tomar banho! Não, não e não!

Então a sra. Darling entrou. Estava com seu vestido de gala branco, e o pusera tão cedo porque Wendy gostava de vê-la nessa roupa, com o colar que Jorge lhe dera. Estava usando o bracelete da filha. Wendy adorava emprestar-lhe seu bracelete.

Nesse momento as duas crianças mais velhas brincavam que eram os pais quando Wendy havia nascido. João dizia:

— Tenho o prazer de lhe informar, sra. Darling, que agora a senhora é mãe.

O tom era exatamente o mesmo que o sr. Darling poderia ter usado na ocasião. Wendy dançava de alegria, tal como a verdadeira sra. Darling provavelmente havia feito.

Depois foi João quem nasceu, com toda a pompa que na opinião dele acompanhava o nascimento de um menino, e Miguel saiu do banho pedindo para nascer também, mas João disse, com toda a brutalidade, que não queriam mais nenhum filho.

Miguel quase chorou.

— Ninguém me quer — reclamou, e naturalmente a dama de vestido de gala não poderia suportar isso.

— Eu quero você — ela respondeu. — Quero muito um terceiro filho.

— Menino ou menina? — Miguel perguntou sem muita esperança.

— Menino.

E ele então correu para os braços da mãe.

Isso tinha sido uma coisa bem pequena para lembrarem agora, mas não tão pequena se considerarmos que aquela seria a última noite de Miguel no quarto das crianças.

Os três continuaram com suas recordações.

— Foi então que eu entrei feito um furacão, não foi? — dizia o sr. Darling, caçoando de si mesmo.

E de fato havia entrado como um furacão. Talvez tivesse desculpa. Também

estava vestido para ir à festa e se saía muito bem até o momento de pôr a gravata. É impressionante, mas esse homem que sabia tanto sobre ações e bolsa de valores não tinha o mínimo controle sobre sua própria gravata. Às vezes conseguia fazê-la obedecer sem lutar, mas havia ocasiões em que seria melhor para a família se ele deixasse o orgulho de lado e usasse uma gravata pronta para colocar no pescoço.

Essa foi uma de tais ocasiões. Ele entrou correndo no quarto das crianças, com a maldita gravata toda amassada na mão.

— Qual é o problema, papai querido?

— Problema! — ele gritou; literalmente gritou. — Esta gravata não quer ser amarrada de jeito nenhum — e se tornou perigosamente sarcástico. — Não no meu pescoço, pelo menos. No pé da cama, sim, com toda a certeza. Amarrei a desgraçada vinte vezes no pé da cama, mas no meu pescoço, não! Ah, não!

Achando que a sra. Darling não estava suficientemente impressionada, ele continuou, implacável:

— Estou avisando, mãe: se esta gravata não ficar no meu pescoço, nós não vamos sair para jantar, e, se eu não sair para jantar, nunca mais irei ao escritório, e, se eu nunca mais for ao escritório, nós dois vamos morrer de fome e os nossos filhos acabarão jogados na rua.

Nem isso perturbou sua esposa.

— Deixe-me tentar, meu bem — ela disse.

Na verdade, era exatamente isso o que o sr. Darling queria, e com aquelas mãos lindas e calmas ela amarrou a gravata no pescoço do marido, enquanto as crianças os rodeavam aguardando a decisão sobre seu destino. Alguns homens ficariam chateados com uma esposa tão competente para arrumar uma gravata, mas o sr. Darling estava acima de tais mesquinhas; assim, agradeceu despreocupado, imediatamente esqueceu a raiva e no momento seguinte estava dançando pelo quarto, com Miguel de cavalinho em seus ombros.

— Como brincamos naquele dia! — suspirava agora a sra. Darling.

— Pela última vez! — o sr. Darling grunhia.

— Você se lembra que o Miguel me perguntou de repente: "Como foi que você me conheceu, mamãe?".

— Claro!

— Eles eram uns amores. Não eram, Jorge?

— E eram nossos, nossos! E agora foram embora!

A brincadeira terminou com a chegada de Naná. O sr. Darling teve o azar de esbarrar na cachorra, enchendo as calças de pêlos. Além de serem novas, essas calças eram as primeiras de sutache que ele havia comprado na vida, de modo que teve de morder os lábios para não chorar. Naturalmente a sra. Darling as escovou, mas ele começou de novo a dizer que não deviam ter uma cadela como babá.

— Jorge, a Naná é uma jóia preciosa.

— Claro que é, mas às vezes eu tenho a desagradável impressão de que ela vê as crianças como cachorrinhos.

— Não, querido! Ela sabe que as crianças têm alma, não há dúvida.

— Não sei, não — o sr. Darling respondeu, pensativo.

Era a oportunidade que sua esposa esperava para lhe falar sobre o menino. No começo ele riu da história toda, mas ficou muito sério quando a sra. Darling lhe mostrou a sombra.

— Não é ninguém que eu conheça — declarou, examinando a sombra atentamente —, mas parece um salafrário.

— Ainda estávamos conversando sobre isso — dizia agora o sr. Darling —, quando a Naná entrou com o remédio do Miguel. Nunca mais você vai carregar o vidro na boca, Naná, e a culpa é toda minha.

Apesar de ser um homem forte, ele sem dúvida havia se comportado bobamente com relação ao remédio. Se tinha um ponto fraco, era aquele de pensar que durante toda a vida havia tomado remédio corajosamente, de modo que agora, quando Miguel tinha virado a colher para a boca de Naná, ele dissera num tom de desaprovação:

— Seja homem, filho!

— Não tomo, não tomo, não tomo! — Miguel gritou.

A sra. Darling saiu do quarto e foi buscar um chocolate para o filho, e o sr. Darling viu nisso falta de firmeza.

— Pare de mimar esse garoto, mãe — gritou para ela. — Quando eu tinha a sua idade, Miguel, tomava remédio sem dar um pio. Eu dizia: "Obrigado, queridos pais, por me darem remédio para eu ficar bom".

O sr. Darling acreditava que isso era verdade. Wendy, que agora estava de camisola, acreditava também, e perguntou-lhe para encorajar o irmão:

— Aquele remédio que você às vezes toma é muito pior, não é, papai?



— Infinitamente pior — o pai respondeu, todo gabola.

— Se não tivesse perdido o vidro, Miguel, eu o tomara agora só para lhe dar o exemplo.

Acontece que ele não tinha perdido o vidro: na calada da noite, escondera-o bem no alto do guarda-roupa. Não sabia que a fiel Liza o havia encontrado e recolocado no armário do banheiro.

— Eu sei onde está — Wendy informou ao pai, contente como sempre por lhe prestar serviço. — Vou lá buscá-lo.

E, antes que o pai pudesse detê-la, saiu do quarto. O sr. Darling perdeu toda a coragem de repente.

O sr. Darling ficou terrivelmente envergonhado, mas não se deu por vencido. Naquele silêncio pavoroso, a sra. Darling cheirou a vasilha da cadela.

— Jorge, é o seu remédio! — exclamou.

— Foi só uma brincadeira — ele grunhiu, enquanto sua mulher consolava os meninos e Wendy abraçava Naná.

— Tudo bem — suspirou amargurado. — É isso o que eu ganho por me arrebrantar à toa para ser engraçado nesta casa.

E Wendy continuou abraçando Naná.

— Tudo bem — o sr. Darling recomeçou, aos berros. — Faça carinho nela. Em mim ninguém faz carinho. Não mesmo! Eu sou o burro de carga, o sustento da família! Por que haveriam de me dar um carinho? Por quê? Por quê?

— Não grite, Jorge — a sra. Darling implorou. — Os empregados vão ouvir!

Tinham se habituado a chamar Liza de "os empregados".

— Pois que ouçam! — ele respondeu. — Que o mundo inteiro ouça! Não vou permitir que essa cadela continue governando este quarto por mais uma hora que seja!

As crianças choraram e Naná correu para ele, suplicante, mas o sr. Darling fez sinal para que se afastasse. Sentia-se novamente forte.

— É inútil, não adianta — gritou. — O seu lugar é no quintal, onde vou amarrar você agora mesmo.

— Jorge, Jorge — a sra. Darling murmurou —, lembre-se do que lhe falei sobre aquele garoto.

Infelizmente ele não lhe deu ouvidos. Estava decidido a mostrar quem mandava naquela casa. E, já que com suas ordens não conseguia tirar Naná da casinha, apelou

para palavras melosas, e, assim que a teve ao alcance da mão, agarrou-a rudemente e arrastou-a para fora. Estava envergonhado por agir dessa forma, porém não voltou atrás. Tudo por causa de sua natureza excessivamente afetuosa, ávida de admiração. Depois de amarrar a cadela no quintal, o pobre pai sentou-se no corredor com a cabeça entre as mãos.

Enquanto isso a sra. Darling tinha posto os filhos na cama, em meio a um silêncio incomum, e acendera as lâmpadas de cabeceira. As crianças ouviram os latidos de Naná e João choramingou:

— Ela está triste porque o papai a amarrou lá no quintal.

Wendy, porém, era mais sabida:

— Não é latido de tristeza — corrigiu, sem atinar com o que estava para acontecer.

— É latido de quando ela fareja perigo.

Perigo!

— Tem certeza, Wendy?

— Tenho.

A sra. Darling estremeceu e foi até a janela: estava bem fechada. Olhou para fora e o céu estava coalhado de estrelas, todas se apinhando em volta da casa, como se ardessem de curiosidade para ver o que ia acontecer ali. Mas a sra. Darling não percebeu isso, nem notou que uma ou duas estrelas menores piscaram para ela. No entanto, um medo sem nome apertou seu coração e a fez exclamar:

— Ah, como eu queria não ter que ir a essa festa agora à noite!

Até Miguel, que já estava quase dormindo, percebeu o nervosismo da mãe e perguntou:

— Será que alguma coisa ruim pode acontecer com a gente, quando as lâmpadas estão acesas?

— Não, querido — ela respondeu. — Essas lâmpadas são os olhos que as mães deixam abertos para guardar os filhos.

Dito isso, a sra. Darling foi de uma cama à outra, abençoando cada um de seus filhos, e o pequeno Miguel se atirou em seus braços.

— Eu adoro você, mamãe! — o menino exclamou. Essas foram as últimas palavras que ele lhe diria durante muito tempo.

A casa de número 27 ficava a alguns metros de distância, mas, como havia caído um pouco de neve, papai e mamãe Darling caminhavam com o máximo cuidado para não

sujar os sapatos. Eram as únicas pessoas que estavam na rua, e todas as estrelas os observavam. As estrelas são lindas, mas não podem participar ativamente de nada, só observar. Isso se deve a um castigo que receberam por alguma coisa que fizeram há tanto tempo que nenhuma delas sabe do que se trata. As mais velhas ficaram meio apalermadas e raramente falam (a linguagem das estrelas consiste em piscar), porém as mais novas ainda se interessam pelas coisas. Para falar a verdade, as estrelas não são amigas de Peter, que tem a horrível mania de se aproximar delas por trás, às escondidas, e soprar para tentar apagá-las. Mas elas gostam tanto de se divertir que nessa noite tomaram o partido do menino e não viam a hora de afastar os adultos. Assim, logo que o sr. e a sra. Darling entraram na casa de número 27 e a porta se fechou, houve uma grande empolgação no firmamento e a estrela menorzinha da Via Láctea gritou:

— Agora, Peter!



### **3. Vamos embora!**

Depois que o casal Darling saiu, as lâmpadas de cabeceira das três crianças continuaram acesas, iluminando o quarto por mais algum tempo. Elas eram lindas, e acharíamos ótimo se tivessem ficado acordadas para ver Peter. Acontece, porém, que a lâmpada de Wendy logo começou a piscar e a bocejar tanto, que as outras duas também se puseram a bocejar, e antes mesmo que fechassem a boca, todas as três se apagaram.

Agora havia outra luz no quarto, mil vezes mais forte que a das lampadinhas, e, no tempo que levamos para dizer isso, ela entrou em todas as gavetas, vasculhou o guarda-roupa e virou pelo avesso bolso por bolso, procurando a sombra de Peter. Não era exatamente uma luz, mas alguma coisa que faiscava com incrível rapidez, deixando atrás de si rastros luminosos. Quando ela parava por um segundo, podia-se ver que se tratava de uma fada e que não era maior do que a mão de uma criança, pois ainda estava em fase de crescimento. Ela se chamava Sininho e estava vestida com uma folha minúscula, de

corte reto, que lhe caía muitíssimo bem. Sininho tinha uma ligeira tendência a engordar.

Um instante depois que ela apareceu, a janela se escancarou com o sopro das estrelinhas e Peter entrou no quarto. Tinha carregado Sininho durante uma parte do trajeto e estava com a mão coberta de poeira de fada.

— Sininho — ele chamou em voz baixa, depois de verificar que as crianças estavam dormindo. — Si, onde foi que você se meteu? — Naquele exato momento ela acabava de se meter dentro de uma jarra e não cabia em si de felicidade, pois era a primeira vez que entrava numa jarra. — Ora, saia daí e me diga: você descobriu onde eles puseram a minha sombra?

A resposta foi um tlintlim tão lindo que parecia produzido por sinos de ouro. É assim que as fadas se comunicam. As crianças comuns nunca ouvem essa linguagem, mas, se ouvissem, saberiam que já a haviam escutado antes.

Sininho disse que a sombra estava na caixa grande, ou seja, na cômoda. Peter correu para as gavetas e com as duas mãos jogou no chão tudo o que continham. Parecia um rei jogando moedas para a multidão. Num instante recuperou a sombra e, em sua alegria, nem reparou que acabou fechando a gaveta com Sininho lá dentro.

Não acredito que esse menino pensasse, mas, se pensou em alguma coisa, foi que ele e sua sombra haveriam de se unir como gotas de água quando se aproximam. No entanto, não foi o que aconteceu, e Peter ficou apavorado. Tentou colar a sombra com sabonete, mas não conseguiu. Tremendo dos pés à cabeça, sentou-se no chão e desatou a chorar.

Seus soluços acordaram Wendy. Ela se sentou na cama e, longe de se assustar com a presença de um estranho chorando no chão do quarto, só ficou muito curiosa.

— Por que você está chorando, menino? — perguntou com toda a educação.

Peter também conseguia ser muito educado, já que aprendera boas maneiras nas cerimônias das fadas. Assim, levantou-se e fez uma bela reverência. Contento com os modos dele, Wendy também lhe fez uma reverência, sem sair da cama.

— Como você se chama? — ele quis saber.

— Wendy Moira Angela Darling — ela respondeu com certa satisfação. — E você?

— Peter Pan.

Wendy já tinha certeza de que o menino era Peter, mas achou o nome comparativamente curto.

— Só?...

— Só — ele confirmou num tom seco; pela primeira vez na vida se deu conta de que seu nome era meio curto.

— Desculpe — Wendy Moira Angela falou.

— Tudo bem — resmungou Peter.

Ela perguntou onde ele morava.

— Segunda à direita e sempre em frente até o dia amanhecer — foi a resposta.

— Que endereço engraçado!

Peter não gostou nem um pouco desse comentário. Pela primeira vez na vida lhe ocorreu que talvez o endereço fosse mesmo engraçado.

— Não é, não — resmungou de novo.

Lembrando-se de que era a anfitriã, Wendy corrigiu, educadamente:

— Quer dizer, é isso o que escrevem nas cartas?

Ele preferia que Wendy não tivesse tocado nesse assunto.

— Eu não recebo carta nenhuma — declarou com ar de desprezo.

— Mas a sua mãe recebe?

— Eu não tenho mãe.

Peter não só não tinha mãe, como não sentia a menor vontade de ter. Achava que se dava a elas um valor exagerado. Wendy, no entanto, percebeu de imediato que estava diante de uma tragédia.

— Ah, por isso é que você estava chorando — concluiu, e, saindo da cama, correu para ele.

— Eu não estava chorando por causa de mãe nenhuma — ele replicou indignado.

— Estava chorando porque não consigo colar a minha sombra em mim. Além do mais, eu não estava chorando.

— Ela descolou?

Então Wendy viu a sombra no chão, toda amarfanhada, e sentiu muita pena de Peter.

— Que horror! — exclamou, mas não pôde deixar de sorrir quando verificou que ele havia tentado colar a sombra com sabonete. Só mesmo um menino para ter uma idéia dessas.

Por sorte Wendy logo descobriu o que devia fazer.

— Precisa costurar — informou com um certo ar de superioridade.

— Como assim... costurar? — ele se espantou.

— Mas você é ignorante, hein!

— Não sou, não!

Na verdade, Wendy estava feliz da vida com a ignorância do visitante.

— Vou costurá-la para você, rapazinho — falou, embora o menino fosse da mesma altura que ela; em seguida pegou sua caixa de costura e se preparou para costurar a sombra no pé de Peter. — Acho que vai doer um pouco — avisou.

— Tudo bem, eu não vou chorar — Peter declarou, já acreditando que nunca tinha chorado na vida. Apertou os dentes e de fato não chorou. Logo sua sombra estava no devido lugar, apesar de um tanto amarrotada.

— Acho que teria sido melhor passá-la a ferro — disse Wendy pensativa, mas Peter, como todo menino, não se importava nem um pouco com a aparência e agora dava pulos de alegria. Esquecendo-se de que devia tanta felicidade a Wendy, pensava que ele próprio havia costurado a sombra.

— Ah, como eu sou esperto! — gritou, encantado consigo mesmo.

É uma vergonha ter de confessar que esse convencimento era uma das qualidades mais fascinantes de Peter. Para falar com toda a franqueza, nunca existiu um menino mais convencido. Naquele momento, porém, Wendy estava chocada.

— Mas é muita pretensão! — exclamou terrivelmente sarcástica. — E eu não fiz nada, não é?

— Você fez um pouquinho — o garoto respondeu com indiferença, e continuou dançando.

— Um pouquinho! — Wendy bufou, toda empertigada.

— Se não sirvo para nada, posso muito bem me retirar — acrescentou, deitando-se na cama e puxando a coberta até a cabeça.

Para induzi-la a mostrar o rosto, Peter fingiu que ia embora. O truque não funcionou. Então ele se sentou ao pé da cama e delicadamente cutucou a menina com o pé.

— Não se retire — pediu. — Eu sempre faço esse estardalhaço quando estou contente comigo mesmo.

Wendy continuou embaixo da coberta, mas ouvindo-o com toda a atenção. Então, numa voz à qual nenhuma mulher conseguiria resistir, ele declarou:

— Uma menina vale mais do que vinte meninos.





Sentindo-se agora mulher da cabeça aos pés, embora a distância entre esses dois pontos não fosse lá muito grande, Wendy descobriu um pouco o rosto.

— Você acha mesmo isso? — perguntou.

— Claro!

— Você é um amor! — ela exclamou, acrescentando: — Vou me levantar de novo.

Dito isso, sentou-se com o menino na beira da cama e disse que lhe daria um beijo, se ele quisesse. Sem ter a menor idéia do que vinha a ser um beijo, Peter estendeu a mão, esperando.

Será que você não sabe o que é beijo? — ela perguntou espantada.

Vou saber quando você me der um — ele respondeu um tanto ríspido, e, só para não desapontá-lo, Wendy lhe deu um dedal. — E agora é a minha vez de lhe dar um beijo? — perguntou Peter.

Se você quiser... — ela disse com ligeira afetação, oferecendo-lhe a face de um jeito que chegava a ser um pouco vulgar. Peter, no entanto, colocou na mão dela uma bolota de carvalho que usava como botão. Diante disso, Wendy endireitou a cabeça e afirmou educadamente que usaria aquele beijo pendurado em sua correntinha. Ainda bem que pôs o botão na correntinha, pois mais tarde ele salvaria sua vida.

Em nosso meio social costumamos perguntar a idade das pessoas que nos são apresentadas. Sempre querendo agir corretamente, Wendy perguntou a Peter quantos anos ele tinha. Não foi uma boa pergunta; ao contrário, foi como se um professor propusesse questões de gramática a um aluno que se preparou para fazer uma prova de história.

— Não sei — ele respondeu meio sem graça. — Mas sou muito jovem. — De fato, não sabia qual era sua idade, apenas desconfiava, porém informou casualmente: — Eu fugi de casa no dia em que nasci.

Wendy ficou espantadíssima e ao mesmo tempo muito interessada. Com um gesto gracioso, digno de uma menina bem-criada, tocou a camisola, indicando que lhe dava permissão para se sentar mais perto dela.

— Ouvi os meus pais conversando sobre o que eu devia ser quando crescesse — Peter explicou, quase cochichando.

— Mas eu não quero crescer! — acrescentou, terrivelmente agitado. — Sempre quis ser criança e me divertir. Por isso, corri para o parque Kensington e durante muito tempo vivi com as fadas.

Wendy olhou-o com imensa admiração, não porque ele havia fugido de casa, como Peter pensou, mas porque conhecia as fadas. Ela levava uma vida tão normal que ficou encantada por estar diante de alguém que conhecia as fadas. Assim, perguntou-lhe um monte de coisas sobre elas, surpreendendo-o muito, pois Peter as achava terrivelmente chatas: viviam se intrometendo em sua vida e às vezes o aborreciam de tal modo que o obrigavam a lhes dar uma boa surra. Apesar de tudo, porém, o menino gostava delas e contou a Wendy como essas criaturas surgiram.

— Sabe, quando o primeiro bebê do mundo riu pela primeira vez, essa risada se quebrou em mil pedaços que saíram pulando por aí, e foi assim que apareceram as fadas.

Conversa sem graça, essa. Mas Wendy, que era tão caseira, estava gostando muito.

— Portanto — Peter continuou com toda a boa vontade —, deveria existir uma fada para cada criança.

— Deveria...? Quer dizer que não existe?

— Não. Hoje em dia as crianças são tão sabidas que logo deixam de acreditar em fada. Toda vez que uma criança diz:

"Eu não acredito em fada", em algum lugar uma fada morre.

A essa altura ele achava que já tinham falado demais sobre fadas e estava preocupado com o silêncio de Sininho.

— Onde será que ela se meteu? — perguntou, levantando-se e chamando Sininho pelo nome.

Com o coração disparado, Wendy agarrou o menino e exclamou:

— Não me diga que uma fada está aqui no quarto!

— Ela estava aqui agorinha mesmo — Peter respondeu meio impaciente. — Você não consegue ouvi-la, consegue?

Os dois prestaram atenção, e depois de alguns segundos Wendy declarou:

— Só estou escutando um barulhinho parecido com um tlintlim de sino.

— Pois é a Sininho! Essa é a língua das fadas. Acho que também estou escutando.

O tilintar vinha da cômoda, e o rosto de Peter se alegrou. Ninguém sabia mostrar tanta alegria como ele, e sua risada parecia o murmurar de um riacho correndo pelas pedras. Peter ainda conservava seu primeiro riso.

— Acho que fechei a gaveta com ela dentro! — cochichou.

Assim que se viu livre, Sininho se pôs a voar pelo quarto, gritando furiosa.

— Você não devia dizer essas coisas, Si — o menino a repreendeu. — Eu sinto muito, é claro, mas como é que eu podia saber que você estava lá na gaveta? Sem lhe dar ouvidos, Wendy perguntou:

— Será que ela não podia parar quieta e me deixar vê-la?

— Elas nunca param quietas — Peter explicou, mas por um segundo Wendy viu a romântica figura pousar no relógio de cuco.

— Que linda! — exclamou, embora o rosto de Sininho ainda estivesse retorcido de raiva.

— Si, esta senhora disse que gostaria que você fosse a fada dela — Peter explicou amavelmente a Sininho, que lhe deu uma resposta insolente.

— O que foi que ela falou?

— A Si não é muito educada — Peter respondeu, traduzindo em seguida: — Ela falou que você é uma menina feia e grandalhona e que ela é minha fada.

Depois ele tentou argumentar com Sininho:

— Você sabe que não pode ser minha fada, porque eu sou um cavalheiro e você é uma dama.

Sininho rebateu com duas palavras apenas:

— Seu burro! — e se escondeu no banheiro.

— Ela é uma fada bem comum — Peter explicou, desculpando-se. — Chama-se Sininho e vive consertando panela.

Agora os dois estavam sentados na poltrona e Wendy despejava sobre Peter mais um monte de perguntas.

— Se você não mora mais no parque Kensington...

— Às vezes eu ainda moro lá.

— Mas onde você fica a maior parte do tempo?

— Com os Meninos Perdidos.

— Quem são eles?

— São os meninos que caem do carrinho quando a babá se distrai. Se ninguém os procura dentro de sete dias, eles são mandados para a Terra do Nunca para pagar as despesas. Eu sou o chefe.

— Deve ser divertido!

— É — o esperto garoto confirmou —, mas nós ficamos muito sozinhos. Não

temos companhia feminina.

— Lá não existe menina?

— Não. As meninas são sabidas demais para cair do carrinho.

Sua explicação deixou Wendy feliz da vida.

— Acho maravilhosa a maneira como você fala da gente — declarou, acrescentando: — O João ali tem o maior desprezo pelas meninas.

A resposta de Peter foi levantar-se e chutar João para fora da cama, com cobertor e tudo. Wendy achou essa atitude muito atrevida para um primeiro encontro e corajosamente lhe disse que em sua casa ele não era chefe. Mas João continuou dormindo tão tranqüilo no chão que ela o deixou ficar.

— Sei que você só quis ser gentil — disse Wendy, mais condescendente. — Portanto, pode me dar um beijo.

Tinha esquecido a absoluta ignorância de Peter no que se refere a beijos.

— Bem que eu pensei que você ia querê-lo de volta — ele resmungou, meio amargurado, e se prontificou a lhe devolver o dedal.

— Coitado... — Wendy murmurou. — Eu não quis dizer beijo, quis dizer dedal.

— O que é isso?

— É isto — ela respondeu, e o beijou.

— Engraçado! — Peter exclamou muito sério. — E agora é a minha vez de lhe dar um dedal?

— Se você quiser — ela disse, mantendo no entanto a cabeça bem reta.

Peter lhe tascou um dedal, e quase no mesmo instante Wendy soltou um grito.

— O que foi? — ele perguntou.

— Eu tive a impressão de que alguém puxou o meu cabelo.

— Só pode ter sido a Si. Nunca vi essa fadinha se comportar tão mal.

De fato, Sininho estava novamente voando para lá e para cá e despejando desaforos.

— Ela falou que vai fazer isso com você toda vez que eu lhe der um dedal.

— Mas por quê?

— Por que, Si?

— Seu burro! — Sininho o xingou de novo.

Peter não entendeu por que, mas Wendy entendeu perfeitamente. E ficou meio desapontada quando ele revelou que ia até a janela do quarto das crianças para ouvir

histórias e não para vê-la.

— Não conheço nenhuma história. Os Meninos Perdidos não conhecem nenhuma história.

— Que horror!

— Você sabe por que as andorinhas constroem o ninho no beirai das casas? Para ouvir as histórias. Outro dia a sua mãe estava contando uma tão linda para você...

— Qual?

— A do príncipe que não conseguia encontrar a moça que usava o sapato de cristal.

— A da Cinderela! — Wendy exclamou, empolgada. — No fim ele encontrou a moça e os dois foram felizes para sempre!

Peter ficou tão contente que se levantou do chão, onde ambos haviam se sentado, e correu para a janela.

— Aonde você vai? — Wendy perguntou com medo.

— Vou contar para os outros meninos.

— Não vá! — ela suplicou. — Eu conheço uma porção de histórias.

Suas palavras foram exatamente essas, de modo que não há como negar que ela o tentou primeiro.

Peter voltou atrás. A expressão de gula que estava agora em seus olhos poderia ter assustado Wendy, porém não a assustou.

— Ah, as histórias que eu poderia contar para os outros meninos! — ela exclamou, então Peter a agarrou e começou a puxá-la na direção da janela. — Largue-me! — ela ordenou.

— Venha comigo e conte para os outros meninos.

É claro que Wendy ficou radiante com o convite, mas respondeu:

— Que pena, eu não posso! O que será da mamãe? E, além do mais, eu não sei voar.

— Eu ensino.

— Ah, que delícia voar!

— Eu ensino você a montar nas costas do vento e aí a gente vai embora.

— Oooh! — ela exclamou, encantada.

— Em vez de ficar dormindo nessa sua cama boba, você podia estar voando comigo e dizendo gracinhas para as estrelas.

— Oooh!

— E existem as sereias.

— Sereias? Com cauda e tudo?

— Com cada cauda deste tamanho!

— Ah, quem me dera ver uma sereia!

Peter estava se tornando simplesmente irresistível.

— Todos nós vamos ter o maior respeito por você.

Wendy se contorcia, agoniada. Parecia que estava se esforçando para se prender ao chão do quarto. Mas o espertinho não teve dó nem piedade.

— Você podia cobrir a gente à noite.

— Oooh!

— Nunca ninguém cobriu a gente na hora de dormir.

— Oooh... — Wendy estendeu-lhe os braços.

— E você podia cerzir as nossas roupas e fazer bolsos para nós. Nenhum de nós tem bolso.

Como ela poderia resistir?

— É maravilhoso! — Wendy exclamou. — Você pode ensinar o João e o Miguel a voar também?

— Se você quiser — Peter respondeu com indiferença.

Ela correu para os irmãos e os sacudiu.

— Acordem! — gritou. — Peter Pan está aqui e vai ensinar a gente a voar.

João esfregou os olhos.

— Então eu vou me levantar — anunciou. E claro que já estava no chão. — Pronto!

Miguel também havia se levantado, acordadíssimo, mas de repente Peter fez sinal para que todos ficassem em silêncio. Seus rostos adquiriram aquela terrível esperteza das crianças que ficam ouvindo barulhos do mundo dos adultos. O silêncio era absoluto. Então, estava tudo bem. Não, não! Parem! Estava tudo errado. Naná, que havia latido com aflição a noite inteira, agora estava quieta. Foi o seu silêncio que eles tinham ouvido!

— Apaguem a luz! Escondam-se! Rápido! — João ordenou, assumindo o comando pela única vez em toda a aventura.

Assim, quando Liza entrou trazendo Naná, o quarto das crianças parecia absolutamente normal. Ela seria capaz de jurar que seus três ocupantes dormiam como

uns anjos, ressonando angelicalmente. De fato, os malandrinhos ressonavam, porém não em suas respectivas camas, mas escondidos atrás das cortinas.

Liza estava de mau humor. Até aquele momento se encontrava na cozinha, preparando bolos para o Natal, e as suspeitas absurdas de Naná a afastaram do trabalho, sem lhe dar tempo nem de tirar a uva passa que havia grudado em seu queixo. Pensou então que a única maneira de conseguir um pouco de sossego era levar a cadela até o quarto das crianças — presa na corrente, é claro.

— Pronto, bicho desconfiado — Liza grunhiu, sem de mostrar nenhuma pena da aflita babá. — Tudo em paz... Viu? Todos os seus anjinhos dormem como umas pedras. Escute só como eles estão ressonando calmamente.

Animado com seu sucesso, Miguel ressonou tão alto que quase pôs tudo a perder. Naná conhecia aquele tipo de respiração e tentou se libertar. Mas Liza não compreendia bem as coisas.

— Agora chega — ela decidiu, arrastando a cadela para fora. — Olhe aqui, se você latir de novo, eu vou chamar o patrão e a patroa lá na festa, e você vai levar uma bela surra.

Liza prendeu de novo a pobre babá, mas quem disse que ela parou de latir? Ir chamar o patrão e a patroa lá na festa? Ora, era exatamente isso o que Naná queria. Não se importava de levar uma surra, desde que seus pupilos estivessem seguros. Infelizmente Liza voltou a se ocupar dos bolos, enquanto a cadela, vendo que a empregada não a ajudaria, começou a puxar a corrente com tanta força que acabou por quebrá-la. Então correu para a casa de número 27, entrou na sala de jantar feito um rojão e levantou as patas bem alto. Era sua maneira mais expressiva de se comunicar. Imediatamente o sr. e a sra. Darling compreenderam que alguma coisa horrível estava acontecendo no quarto das crianças, e, sem ao menos se despedir dos donos da casa, saíram correndo.

Mas fazia já dez minutos que os três malandrinhos haviam ressonado atrás da cortina, e Peter Pan consegue fazer um monte de coisas em dez minutos.

Agora voltemos para o quarto das crianças.

— Está tudo bem — João anunciou, saindo do esconderijo. — É verdade mesmo que você sabe voar, Peter?

Em vez de se dar ao trabalho de responder, Peter fez um vôo pelo quarto, roçando a lareira no trajeto.

— Fantástico! — João e Miguel exclamaram.

— Lindo! — exclamou Wendy.

— Viram só? Eu sou lindo, sou lindo! — Peter gritou, esquecendo de novo a boa educação.

Parecia muito fácil, e os três também tentaram voar, primeiro decolando do chão e depois da cama, mas sempre iam para baixo e não para cima.

— Como é que você consegue? — João perguntou, esfregando o joelho. Ele era um menino muito prático.

— É só pensar numas coisas bem gostosas que elas levantam a gente no ar — Peter explicou, e voou mais uma vez para lhes mostrar.

— Está muito rápido — João reclamou. — Você não pode voar mais devagar?

Peter voou bem devagar e bem rápido.

— Já aprendi! — João anunciou, mas logo descobriu que não tinha aprendido coisa nenhuma.

Peter não sabia a diferença entre A e Z, ao passo que até mesmo Miguel já sabia o que é dissílabo. No entanto, nenhum dos três irmãos conseguia voar sequer um centímetro. Naturalmente Peter estava brincando com eles, pois é impossível levantar vôo sem poeira de fada. Por sorte, como dissemos, uma das mãos de Peter estava coberta de poeira de fada; ele então soprou um pouco em cada uma das crianças e o resultado foi maravilhoso.

— Agora mexam os ombros, assim — explicou —, e deixem que a coisa aconteça.

Os três estavam em suas respectivas camas, e o primeiro a deixar acontecer foi o corajoso Miguel. Não era bem isso o que ele pretendia, mas foi o que fez, e imediatamente se viu carregado pelo quarto.

— Eu voei! — gritou, ainda no ar.

João também deixou acontecer e encontrou Wendy perto do banheiro.

— Que beleza!

— Que delícia!

— Olhem para mim!

— Olhem para mim!

— Olhem para mim!

Os irmãos não tinham nem sombra da elegância de Peter e não conseguiam parar de espernear, mas tocavam o teto com a cabeça, e na prática não existe nada tão gostoso



como isso. No começo Peter deu uma mãozinha a Wendy, mas desistiu de ajudá-la porque Sininho estrilou.

E eles subiam, desciam, rodeavam o quarto.

— Divino! — Wendy repetia sem parar.

— Por que a gente não vai voar lá fora? — João perguntou.

Claro, era isso mesmo o que Peter desejava.

Miguel estava pronto: queria ver quanto tempo levaria para percorrer um bilhão de quilômetros. Wendy, no entanto, hesitou.

— As sereias! — Peter lembrou.

— Oooh!

— E os piratas.

— Piratas! — João exclamou, pegando seu chapéu domingueiro. — Vamos logo!

Foi nesse exato momento que o sr. e a sra. Darling saíram correndo com Naná da casa de número 27. No meio da rua olharam para a janela do quarto das crianças: sim, continuava fechada, porém a luz era intensa, e o mais assustador foi ver, projetadas na cortina, as sombras de três pequenos vultos com roupa de dormir dando voltas pelo quarto — não no chão, mas no ar. Três pequenos vultos? Não: quatro!

Tremendo, eles abriram a porta da frente. O sr. Darling queria correr escada acima, porém a sra. Darling lhe fez sinal para subir com calma. Ela até tentou fazer seu coração bater devagar.

Será que vão chegar a tempo no quarto das crianças? Se chegarem, ficarão felizes da vida e todos respiraremos aliviados, mas será o fim da história. Por outro lado, se não chegarem a tempo, prometo solenemente que tudo há de terminar bem.

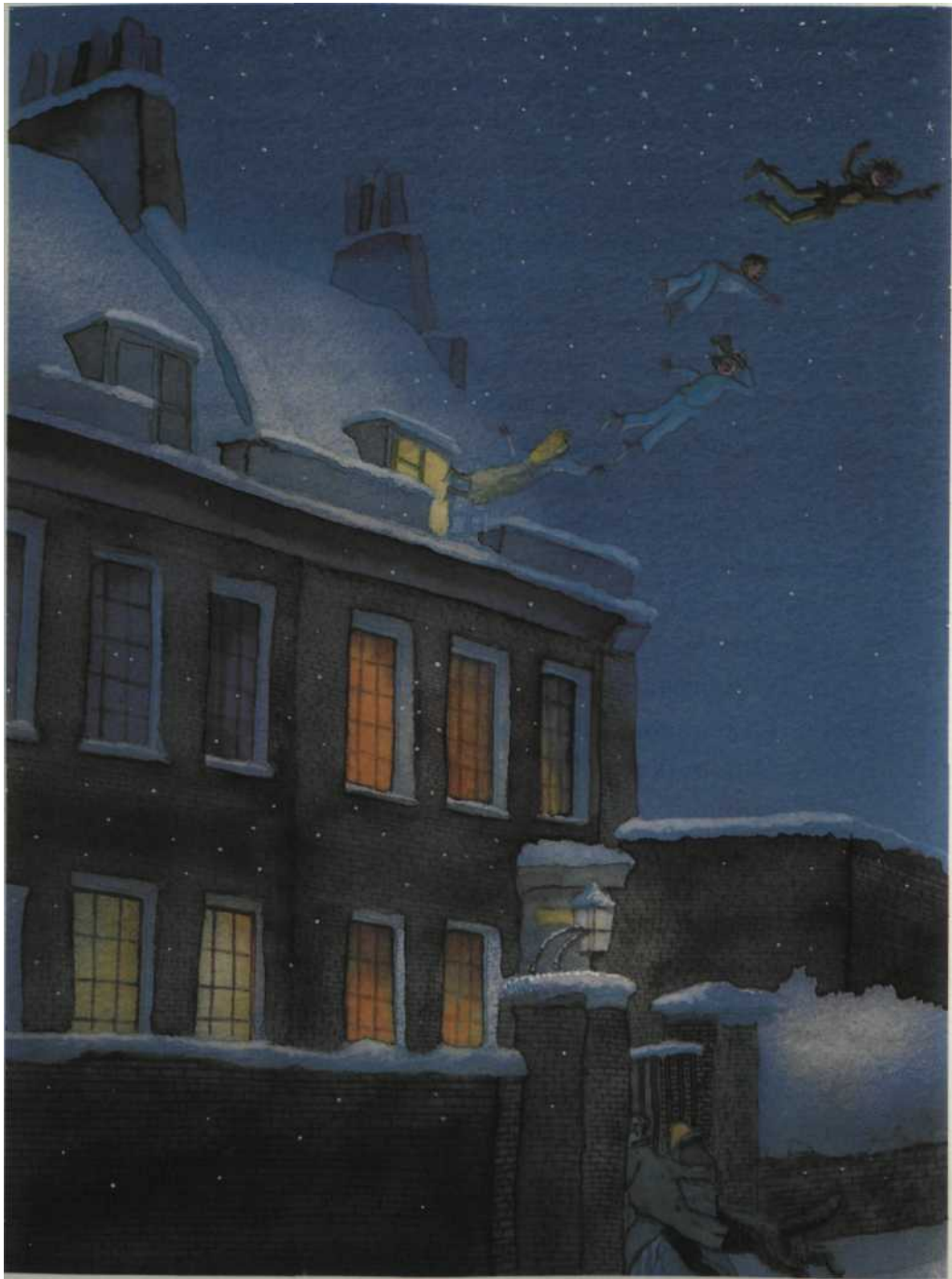
Eles teriam chegado a tempo se não estivessem sendo observados pelas estrelinhas. Mais uma vez elas abriram a janela com seu sopro e a menorzinha de todas gritou:

— Cuidado, Peter!

Ciente de que não havia um instante a perder, Peter chamou:

— Vamos! — e saiu voando noite adentro, seguido por João, Miguel e Wendy.

O casal Darling e Naná entraram no quarto das crianças tarde demais. Os passarinhos tinham escapado da gaiola.





#### 4. O vôo

“Segunda à direita e sempre em frente até o dia amanhecer”: foi assim que Peter havia explicado a Wendy o caminho para a Terra do Nunca. Mas nem mesmo os pássaros, se possuísem mapas e os consultassem nas esquinas do vento, conseguiriam chegar lá com essas instruções. Peter, como você já percebeu, costumava falar qualquer coisa que lhe passasse pela cabeça. A princípio seus companheiros confiavam nele cegamente, e estavam tão encantados com o vôo que perderam tempo rodeando torres de igreja ou qualquer outro objeto alto que aparecesse no caminho.

João e Miguel apostavam corrida, o caçula na dianteira. Eles lembraram com desprezo que pouco tempo antes haviam se achado geniais só porque tinham conseguido voar pelo quarto.

Pouco tempo antes. Mas quanto tempo? Estavam sobrevoando o mar quando essa pergunta começou a preocupar Wendy seriamente. João achava que aquele era seu segundo mar e que já estavam em sua terceira noite.

Às vezes ficava escuro e às vezes estava claro; uma hora eles tiritavam de frio e outra hora quase morriam de calor. Será que também sentiram fome de vez em quando ou só fingiram sentir, já que Peter tinha um jeito diferente de arrumar comida? Era assim: eles

perseguiam os pássaros que levavam no bico algum alimento adequado para criaturas humanas e o pegavam; então os pássaros os perseguiam e pegavam o alimento de volta. E nisso voavam alegremente por quilômetros e quilômetros, despedindo-se com votos recíprocos de boa sorte depois de partilhar a comida. No entanto, Wendy percebeu com certa preocupação que Peter aparentemente não via nada de esquisito nesse jeito de conseguir o pão de cada dia e nem sequer desconfiava que havia outras formas de obtê-lo.

Quanto ao sono, não havia dúvida: era bem real. E mui-D perigoso, pois, no momento em que adormeciam, eles caíam. O pior era que Peter achava isso muito engraçado.

— Lá vai ele de novo — gritava, radiante de alegria, quando Miguel desabava de repente feito uma pedra.

— Salve-o! — Wendy pedia, olhando horrorizada para o mar cruel que se estendia lá embaixo.

Peter mergulhava no ar e agarrava Miguel quando eleja quase tocando na água. Fazia isso de um modo maravilhoso, mas sempre esperava até o último instante, e a gente percebia que o que lhe interessava era demonstrar a própria habilidade, não salvar uma vida humana. Peter também gostava de variedade e podia de repente achar sem graça uma brincadeira que momentos antes o encantara. Isso significava que na queda seguinte era capaz de não mover uma palha para salvar quem estivesse caindo.

Peter conseguia dormir durante o voo simplesmente deitando de costas e flutuando no ar. Devia isso, ao menos em parte, ao fato de ser tão leve que, se você ficasse atrás dele e soprasse, iria fazê-lo voar mais rápido.

— Seja educado com ele — Wendy cochichava para João quando brincavam de faça-tudo-o-que-seu-mestre-mandar.

— Então diga para ele parar de se exhibir — João respondia.

É que nessa brincadeira Peter voava bem pertinho da água e mexia na cauda de todo tubarão que passava, do mesmo modo como a gente corre o dedo por uma grade de ferro quando está andando na rua. Seus companheiros não conseguiam imitá-lo com muito sucesso, e portanto ele talvez estivesse mesmo se exibindo, principalmente porque olhava para trás o tempo todo para contar as caudas que os outros não conseguiam tocar.

— Vocês precisam ser bonzinhos com ele — Wendy insistia com os irmãos. — Já pensaram o que será de nós, se ele nos abandonar?

— A gente volta para casa — Miguel sugeria.

— Ou vai em frente — João acrescentava.

— Aí é que está o problema. A gente não sabe como parar.

Era verdade: Peter havia se esquecido de ensiná-los a parar.

João dizia que na pior das hipóteses deviam seguir sempre em frente, pois, como o mundo é redondo, acabariam chegando à janela de onde haviam saído.

— E quem vai arranjar comida para nós?

— Eu consegui muito bem tirar um pouco do bico daquela água.

— Conseguiu, sim, depois de tentar vinte vezes — Wendy lembrava. — Mesmo que a gente ficasse craque em arrumar comida, veja como trombamos nas nuvens e nas coisas quando ele não está por perto para nos dar uma mão.

De fato, os três viviam batendo em tudo. Agora já conseguiam voar relativamente bem, embora ainda esperneassem demais; no entanto, quando viam uma nuvem pela frente, acabavam esbarrando nela, por mais que tentassem evitar. Se Naná estivesse ali, arrumaria um curativo para pôr na testa de Miguel.

Nesse momento Peter havia se afastado e eles se sentiam muito sozinhos. O garoto era tão rápido que de repente sumia de vista e ia viver alguma aventura da qual os três irmãos não participavam. Depois voltava, rindo de uma coisa superengraçada que dissera para uma estrela, só que não recordava mais o que era. Ou então aparecia com escamas de sereia grudadas na pele e não sabia explicar o que havia acontecido. Isso era muito irritante para crianças que nunca tinham visto uma sereia.

— E se ele esquece tudo tão depressa — Wendy argumentava —, como podemos esperar que continue se lembrando de nós?

Realmente, às vezes Peter não se lembrava de seus companheiros, ou não se lembrava muito bem. Wendy tinha certeza disso. Uma vez ela percebeu claramente que Peter os cumprimentou como se fossem estranhos e só os reconheceu quando já começava a se afastar. Em outra ocasião, ela teve até que se apresentar de novo.

— Sou a Wendy — disse-lhe preocupada.

Peter pediu desculpas e cochichou:

— Sempre que perceber que me esqueci de vocês, repita: "Sou a Wendy", e eu vou me lembrar.

A solução deixava muito a desejar, é claro. No entanto, para compensar essa falha, ele os ensinou a deitar no vento forte que soprava em sua direção, e os três irmãos gostaram tanto dessa novidade que a experimentaram muitas vezes. Descobriram até que

podiam tirar uma soneca com toda a segurança. Na verdade, gostariam de dormir bastante, mas Peter logo se cansava de dormir e gritava com sua voz de chefe:

— É hora de desembarcar!

Assim, com algumas desavenças e um bocado de diversão, eles se aproximaram da Terra do Nunca, aonde chegaram depois de muitas luas. Voaram na direção certa quase o tempo todo, não tanto por causa das instruções de Peter ou de Sininho, mas porque a ilha estava procurando por eles. Essa é a única forma de avistar suas praias mágicas.

— E ali — Peter anunciou calmamente.

— Onde, onde?

— Ali, para onde todas as flechas estão apontando.

De fato, milhões de flechas douradas apontavam a ilha, dirigidas por seu amigo, o sol, que, antes de se recolher, queria mostrar às crianças que elas não se perderiam.

Wendy, João e Miguel ficaram na ponta dos pés em pleno ar para ver a ilha pela primeira vez. E o engraçado é que a reconheceram de imediato, e, até o medo tomar conta deles, saudaram-na não como algo com que haviam sonhado durante muito tempo e afinal avistavam, mas como uma velha amiga que iam visitar nas férias.

— João, lá está a lagoa!

— Wendy, veja as tartarugas enterrando os ovos na areia!

— Estou vendo o seu flamingo com a perna quebrada, João!

— Olhe, Miguel, a sua caverna!

— João, o que é aquilo lá no mato?

— É uma loba com os filhotes. Acho que é o seu lobinho, Wendy!

— Vejam, é o meu barco, todo estropiado!

— Não é, não! A gente queimou o seu barco.

— Mas é ele, sim! Ei, João, estou vendo a fumaça do acampamento dos peles-vermelhas.

— Onde? Mostre para mim. Pelas formas da fumaça, eu sei se eles estão em pé de guerra.

— Ali, do outro lado do rio Misterioso.

— Agora estou vendo. É, eles estão em pé de guerra.

Tantos conhecimentos deixaram Peter meio irritado, mas, se ele queria retomar o comando, seu triunfo estava próximo: "Eu não falei que o medo ia tomar conta deles?",

pensou.

Foi quando as flechas sumiram, deixando a ilha no escuro.

Antigamente, quando eles ainda moravam em sua própria casa, a Terra do Nunca sempre se tornava meio escura e assustadora na hora de dormir. Campos inexplorados surgiam e se espalhavam pela ilha, percorridos por sombras negras. O rugido das feras ficava muito diferente. E principalmente se perdia a certeza da vitória. Ainda bem que as crianças tinham as lampadinhas acesas na cabeceira. Ainda bem que podiam ouvir Naná dizendo que aquela coisa grande era a lareira e que a Terra do Nunca não passava de faz-de-conta.

Naquela época a Terra do Nunca era faz-de-conta mesmo, mas agora era de verdade, sem lampadinhas acesas e com uma escuridão cada vez maior. Onde estava Naná?

Eles vinham voando afastados uns dos outros, mas agora trataram de ficar pertinho de Peter. Finalmente ele deixou de lado aquele ar de despreocupação; seus olhos faiscavam, e, sempre que os três irmãos o tocavam, sentiam o corpo inteiro formigar.

Agora estavam bem em cima da temível ilha, voando tão baixo que às vezes uma árvore arranhava seus pés. Não avistavam nada de horrível, mas avançavam lentamente e com dificuldade, como se estivessem abrindo caminho por entre forças hostis. De quando em quando ficavam suspensos nos ares até Peter golpear o espaço com os punhos cerrados.

— Não querem que a gente aterrisse — ele explicou.

— Quem? — Wendy cochichou estremecendo.

Era vez de responder, ou porque não pôde ou porque não quis, Peter acordou Sininho, que dormia em seu ombro, e mandou que ela fosse na frente.

Às vezes ele parava no ar e escutava atentamente, com a mão atrás da orelha, e, com olhos tão brilhantes que pareciam abrir dois buracos no chão, examinava de novo a terra lá embaixo. Depois seguia viagem. Sua coragem chegava a ser assustadora.

— Você quer uma aventura agora ou prefere tomar chá antes? — ele perguntou a João com toda a naturalidade.

Mais que depressa Wendy respondeu que "primeiro o chá", e Miguel, agradecido, apertou-lhe a mão. João, no entanto, que era mais corajoso, ficou indeciso.

— Que tipo de aventura? — ele quis saber.





— Um pirata está dormindo lá embaixo, nas planícies — Peter explicou. — Se você quiser, podemos descer e matá-lo.

— Não estou vendo pirata nenhum — João declarou depois de um longo silêncio.

— Eu estou.

— E se ele acordar? — João perguntou com a voz meio rouca.

— E você acha que eu seria capaz de matá-lo quando ele estivesse dormindo? — Peter replicou, indignado. — Primeiro eu ia acordar o safado e só depois matá-lo. É assim que eu sempre faço.

— Nossa! Você mata muito pirata?

— Um monte!

João exclamou "que legal", mas decidiu tomar chá antes. Quis saber se naquele momento havia muitos piratas na ilha, e Peter disse que nunca tinha havido tantos.

— Quem é o chefe agora?

— O capitão Gancho — Peter respondeu, ficando carrancudo ao pronunciar esse nome odiado.

— O capitão Jaime Gancho...?

— É.

Miguel desandou a chorar e até João quase perdeu a fala, pois ambos conheciam a fama do capitão Gancho.

— Ele era ajudante do Barbanegra — João informou, completamente rouco. — É o pior pirata que existe. O único homem que metia medo no capitão Barbaçudo.

— Como é que ele é? É grande?

— Não tanto como era.

— O que você quer dizer com isso?

— Que eu cortei um pedaço dele.

— Você?!

— Eu mesmo — Peter confirmou, irritado.

— Não tive a intenção de lhe faltar com o respeito...

— Tudo bem.

— Mas que pedaço você cortou?

— A mão direita.

— Então ele não pode mais lutar?

— Ah, pode, sim!

— Ele é canhoto?

— Ele tem um gancho de ferro no lugar da mão direita. É a garra dele.

— Garra?!

— Foi o que eu disse, João — Peter confirmou.

— Sim.

— Diga "sim, senhor".

— Sim, senhor.

— Existe uma coisa que todo menino que está sob as minhas ordens precisa prometer, inclusive você — Peter continuou.

João empalideceu.

— É o seguinte: se a gente enfrentar o capitão Gancho numa luta aberta, você tem que deixá-lo para mim.

— Eu prometo — João garantiu lealmente.

Agora já não sentiam tanto medo, porque Sininho estava voando com eles e, com sua luz, permitia que se enxergassem uns aos outros. Infelizmente a fada não conseguia voar devagar e por isso tinha que ficar dando voltas em torno deles, de modo que o pequeno grupo se deslocava como se estivesse dentro de um círculo. Wendy estava adorando, até que Peter informou:

— A Si acabou de me dizer que os piratas viram a gente antes de escurecer e já prepararam o canhão.

— Aquele grandão?

— Aquele mesmo. É claro que estão vendo a luz da Si, e, se acham que estamos perto dela, vão atirar, com toda a certeza.

— Wendy!

— João!

— Miguel!

— Diga para ela se afastar da gente, já! — os três gritaram ao mesmo tempo, mas Peter se recusou a atendê-los.

— Ela pensa que a gente se perdeu — Peter explicou —, e também está assustada. Vocês acham que eu vou mandar a coitada voar sozinha, sabendo que ela está com tanto medo?

O círculo de luz se quebrou por um instante, e Peter levou um beliscão carinhoso.

— Então diga para ela apagar a luz — Wendy suplicou.

— Não dá. Essa é praticamente a única coisa que as fadas não podem fazer. Só quando elas dormem a luz apaga, como acontece com as estrelas.

— Então diga para ela dormir agora mesmo — João quase ordenou.

— Ela não consegue dormir quando está sem sono. É a outra única coisa que as fadas não podem fazer.

— Para mim, essas são as duas únicas coisas que vale a pena fazer — resmungou João, e levou um beliscão nada carinhoso.

— Ah, se um de nós tivesse um bolso — Peter suspirou —, poderia levar a Si dentro.

No entanto, haviam saído com tanta pressa que nem pensaram em vestir uma roupa com bolso.

— Tive uma grande idéia! — ele exclamou de repente.

— O chapéu do João!

Sininho concordou em viajar no chapéu, desde que ele fosse carregado na mão. Esperava que Peter se oferecesse para carregá-lo, mas foi João quem se prontificou. Pouco depois Wendy pegou o chapéu, pois João reclamou que ele esbarrava em seu joelho durante o vôo. Como veremos mais adiante, isso acabou criando um problema sério, porque Sininho detestou dever favor a Wendy.

No chapelão preto a luz ficou completamente escondida e o grupo prosseguiu viagem em silêncio. Esse silêncio, o mais silencioso que já haviam conhecido, foi quebrado uma vez por um barulho distante que, segundo Peter explicou, era o das feras bebendo água no rio, e outra vez por um ruído que bem podia ser o dos galhos das árvores roçando uns nos outros, mas que Peter identificou como o dos peles-vermelhas amolando as facas. Até mesmo esses ruídos desapareceram, e Miguel estava achando o silêncio apavorante.

— Ah, se alguma coisa fizesse algum barulho! — choramingou.

Como que atendendo ao seu desejo, o estrondo mais tremendo abalou os ares: os piratas haviam disparado o canhão contra eles. A explosão ecoou pelas montanhas e os ecos pareciam gritar ferozmente: "Onde eles estão, onde eles estão, onde eles estão?".

Foi assim que os três, aterrorizados, descobriram a diferença entre uma ilha de faz-de-conta e a mesma ilha de verdade.

Quando por fim tudo se acalmou, João e Miguel se viram sozinhos na escuridão. João caminhava no ar mecanicamente e Miguel, que não sabia flutuar, flutuava.

— Acertaram em você? — João murmurou com a voz trêmula.

— Ainda não verifiquei — Miguel respondeu, murmurando também.

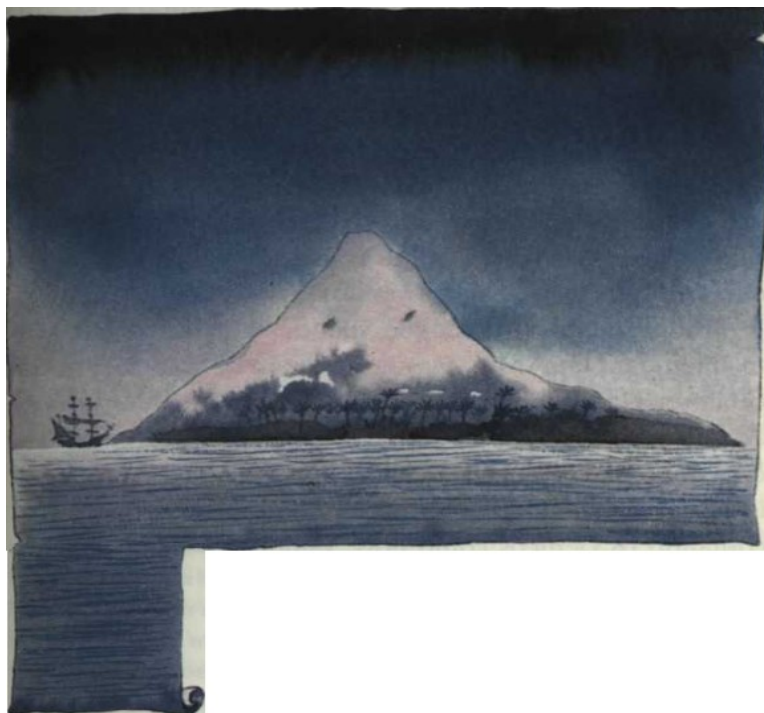
Agora sabemos que ninguém foi atingido. Mas a ventania provocada pelo disparo carregara Peter para longe, na direção do mar, e levava Wendy lá para cima, onde apenas Sininho lhe fazia companhia.

Estaria tudo bem, se nesse momento Wendy tivesse largado o chapéu.

Não sei se Sininho teve a idéia de repente ou se havia planejado tudo durante o caminho. O fato é que ela imediatamente saltou para fora do chapéu e começou a conduzir Wendy para a destruição.

Sininho não era inteiramente malvada. Ou melhor, agora era, mas, por outro lado, às vezes era inteiramente bondosa. As fadas têm de ser uma coisa ou outra, porque, sendo tão pequenas, infelizmente só têm lugar para um sentimento de cada vez. Elas podem mudar, só que a mudança tem de ser completa. No momento Sininho estava morrendo de inveja de Wendy. Naturalmente Wendy não conseguia entender o significado de seu tlintlim delicioso, que no entanto parecia muito amável; além do mais, Sininho voava para trás e para a frente, como que dizendo: "Siga-me, e tudo vai dar certo".

O que mais a pobre menina poderia fazer? Ela chamou Peter, João e Miguel, porém só o eco lhe respondeu, zombeteiro. Wendy ainda não sabia que Sininho a odiava com o ódio feroz de uma mulher de verdade. E assim, encantada, hesitante em seu vôo, seguiu Sininho em direção à sua própria ruína.



## 5. A ilha de verdade

Sentindo que Peter estava para chegar, a Terra do Nunca mais uma vez despertou para a vida. Deveríamos usar o verbo no mais-que-perfeito e dizer "despertara", porém "despertou" é melhor e sempre foi usado por Peter.

Na ausência dele a ilha geralmente fica tranqüila. As fadas acordam uma hora mais tarde; as feras cuidam dos filhotes; os peles-vermelhas se empanturram durante seis dias e seis noites e os piratas e os Meninos Perdidos se limitam a fazer gestos de ameaça uns para os outros, quando se vêem frente a frente. No entanto, com a chegada de Peter, que detesta falta de ação, todos retomam suas atividades habituais: se você encostasse a orelha no chão agora, ouviria a ilha inteira fervilhando, cheia de vida.

Naquela noite as principais forças da Terra do Nunca se achavam na seguinte situação: os Meninos Perdidos procuravam Peter; os piratas procuravam os Meninos Perdidos; os peles-vermelhas procuravam os piratas; e as feras procuravam os peles-vermelhas. Todos rodeavam a ilha, mas não se encontravam, porque se moviam na mesma velocidade.

Todos queriam ver sangue, menos os meninos, que normalmente gostam disso, mas hoje saíram de casa só para receber seu chefe. Naturalmente o número de meninos varia de acordo com as mortes e outras coisas que ocorrem entre eles, e, quando parece que estão crescendo, o que é contra as leis locais, Peter elimina uns e outros. Neste momento são seis, contando os Gêmeos como dois. Vamos fazer de conta que estamos escondidos no canavial e observá-los enquanto eles se aproximam em fila única, cada qual com a mão na faca.

Peter não permite que se pareçam com ele em nada, e os meninos se vestem com as peles dos ursos que mataram com suas próprias mãos. Ficam assim tão roliços e peludos que, quando caem, saem rolando pelo chão; por causa disso aprenderam a caminhar com pés firmes e seguros.

O primeiro da fila é Beicinho. De toda essa turma de valentes, é o mais infeliz, porém não o menos corajoso. Participou de menos aventuras que os outros, porque as coisas importantes sempre acontecem quando ele acabou de virar as costas: está tudo tranquilo, ele aproveita a oportunidade e vai buscar lenha para fazer uma fogueira e, quando volta, os outros já estão limpando o sangue derramado. Por causa desse azar Beicinho tem no rosto uma expressão melancólica, porém está longe de ser uma criatura amargurada; ao contrário, é um doce de menino, o mais humilde de todos. Preste muita atenção, meu bom Beicinho, pois hoje o perigo está no ar, rondando você. Saiba que você vai receber uma oferta de aventura, mas, se a aceitar, acabará mergulhando na mais profunda aflição. Sininho, que esta noite só pensa em fazer uma maldade, está procurando alguém que lhe sirva de instrumento e acha que você é o menino mais fácil de engambelar. Cuidado com ela!

Que bom seria se ele pudesse nos ouvir... Mas não estamos realmente na ilha, e Beicinho continua sua caminhada, mordendo os nós dos dedos.

O próximo da fila é Peninha, alegre e brincalhão. Atrás dele vem Magrela, que sabe fazer flautas de madeira e dança deslumbrado ao som de suas próprias músicas. Magrela é o mais convencido do bando. Acha que se lembra da época em que ainda não tinha se perdido, e, como garante que essa era uma época de modos e costumes refinados, vive empinando o nariz de um jeito ofensivo. Em quarto lugar surge Cachinho, um verdadeiro capeta; está tão acostumado a se apresentar quando Peter ordena: "Quem fez isso dê um passo à frente!", que agora obedece automaticamente, ainda que não tenha feito a coisa em questão. Por fim, fechando a fila aparecem os Gêmeos, que não podemos

descrever porque com certeza iríamos fazer a maior confusão, trocando um pelo outro. Peter nunca soube ao certo o que vêm a ser "gêmeos", e, como o bando não podia saber nada que ele não soubesse, os Gêmeos sempre eram vagos a respeito de si mesmos e faziam de tudo para agradar, mantendo-se bem juntinhos, como se estivessem pedindo desculpas.

Os meninos somem na escuridão e, depois de uma breve pausa — na ilha tudo acontece com rapidez —, surgem os piratas, seguindo seu rastro. Antes de vê-los escutamos sua medonha canção:

*Lá vamos nós a toda a pressa*

*Como sempre piratear!*

*E, se nos separar a morte,*

*O inferno vai nos juntar!*

Nem os criminosos enforcados em praça pública são tão mal-encarados. Um pouco mais na frente, parando de quando em quando para encostar a orelha no chão e escutar, exibindo os grandes braços nus e as moedas de prata que usa como brincos, está Cecco, o italiano bonitão, que em Gao, na África, escreveu seu nome com letras de sangue nas costas do diretor da prisão. O negro gigantesco que vem atrás dele teve muitos nomes desde que desistiu de usar aquele 'com que as mães africanas ainda hoje amedrontam os filhos nas margens do rio Guadjomo. O próximo é Guigui Debilóide, um sujeito coberto de tatuagens que, a bordo do Urso do Mar, recebeu do capitão Faísca seis dúzias de chicotadas antes de lhe entregar um saco de moedas de ouro que havia roubado. Em seguida aparecem Espeto, que passa por irmão de Morte Negra (o que nunca se comprovou); Empertigado, que já foi porteiro de um colégio interno e até hoje mata suas vítimas com requinte; Corisco; o irlandês Barrica, um tipo estranhamente cordial que consegue esfaquear sem ofender e é o único protestante dissidente do bando; Pateta, que tem as mãos viradas para trás; Beto Molambo, Fred Pedra-Braba e muitos outros bandidos famosos e temidos no mar do Caribe.

No meio deles, a figura maior e mais negra dessa cambada tenebrosa: o temível capitão Jaime Gancho, o único homem que, segundo dizem, mete medo no próprio Diabo do Mar. Ele está confortavelmente instalado numa carroça puxada por seus capangas e de vez em quando os apressa, cutucando-os com o gancho de ferro que tem no lugar da mão

direita. Trata-os como cachorros, e como cachorros eles o obedecem. É um homem magro e moreno, de uma palidez cadavérica; usa o cabelo penteado em longos cachos, que a certa distância parecem velas pretas e emprestam a seu rosto uma expressão singularmente ameaçadora. Seus olhos têm o azul do miosótis e uma profunda melancolia, mas tornam-se vermelhos e brilham horivelmente quando ele desce o gancho em alguém.

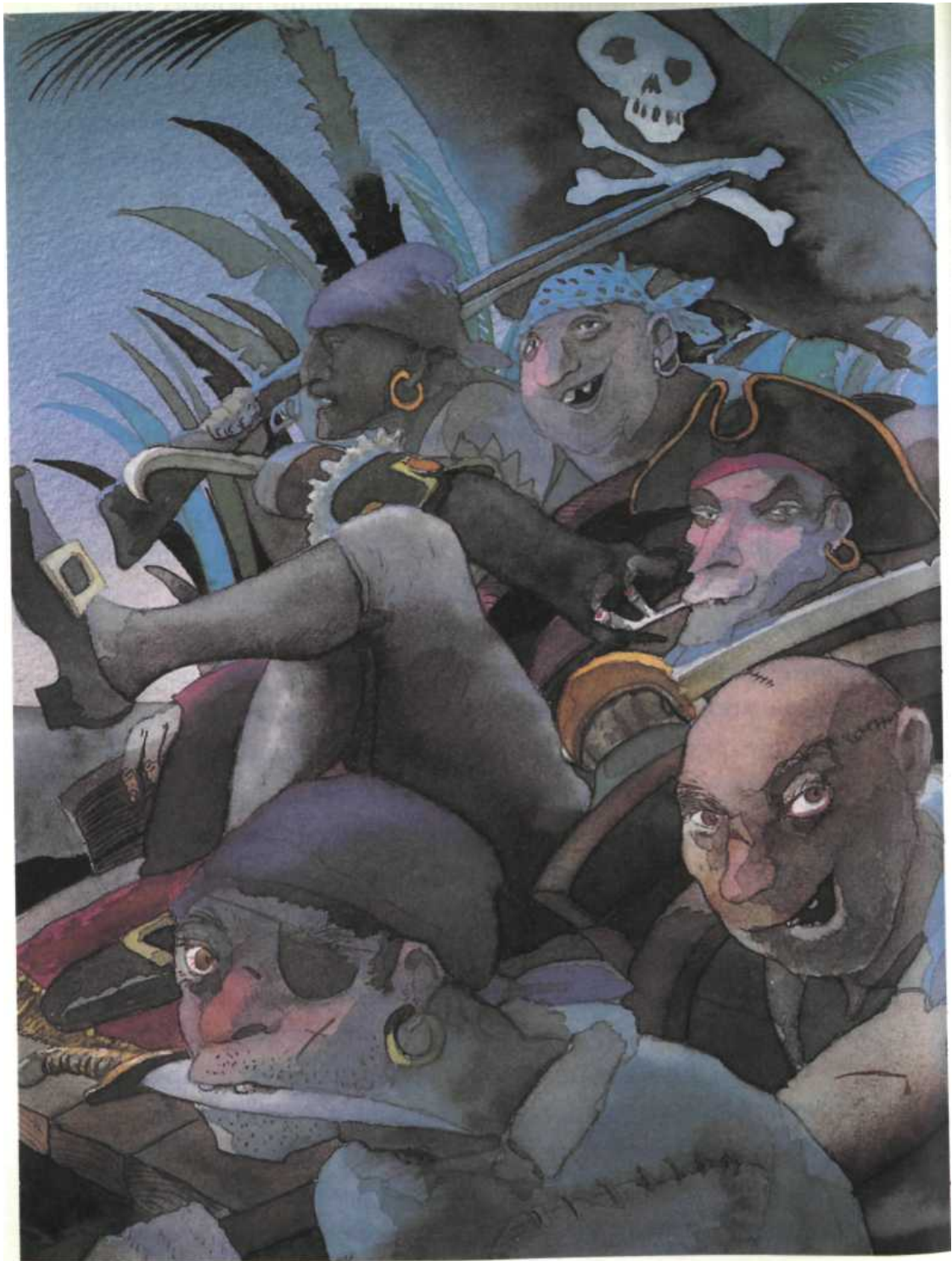
Quanto a seus modos, ainda guarda alguma coisa de fidalgo, sendo capaz de estraçalhar uma pessoa com impecável elegância. E disseram-me que é um grande contador de histórias. Seu caráter sinistro é proporcional à sua extrema gentileza, o que provavelmente constitui a maior prova de sua boa educação. O refinamento de sua fala, mesmo quando está xingando, e a distinção de suas maneiras demonstram que pertence a uma casta diferente da de sua tripulação. Dizem que esse homem de coragem indômita só tem medo de uma coisa: ver o próprio sangue, que é grosso e de uma cor esquisita. No que se refere a vestuário, ele imita a moda associada com o nome do rei Carlos II, tendo ouvido alguém comentar, no início de sua carreira, que se parecia estranhamente com os infelizes soberanos da dinastia Stuart. Para completar, usa uma piteira de sua própria invenção que lhe permite fumar dois charutos ao mesmo tempo. No entanto, o que ele tem de mais assustador é, sem sombra de dúvida, a garra de ferro.

Agora vamos matar um pirata para demonstrar o método do capitão Gancho. Corisco é a vítima. Sem querer o desgraçado esbarra de repente no chefe, desarrumando sua gola de renda. O gancho se ergue, escutamos o barulho de alguma coisa se rasgando e um grito. Então o corpo é chutado para o lado e os piratas continuam sua caminhada. O capitão nem sequer tirou os charutos da boca.

É contra esse homem terrível que Peter Pan tem que lutar. Qual dos dois há de vencer?

No rastro dos piratas, avançando sem ruído no caminho da guerra, que só pode ser visto por olhos experientes, estão os peles-vermelhas, todos bem atentos, munidos de machados e facas. Seus corpos nus reluzem, besuntados de tinta e de óleo. Presos à cintura levam couros cabeludos, ou escalpos, de meninos e piratas, pois pertencem à tribo dos Pequeninos, e não se pode confundi-los com índios de coração mais brando, como os Delaware ou os Huronianos. Na frente do grupo, engatinhando, vai o Grande Pantera Pequena, um guerreiro valente com tantos escalpos pendurados na cintura que andando assim, de quatro, mal consegue se mexer.





Na retaguarda, a posição de maior perigo, encontra-se a orgulhosa princesa Raio-de-Sol. Ela é a mais linda de todas as guerreiras morenas, a beldade da tribo dos Pequeninos, sempre sedutora, porém às vezes fria e às vezes apaixonada. Não existe um pele-vermelha que não queira ter como esposa essa criatura inconstante, mas, de machado em punho, a bela princesa afasta os pretendentes.

Veja como eles pisam nos gravetos do chão sem fazer o menor ruído. O único som que podemos ouvir é o de sua respiração pesada. Acontece que andaram comendo muito e estão meio gordos, mas logo vão se esforçar para recuperar a forma. No momento, porém, a gordura constitui o maior perigo que têm de enfrentar.

Do mesmo jeito que surgiram, como sombras, os índios desaparecem, e pouco depois as feras tomam seu lugar, num grande e variado desfile: leões, tigres, ursos e os inumeráveis animais menores que fogem deles, pois todo tipo de bicho, principalmente os que atacam o homem, convivem lado a lado na ilha. A língua de fora indica que hoje estão com fome. Um crocodilo enorme fecha o desfile, e dentro em breve saberemos quem ele procura.

Logo os meninos aparecem de novo, pois o desfile precisa continuar indefinidamente, até que um dos grupos pare ou altere a velocidade. Então vão se atirar uns sobre os outros. Todos olham atentamente para a frente, mas ninguém desconfia que o perigo pode vir de trás. Isso comprova que a ilha é bem real.

Os primeiros a deixar o círculo em constante movimento foram os meninos, que se jogaram no chão, perto de sua casa subterrânea.

— Eu queria que o Peter já tivesse voltado — cada um deles falou, nervoso, ainda que em altura e mais ainda em largura fossem todos maiores que o chefe.

— Eu sou o único que não tem medo dos piratas — gabou-se Magrela naquele tom que o impedia de ser o favorito da turma. Parece, porém, que se assustou de repente com um ruído distante, pois se apressou a acrescentar: — Mesmo assim, eu queria que o Peter estivesse aqui para saber se ele descobriu mais alguma coisa sobre a Cinderela.

Conversaram então sobre Cinderela, e Beicinho expressou sua convicção de que sua mãe era parecidíssima com ela. Só na ausência de Peter podiam falar a respeito de mães, já que o chefe havia proibido esse assunto por achá-lo bobo.

— A única lembrança que eu tenho da minha mãe é que ela vivia dizendo para o meu pai: "Ah, como eu queria ter um talão de cheque só meu!" — Peninha contou. — Não sei o que é talão de cheque, mas eu gostaria muito de dar um para ela!

Enquanto conversavam, os meninos ouviram um barulho lá longe. Você ou eu, que não somos bichos do mato, não teríamos escutado coisa nenhuma, mas eles ouviram aquela canção sinistra:

*Viva a vida de pirata,  
A bandeira de caveira,  
O rum, o rolo de fumo  
E o mar que nos espera.*

Diante disso os Meninos Perdidos... Ué, onde foi que eles se meteram? Sumiram! Nem um coelho teria desaparecido tão depressa.

Eu vou contar onde eles estão. Todos, menos Peninha, que foi correndo observar os piratas, já se encontram na casa subterrânea, um lugar maravilhoso que logo iremos conhecer. Mas como chegaram lá? Não há nenhuma entrada à vista, nem sequer uma pedra grande que, se fosse deslocada, revelaria uma caverna. No entanto, repare que ali se erguem sete árvores enormes, cada qual tendo no tronco um buraco do tamanho de um menino. São as sete entradas da casa subterrânea, que ultimamente o capitão Gancho andou procurando sem sucesso. Será que vai encontrá-la esta noite?

Enquanto os piratas avançavam, o olho esperto de Empertigado viu Peninha se embrenhando na floresta e imediatamente sua mão sacou o revólver, mas uma garra de ferro o segurou pelo ombro.

— Capitão, me largue! — o pirata gritou, contorcendo-se todo.

Agora ouvimos pela primeira vez a voz do capitão Gancho. Uma voz sinistra.

— Primeiro guarde o revólver — ele ordenou, ameaçador.

— Mas era um daqueles moleques que o senhor odeia. Eu podia ter atirado nele para matar.

— Podia, sim, e com o barulho os peles-vermelhas da Raio-de-Sol haveriam de cair em cima de nós. Você quer perder o seu couro cabeludo?

— Capitão, posso ir atrás dele com o João Saca-Rolha? — Barrica perguntou.

Para tudo ele inventava nomes engraçados, e João Saca-Rolha era o seu facão, que o danado costumava revirar no ferimento de sua vítima. Barrica tinha umas manias interessantes. Depois de matar alguém, por exemplo, limpava os óculos e não a arma.

— O João não faz barulho — lembrou.

— Agora não — Gancho respondeu. — Aquele lá está sozinho, e eu quero pegar os sete. Espalhem-se e procurem o bando!

Os piratas desapareceram por entre as árvores, e num instante Gancho e Barrica ficaram sozinhos. O capitão soltou um suspiro profundo, não sei por quê. Talvez por causa da suave beleza da noite, mas o fato é que sentia um desejo irresistível de contar a seu fiel ajudante a história de sua vida. Assim, falou durante muito tempo e com sinceridade, só que Barrica, burro como era, não entendeu nada.

Mas dali a pouco Barrica ouviu o nome Peter.

— Quero principalmente o chefe deles, o Peter Pan. Foi ele quem cortou a minha mão — o capitão declarou, exaltado, erguendo o gancho num gesto de ameaça. — Faz muito tempo que espero para apertar a mão dele com isto. Ah, vou estraçalhar aquele pilantra!

— Mas o senhor sempre diz que o gancho vale tanto quanto uma porção de mãos — Barrica comentou. — Serve para pentear o cabelo e para fazer muitas outras coisas.

— De fato — o capitão concordou. — Se eu fosse mãe, haveria de rezar para que meus filhos nascessem com isto no lugar disso — acrescentou, lançando um olhar de orgulho para sua garra de ferro e outro de desprezo para sua mão. Depois franziu a testa de novo: — Peter jogou a minha mão para um crocodilo que ia passando — lembrou com um calafrio.

— Já percebi que o senhor tem medo de crocodilo — Barrica falou.

— De crocodilo, não — Gancho o corrigiu, baixando a voz. — Daquele crocodilo. Ele gostou tanto da minha mão que nunca mais parou de me seguir, de um mar a outro, de uma terra a outra, lambendo os beiços, imaginando o gosto do resto...

— Não deixa de ser uma espécie de elogio — disse Barrica.

— Dispensó esse tipo de elogio — o capitão replicou, irritado. — Quero pegar o Peter Pan, que fez aquela fera ter tanta vontade de me devorar. — Gancho sentou-se num cogumelo enorme e, com a voz trêmula e rouca, declarou: — Aquele crocodilo já teria acabado comigo, mas por sorte engoliu um relógio que agora está fazendo tique-taque lá dentro dele, de modo que, quando o safado se aproxima de mim, eu escuto o tique-taque e trato logo de escapular — e riu um riso amarelo.

— Um dia o relógio pára de bater e ele pega o senhor — Barrica observou.

O capitão umedeceu com a língua os lábios secos.

— É isso que me dá medo — confessou. Desde que se sentara ali, vinha sentindo

um calor estranho. — Este lugar está quente demais — rosnou, levantando-se de um salto. — Com mil diabos! Estou cozinhando!

Os dois examinaram o cogumelo, que tinha um tamanho e uma consistência desconhecidos no continente. Resolveram arrancá-lo, e o cogumelo se soltou em suas mãos, pois não tinha raízes. O mais esquisito é que no mesmo instante começou a sair fumaça da terra. Os piratas olharam um para o outro.

— É uma chaminé! — exclamaram numa só voz.

Na verdade, haviam descoberto a chaminé da casa subterrânea. Os meninos costumavam fechá-la com um cogumelo quando os inimigos andavam por perto.

Não foi só fumaça que saiu da terra. Saíram também vozes de criança, pois os meninos se sentiam tão seguros em seu esconderijo que conversavam alegremente. Os piratas escutaram durante alguns segundos, carrancudos, e depois recolocaram o cogumelo no lugar. Então olharam em torno e viram os buracos nas sete árvores.

— O senhor ouviu os moleques dizendo que Peter Pan não está em casa? — Barrica cochichou, revirando o facão na mão nervosa.

O capitão Gancho fez que sim com a cabeça e ficou parado, pensando. Ao fim de muito tempo um sorriso terrível, daqueles de gelar o sangue, iluminou seu rosto moreno. Era o que Barrica estava esperando.

— Conte logo o seu plano, chefe — ele pediu, curiosíssimo.

— Vamos voltar para o navio — Gancho começou, bem devagar, falando entre dentes — e fazer um lindo bolo, enorme, cremoso, com bastante açúcar verde por cima. Deve haver só uma sala lá embaixo, já que há apenas uma chaminé. Aquelas toupeiras não perceberam que não precisavam ter uma porta para cada um. Isso mostra que não têm mãe. Vamos deixar o bolo na lagoa das Sereias. Os moleques estão sempre lá, nadando e brincando com as sereias. Encontram o bolo e o devoram num instante, porque, não tendo mãe, não sabem que é um perigo se empanturrar com bolo cremoso e molhado — e agora o capitão riu de verdade, não com aquele riso amarelo de antes. — Ah, eles vão morrer!

Barrica escutara tudo com crescente admiração.

— Esse é o plano mais malvado e mais maravilhoso que eu já ouvi! — exclamou.

E, contentes que estavam, os dois piratas começaram a dançar, cantando:

*Toda vez que eu apareço,*

*Saem todos do caminho,  
Pois bem sabem que com o Gancho  
Vão virar um picadinho.*

Começaram a dançar, mas não terminaram, pois um barulho os deixou paralisados. Primeiro foi um barulhinho de nada, tão mínimo que uma folha caindo poderia abafá-lo; no entanto, ao se aproximar, tornou-se mais distinto.

Tique-taque, tique-taque!

Ainda com o pé no ar, em sua dança interrompida, o capitão Gancho se pôs a tremer.

— O crocodilo! — exclamou quase sem fôlego, e foi tratando de fugir, acompanhado por seu ajudante.

Era realmente o crocodilo. Tinha passado pelos índios, que agora estavam no rastro dos outros piratas, e viera atrás do capitão.

Mais uma vez os meninos saíram de seu esconderijo, porém os perigos da noite ainda não haviam desaparecido, pois de repente Peninha surgiu correndo, esbaforido, perseguido por uma alcatéia, quer dizer, por um bando de lobos, que uivavam de um jeito pavoroso, com a língua de fora.

— Socorro, socorro! — Peninha gritou, caindo estatela do no chão.

— Mas o que é que a gente vai fazer? O que é que a gente vai fazer?

Nessa hora difícil seus pensamentos se voltaram para Peter, o que equivalia a um grande elogio.

— O que o Peter faria? — todos perguntaram ao mesmo tempo.

E imediatamente responderam numa só voz:

— O Peter olharia para eles por entre as pernas. Portanto:

— Vamos fazer o que o Peter faria.

Essa é a maneira mais eficaz de enfrentar um lobo, e, como se fossem um só menino, todos se inclinaram e olharam por entre as pernas. O momento seguinte parece uma eternidade, mas a vitória não tarda muito. Quando os meninos avançaram para os lobos nessa postura aterrorizante, as feras enfiaram o rabo entre as pernas e fugiram.

Peninha se levantou e, pelos olhos arregalados, deu a impressão de que ainda estava vendo os lobos. Mas não era isso que ele estava vendo.

— É uma coisa supermaravilhosa — explicou, enquanto os outros o rodeavam,

curiosos. — Um grande pássaro branco. Está vindo para cá!

— Que tipo de pássaro você acha que é?

— Não sei — Peninha respondeu, espantado —, mas parece muito cansado e não pára de choramingar: "Coitada da Wendy".

— Coitada da Wendy?

— Eu me lembro que existem pássaros que se chamam Wendy — Magrela disse no mesmo instante.

— Vejam! — Cachinho exclamou, apontando para Wendy lá no céu.

Agora ela estava quase acima do bando, e os meninos puderam ouvir seu lamento. Mais distante, porém, escutaram a voz aguda de Sininho. A fada ciumenta havia deixado de lado suas falsas demonstrações de amizade e agora se lançava contra sua vítima, beliscando-a com toda a força.

— Oi, Si — os meninos gritaram, embasbacados.

— O Peter mandou vocês matarem a Wendy — Sininho informou.

Eles não se atreviam a discutir as ordens do chefe.

— Vamos fazer o que o Peter mandou — disseram. — Rápido, vamos buscar os arcos e as flechas!

Todos correram para os buracos nas árvores, menos Beicinho, que já estava com seu arco e suas flechas. Sininho viu isso e esfregou as mãos.

— Ande, Beicinho, atire! — ela berrou. — O Peter vai ficar muito contente!

O menino, empolgado, preparou o arco e, depois de ordenar à fada que saísse da frente, disparou. Wendy se estatelou no chão, com uma flecha cravada no peito.



## 6. A casinha pequenina

O bobalhão do Beicinho estava plantado junto ao corpo de Wendy, numa pose de herói vitorioso, quando os outros meninos voltaram com suas armas.

— Tarde demais — ele anunciou, todo orgulhoso. — Acertei a Wendy. O Peter vai ficar muito contente comigo.

Acima deles Sininho xingou:

— Seu burro! — e correu para se esconder.

Os meninos não a ouviram. Estavam todos em volta de Wendy, e, enquanto olhavam para ela, um terrível silêncio tomou conta da floresta. Se o coração de Wendy estivesse batendo, eles escutariam. Peninha foi o primeiro a falar.

— Isso não é um pássaro — esclareceu, apavorado. — Acho que deve ser uma senhora.

— Uma senhora? — Beicinho repetiu, tremendo.

— E nós a matamos — Peninha concluiu com a voz rouca.

Todos tiraram os gorros.



— Agora eu entendi. O Peter estava trazendo a senhora para nós — Cachinho falou, e em seguida se jogou no chão, aflito de dar dó.

— Até que enfim ia chegar uma senhora para tomar conta da gente — um dos Gêmeos reclamou — e você a matou!

Os meninos estavam com pena de Beicinho, porém com muito mais pena de si mesmos, e, quando ele deu um passo em sua direção, todos se afastaram. Beicinho estava terrivelmente pálido, mas demonstrava uma dignidade que nunca tivera.

— Matei, sim — admitiu, pensativo. — Sempre que sonhava com alguma senhora, eu dizia: "Mamãe linda, mamãe linda". Mas agora que apareceu uma senhora de verdade, eu atirei nela.

Dito isso, o menino se afastou lentamente.

— Não vá embora — seus companheiros pediram, morrendo de pena dele.

— Eu preciso ir — Beicinho respondeu, todo trêmulo. — Estou com muito medo do Peter.

Foi nesse trágico momento que ouviram uma coisa que fez o coração de cada um deles ir parar na boca. Ouviram o cocoricó de Peter.

— O Peter! — exclamaram, pois era sempre assim que o chefe anunciava sua chegada.

— Vamos esconder a senhora — cochicharam, reunindo-se rapidamente em torno de Wendy; só Beicinho permaneceu distante e altivo.

Depois de mais um cocoricó Peter aterrissou diante da turma.

— Oi, molecada — disse ele.

Os outros o cumprimentaram maquinalmente, e o silêncio se reinstalou. Peter franziu a testa, irritado.

— Eu voltei, pessoal! Por que é que vocês não estão gritando "viva!"?

Eles abriram a boca, mas não pronunciaram nenhum "viva!". Ansioso para contar as maravilhosas novidades, Peter não se importou mais com isso.

— Tenho uma grande notícia — declarou. — Eu trouxe uma mãe para todos vocês, até que enfim!

O silêncio se manteve, quebrado apenas pelo baque dos joelhos de Beicinho desabando no chão.

— Vocês não a viram? — Peter perguntou, começando a ficar preocupado. — Ela estava voando nesta direção.

— Ai, meu Deus! — uma voz murmurou, enquanto outra suspirava: — Que dia horrível!

Foi então que Beicinho se levantou e disse calmamente:

— Peter, eu vou mostrá-la para você.

Os outros ainda tentaram escondê-la, mas Beicinho ordenou que se afastassem:

— Para trás, Gêmeos. Deixem que o Peter veja.

Todos obedeceram. Peter olhou para Wendy durante algum tempo e ficou sem saber o que fazer.

— Ela está morta — falou, um tanto aborrecido. — Pode ser que esteja com medo de estar morta.

Peter sentiu uma vontade enorme de sair dali pulando de um jeito bem engraçado e nunca mais na vida chegar nem perto daquele lugar. Se tivesse feito isso, todos o teriam seguido.

Mas havia a flecha. Peter a tirou do coração de Wendy e encarou o bando.

— De quem é esta flecha? — perguntou, severo.

— É minha — Beicinho respondeu, ajoelhando-se.

— Que mão covarde! — o chefe esbravejou, erguendo a flecha como se fosse uma faca.

Em vez de fugir ou de se encolher de medo, Beicinho desnudou o peito.

— Pode cravar — disse com firmeza. — Cravar para valer.

Por duas vezes Peter ergueu a flecha, e por duas vezes a abaixou.

— Não posso — declarou espantado. — Alguma coisa está segurando a minha mão.

Todos olharam para ele, surpresos. Aliás, todos não: Peninha, por sorte, olhou para Wendy.

— Vejam! — gritou. — Vejam o braço dela!

Era fantástico! Wendy tinha levantado o braço. Peninha se debruçou sobre a menina com todo o respeito e escutou atentamente.

— Acho que ela disse: "Coitado do Beicinho" — informou.

No mesmo instante Magrela berrou:

— Ela está viva!

Então Peter se ajoelhou junto de Wendy e encontrou seu botão. Você se lembra que ela havia pendurado esse botão na correntinha?

— A flecha acertou nisto aqui, no beijo que eu dei a ela — explicou. — O beijo salvou a vida da Wendy!

— Eu lembro o que é beijo — Magrela se intrometeu. — Deixe-me ver. É, é um beijo, sim!

Peter não lhe deu ouvidos. Estava suplicando a Wendy que ficasse boa logo para poder ver as sereias. Naturalmente ela ainda não podia dizer coisa nenhuma, pois estava desmaiada, mas lá no alto soou um lamento.

— E a Si — Cachinho falou. — Ela está chorando por que a Wendy está viva.

Então os meninos tiveram que contar ao chefe o crime cometido pela fada e pode-se dizer que nunca o viram tão bravo.

— Escute aqui, Sininho — Peter berrou. — Eu não sou mais seu amigo. Suma da minha frente para sempre.

A fadinha pousou no ombro dele e tentou se explicar, mas Peter a repeliu com um safanão. Só quando Wendy levantou o braço novamente foi que se acalmou o bastante para dizer:

— Tudo bem, para sempre não, mas por uma semana inteira.

Você acha que Sininho agradeceu a Wendy por ter levantado o braço? Que nada! Ela ficou com mais vontade ainda de beliscá-la. As fadas são mesmo esquisitas, e Peter, que as entendia como ninguém, muitas vezes lhes dava uns bons sopapos. Mas o que ele devia fazer, agora que Wendy se encontrava com a saúde tão abalada?

— Vamos carregá-la lá para baixo — Cachinho sugeriu.

— É isso mesmo o que se deve fazer com as senhoras — Magrela reforçou.

— Não, não — Peter decidiu. — Não toquem nela. Isso não seria respeitoso.

— Foi o que eu pensei — disse Magrela.

— Mas, se ficar aqui, ela vai morrer — Beicinho argumentou.

— Vai mesmo — concordou Magrela —, mas não há outro jeito.

— Há, sim! — Peter exclamou. — Vamos construir uma casinha em volta dela — e todos pularam de alegria. — Rápido — ele ordenou. — Cada um de vocês me traga o que temos de melhor. Depenem a nossa casa. Já!

Num instante eles estavam tão atarefados quanto um alfaiate em véspera de casamento. Corriam para lá e para cá, desciam para buscar roupa de cama, subiam para apanhar lenha. E, enquanto estavam nessa correria, quem foi que apareceu? João e Miguel! Depois que aterrissaram, eles foram se arrastando pelo chão: dormiam em pé,

paravam, acordavam, davam mais um passo e adormeciam de novo.

— João, acorde! — Miguel gritava. — Onde está a Naná? Onde está a mamãe?

Então João esfregava os olhos e resmungava:

— É verdade, a gente voou mesmo!

Você pode ter certeza de que eles ficaram muito aliviados quando viram Peter.

— Oi, Peter — disseram.

— Oi — Peter respondeu, amistoso, apesar de ter se esquecido deles por completo.

No momento estava ocupadíssimo, medindo Wendy com os pés para determinar o tamanho da casa que iam construir. Claro está que pretendia deixar espaço para uma mesa e algumas cadeiras. João e Miguel o observavam.

— A Wendy está dormindo? — perguntaram.

— Está.

— Vamos acordá-la, João, para ela fazer a nossa janta — foi a proposta de Miguel.

Nesse exato instante alguns meninos traziam galhos de árvore para a construção da casa.

— Veja! — Miguel exclamou.

— Cachinho, faça esses moleques ajudarem a construir a casa — Peter ordenou com sua voz mais mandona.

— Sim, senhor.

— Construir uma casa?! — João estranhou.

— É. Para a Wendy — explicou Cachinho.

— Para a Wendy?! — João repetiu, scandalizado. — Mas ela é só uma menina!

— Justamente por isso é que estamos aqui para servi-la

— Cachinho replicou.

— Vocês?! Para servir a Wendy?!

— É isso mesmo — Peter confirmou. — E vocês também! Tirem esses meninos daqui!

Os dois irmãos, perplexos, foram arrastados para o trabalho e tiveram de cortar, rachar, carregar.

— Primeiro vamos fazer as cadeiras e a mesa e depois construir a casa em volta — Peter decidiu.

— É assim mesmo que se constrói uma casa — Magrela concordou. — Agora eu estou me lembrando direitinho.

Peter pensava em tudo.

— Magrela, vá buscar o médico — ordenou.

— Sim, senhor — respondeu o menino, e saiu na disparada, cocando a cabeça.

Magrela sabia que tinha de obedecer e num instante estava de volta, usando o chapéu de João e exibindo uma expressão muito séria. Assim que o viu, Peter caminhou em sua direção e lhe perguntou com toda a gentileza:

— Por favor, cavalheiro, o senhor é médico?

Nessas ocasiões o que o diferenciava dos outros meninos era que eles sabiam que se tratava de faz-de-conta, enquanto para Peter fantasia e realidade eram exatamente a mesma coisa. Às vezes isso os incomodava, como quando tinham de fazer de conta que haviam jantado. Se resolvessem parar com a brincadeira, Peter batia nas juntas de seus dedos.

— Sou, meu rapazinho — Magrela respondeu com certo medo, pois já estava com as juntas bem maltratadas.

— Por favor, cavalheiro, temos aqui uma senhora muito doente — Peter explicou.

Wendy estava deitada aos pés deles, mas Magrela teve o bom senso de não a ver.

— Coitadinha — disse. — Onde é que ela está?

— Naquela clareira.

— Vou colocar um vidro na boca da paciente — Magrela anunciou, fazendo de conta que o colocava mesmo, e Peter esperou. Houve um momento de ansiedade quando o doutor fez de conta que retirou o vidro imaginário.

— Como é que ela está? — Peter quis saber.

— Bem — Magrela respondeu. — Isto aqui a curou.

— Que bom! — exclamou Peter.

— Voltarei à noite — Magrela prometeu, ordenando em seguida: — Faça a paciente tomar uma tigela de caldo de carne.

Dito isso, o falso médico devolveu o chapéu a João e respirou aliviado, como sempre fazia quando conseguia se safar de uma dificuldade.

Enquanto isso, na floresta só se ouvia o barulho dos machados. Quase tudo o que era preciso para uma casa confortável já se encontrava aos pés de Wendy.

— Ah, se a gente soubesse que tipo de casa ela gosta mais — um dos meninos suspirou.

— Peter, ela está se mexendo — gritou um outro.

— Está abrindo a boca — um terceiro acrescentou, olhando respeitosamente dentro da boca de Wendy. — Que linda!

— Será que ela vai cantar? — Peter perguntou. — Wendy, cante para a gente, explicando o tipo de casa que você quer ter.

Sem abrir os olhos, Wendy imediatamente começou a cantar:

*Eu quero uma casa linda,  
A menor que há no mundo,  
Com paredes vermelhinhas  
E telhado verde-musgo.*

Os meninos ficaram radiantes quando ouviram isso, porque tiveram a sorte de pegar galhos úmidos de seiva vermelha e porque o musgo recobria todo o terreno onde se encontravam. Depois de construir a casinha, também cantaram:

*As paredes já fizemos,  
O telhado e a porta.  
Agora o que mais queremos  
É saber o que ainda falta.*

E ela respondeu, meio ambiciosa:

*O que ainda está faltando  
É janela em toda a volta,  
Rosas para dentro espiando,  
E bebês para fora olhando.*

Com a força dos punhos eles abriram os vãos das janelas e com grandes folhas amarelas fizeram as persianas. Mas... e as rosas?

— As rosas! — Peter ordenou.

Imediatamente a turma fez de conta que as mais lindas roseiras cresciam junto às paredes.

E os bebês?

Para evitar que Peter desse uma nova ordem, os meninos mais que depressa resolveram cantar:

*As roseiras nós fizemos,  
Não fizemos os bebês,  
Pois decerto não podemos  
A nós mesmos nos fazer.*

Peter achou essa idéia ótima e logo se apropriou dela. A casa era linda, e os garotos tinham certeza de que Wendy estava muito bem instalada, ainda que não conseguissem mais vê-la. Peter andava de um lado para o outro, dando ordens para que melhorassem o acabamento. Nada escapava a seus olhos de lince. Assim, quando o trabalho parecia mais que concluído, ele reclamou:

— Falta aquela coisa de bater na porta.

Os meninos se envergonharam muito de ter esquecido a aldrava, ou seja, a tal coisa de bater na porta. No entanto, Beicinho resolveu o problema arrancando a sola de seu sapato, que virou uma aldrava excelente.

"Agora está pronta", pensaram eles.

Que nada!

— Falta a chaminé — Peter declarou. — Toda casa precisa de chaminé.

— Claro! — João concordou, com ar de importante.

Nem bem ouviu a voz do garoto, Peter teve uma idéia.

Tirou o chapéu da cabeça de João, arrancou o fundo e colocou-o no telhado. A casinha ficou tão contente com essa ilustre chaminé que, como se quisesse agradecer, imediatamente começou a soltar fumaça pelo chapéu.

Agora não faltava mesmo nada. Era só bater na porta.

— Quero todo mundo muito bem apresentável — Peter falou. — A primeira impressão tem uma tremenda importância.

Ainda bem que nenhum deles lhe perguntou o que é primeira impressão; estavam muito ocupados em se tornar bem apresentáveis.

Peter bateu na porta delicadamente. A floresta estava agora tão silenciosa quanto as crianças. O único ruído que se ouvia era o de Sininho, que, pousada num galho, observava e caçoava de tudo.

Alguém iria abrir a porta? Os meninos se perguntavam. Quem? A senhora? Como seria ela?

Então a porta se abriu e a senhora apareceu. Era Wendy. Todos tiraram o chapéu. Ela parecia surpresa, exatamente como os garotos esperavam.

— Onde é que eu estou? — Wendy perguntou.

Naturalmente, Magrela foi o primeiro a responder:

— Dona Wendy, para a senhora construímos esta casa.

— Diga que gostou! — Peninha pediu.

— É uma maravilha! — Wendy exclamou, pronunciando as palavras que eles desejavam ouvir.

— E nós somos os filhos da senhora — os Gêmeos informaram.

O bando inteiro se ajoelhou e, estendendo os braços, pediu:

— Dona Wendy, seja nossa mãe.

— Será que eu posso...? — ela murmurou, radiante. — Claro que a idéia é fantástica, mas, vocês sabem, eu sou apenas uma menina. Não tenho experiência.

— Não faz mal — Peter lhe assegurou, como se fosse a única pessoa ali presente que soubesse tudo sobre esse assunto; na verdade, ele era quem menos sabia. — Só precisamos de uma boa pessoa com jeito de mãe.

— Nossa, acho que sou exatamente assim! — exclamou Wendy.

— É mesmo, é mesmo! — a turma gritou em coro. — A gente logo viu.

— Muito bem — disse Wendy. — Vou fazer o possível. Entrem, crianças levadas. Com certeza estão com os pés molhados. Antes de pôr vocês na cama, dá tempo de eu terminar a história da Cinderela.

E eles entraram. Não sei como conseguiram arrumar espaço lá dentro, mas na Terra do Nunca é fácil a gente se espremer para caber num lugar. E essa foi a primeira das muitas noites alegres que passaram com Wendy. Quando chegou a hora de dormir, ela os instalou na cama grande da casa subterrânea, cobriu-os bem e foi acomodar-se em sua casinha. Peter ficou do lado de fora, com a espada em punho, pois os piratas farreavam lá longe e os lobos rondavam ali por perto. A casinha parecia muito acolhedora e segura na escuridão, com a luz brilhando por entre as frestas das persianas, a chaminé fumegando



de um jeito muito aconchegante e Peter montando guarda.

Depois de algum tempo Peter caiu no sono. Umas fadas bêbadas que voltavam de uma orgia tiveram que passar por cima dele para chegar em suas casas. Se qualquer outro menino estivesse atravancando seu caminho, elas o teriam castigado, mas, como se tratava de Peter, apenas lhe deram um beliscão no nariz e foram embora.



## 7. A casa subterrânea

Uma das primeiras coisas que Peter fez no dia seguinte foi tirar as medidas de Wendy, João e Miguel para as árvores ocas. Você se lembra que o capitão Gancho tinha caçado os garotos por acharem que cada um precisava de uma árvore, mas com isso ele só demonstrou a própria ignorância, pois, em primeiro lugar, se você não cabe numa árvore, vai ter dificuldade para subir e descer; em segundo, não havia no bando dois meninos do mesmo tamanho. Uma vez cabendo na árvore, basta respirar fundo e prender a respiração para descer na velocidade correta; para subir, é só prender e soltar o ar alternadamente e ir se contorcendo tronco acima. Claro está que, quando dominar perfeitamente essa técnica, você vai fazer tudo isso sem pensar, e nada pode ser mais gracioso.

No entanto você precisa caber direitinho na árvore. Por isso é que Peter toma suas medidas como se fosse para fazer uma roupa, com a diferença de que a roupa é ajustada para caber em você, enquanto aqui você tem de se ajustar para caber na árvore.

Geralmente é muito fácil: basta vestir muita ou pouca roupa. Mas, se você é meio rechonchudo em certos lugares, ou se a única árvore disponível tem uma forma esquisita, Peter dá um jeito. A partir do momento em que você cabe, precisa tomar muito cuidado para continuar cabendo, e isso, como Wendy teria muito prazer em descobrir, mantém uma família inteira em perfeitas condições.

Wendy e Miguel couberam em suas árvores sem nenhum problema, porém João teve que passar por uma pequena alteração. Depois de praticar por alguns dias, eles subiam e desciam facilmente como um balde num poço. E logo estavam adorando a casa subterrânea, principalmente Wendy.

A casa consistia numa sala bem grande, como deveriam ser todas as casas que se prezam. E no chão, que os meninos podiam cavar quando desejavam pescar, cresciam robustos cogumelos de uma cor maravilhosa que serviam de banco. Uma árvore do Nunca tentava crescer no centro da sala, mas toda manhã eles serravam o tronco, nivelando-o com o chão. Na hora do chá o tronco sempre media uns sessenta centímetros, e então os meninos punham sobre ele uma porta, obtendo assim uma mesa. Depois de tirar a mesa, serravam novamente o tronco e ficavam com mais espaço para brincar. Tinham também uma enorme lareira, que estava praticamente em qualquer lugar onde resolvessem acende-la. Wendy estendeu cordas de um lado a outro da lareira para pendurar a roupa lavada.

A cama ficava encostada na parede durante o dia e era arrumada às seis e meia, ocupando praticamente a metade da sala. Todos os meninos, com exceção de Miguel, dormiam ali, feito sardinha em lata. De acordo com uma lei severa, nenhum ocupante da cama podia se virar antes que um deles desse o sinal; então, todos deviam se virar ao mesmo tempo. Miguel também deveria dormir nessa cama. Acontece, no entanto, que Wendy queria ter um bebê em casa e ele era o menorzinho da turma, e você sabe como são as mulheres. O fato é que Miguel dormia num cesto pendurado no teto.

Tosca e simples, a casa subterrânea não seria muito diferente se pertencesse a um bando de ursinhos. Havia uma reentrância na parede, mais ou menos do tamanho de uma gaiola de passarinho: era o apartamento particular de Sininho. Uma pequena cortina o isolava do resto da casa, e Si, que era muito enjoada, sempre fechava essa cortina quando estava se vestindo ou se despindo. Nenhuma mulher, por maior que seja, poderia ter um apartamento mais requintado. O sofá, como ela chamava a cama, era idêntico ao da Fada dos Sonhos, e as cobertas variavam de acordo com a fruta da estação. O espelho era um

dos três que haviam sido fabricados na época do Gato de Botas e tinham conseguido sobreviver até ali, pelo que diziam os fornecedores das fadas. A penteadeira dobrável, feita de massa de torta, combinava perfeitamente com a cômoda no estilo imperatriz Gracinha vi. O carpete e os tapetes datavam do melhor período (o inicial) do reinado de Margarida e Roberto. Havia ainda um lustre, todo rebuscado, que estava ali só para enfeitar, pois naturalmente a própria Sininho iluminava sua residência.

O profundo desprezo que ela dedicava ao resto da casa provavelmente era inevitável; e seu apartamento, apesar de lindo, parecia meio convencido, tendo a aparência de um nariz sempre empinado.

Acho que Wendy estava encantada com todo o trabalho que seus meninos baderneiros lhe davam. Passava semanas inteiras sem sair da casa subterrânea, a não ser à noite, e mesmo assim levava algum trabalho para fazer lá fora. Cozinhava tanto que praticamente não desgrudava das panelas. Vivia preparando pratos à base de fruta-pão, inhame, coco, sapoti, tapioca, banana, carne de porco. Mas ninguém ali sabia se ia comer de verdade ou de mentirinha: tudo dependia da veneta de Peter. Ele podia comer de verdade, desde que isso fizesse parte de alguma brincadeira, mas não conseguia se empanturrar só para se sentir empanturrado, o que para a maioria das crianças é a melhor coisa do mundo, sendo outra coisa ótima falar a respeito. O faz-de-conta era tão real para Peter que durante uma refeição de mentirinha ele chegava a engordar. Evidentemente isso era um martírio para a criançada, que de qualquer modo tinha de seguir o chefe. No entanto, quem conseguisse provar que estava entrando em sua árvore com muita folga recebia permissão para se empanzinar.

Wendy gostava de costurar e cerzir depois que todos já tinham ido dormir. Era a sua hora de respirar, dizia. Nesses momentos de calma costumava fazer roupas novas para os meninos, reforçar os joelhos das calças (era incrível como eles gastavam essa parte) ou cerzir meias. Quando se sentava com um cesto cheio de meias, todas furadas no calcanhar, ela erguia os braços e exclamava: "Deus me acuda! Às vezes eu acho que devia ter inveja das solteironas!". Ao dizer isso, porém, seu rosto se iluminava.

Você se lembra do lobinho de estimação de Wendy, não se lembra? Pois saiba que ele logo descobriu que sua dona estava na ilha e foi procurá-la, e, quando os dois se encontraram, correram a se abraçar. Depois disso o lobinho nunca mais se afastou dela.

Será que, com o passar do tempo, Wendy começou a pensar muito em seus queridos pais? Essa é uma pergunta difícil de responder, pois não sabemos como o tempo

passa na Terra do Nunca, onde ele é medido por luas e sóis, que lá são bem mais numerosos do que no resto do mundo. No entanto, acho que Wendy não se preocupava muito com seus pais; tinha absoluta certeza de que eles deixavam a janela sempre aberta para que pudesse voltar e por isso estava muito tranqüila.

O que a preocupava algumas vezes era o fato de que João se lembrava dos pais apenas vagamente, como pessoas que havia conhecido um dia, enquanto Miguel tendia a acreditar que ela era de fato sua mãe. Essas coisas lhe davam um pouco de medo, e, empenhada em cumprir bem seu dever, ela tentava fixar na memória dos irmãos a vida que haviam levado no passado. Para tanto os submetia a provas escritas, parecidas com as que costumava fazer na escola. Os outros meninos achavam isso muito interessante e insistiam em participar, levando seus próprios quadros-negros e sentando-se em volta da mesa para escrever as perguntas que ela registrava num outro quadro-negro e passava de mão em mão.

Wendy lhes perguntava coisas muito simples: "De que cor eram os olhos da mamãe? Quem era mais alto: o papai ou a mamãe? A mamãe era loira ou morena? Responda às três perguntas, se possível". E havia também prova de redação: "Escreva no mínimo quarenta palavras contando como você passou as suas últimas férias ou comparando o caráter do seu pai com o da sua mãe. Você tem que escolher um desses dois assuntos". Outros temas eram: "1) Descreva a risada da mamãe; 2) Descreva a risada do papai; 3) Descreva o vestido de festa da mamãe; 4) Descreva o cachorro e a casinha do cachorro".

Quem não sabia responder a questões tão comuns como essas tinha que fazer uma cruz, e era terrível o número de cruzes que até mesmo João fazia. Naturalmente o único menino que respondia a todas as perguntas era Magrela, e ninguém podia ter mais esperança de ser o primeiro da classe; no entanto, ele só dava respostas estapafúrdias e na verdade era o último da turma. Uma tristeza.

Peter não participava dessas provas. Primeiro, porque desprezava todas as mães, com exceção de Wendy; segundo, porque era o único menino da ilha que não sabia ler nem escrever uma única palavra, ainda que bem pequenininha. Peter estava acima desse tipo de coisa.

Aliás, todas as perguntas eram escritas no passado. De que cor eram os olhos da mamãe e assim por diante. Sinal de que Wendy também estava esquecendo.

Naturalmente, como veremos, as aventuras faziam parte do dia-a-dia, mas nessa

época Peter inventou, com a ajuda de Wendy, uma brincadeira que o deixou fascinado, até que de repente deixou de lhe interessar. Isso sempre acontecia com suas brincadeiras, como eu já disse. A novidade consistia em fingir que não existia aventura nenhuma, em fazer o tipo de coisa que João e Miguel haviam feito durante toda a vida: sentar num banco e jogar uma bola para cima, dar empurrão uns nos outros, sair para passear e voltar sem ter matado nem um urso sequer. Sentado num banco, sem fazer nada, Peter não conseguia deixar de assumir um ar solene; achava engraçado ficar parado, mas engraçado mesmo era vê-lo assim. Ele se gabava de suas caminhadas saudáveis e durante algum tempo andou encantado com todas essas coisas. João e Miguel tinham de fingir que também estavam encantados, pois do contrário haveriam de enfrentar a fúria do chefe.

Muitas vezes Peter saía sozinho, e, quando voltava, era impossível saber ao certo se tinha vivido ou não alguma aventura. Ele era capaz de esquecê-la tão completamente que não falava nada a respeito, e então alguém saía e encontrava um corpo. Por outro lado, Peter podia contar um monte de coisas e ninguém conseguia encontrar corpo nenhum. As vezes ele voltava para casa com a cabeça enfaixada e desfiava uma história fantástica para Wendy, que, enquanto escutava, dizia-lhe palavras de carinho e lavava o ferimento com água morna. Mas ela nunca tinha plena certeza de que a história era verdadeira. Sabia que muitas aventuras eram verdadeiras, porque havia participado delas; sabia também que muitas tinham pelo menos uma parte de verdade, pois os outros meninos haviam participado e diziam que tinha acontecido mesmo.

Para contar todas elas eu precisaria de um livro tão grande quanto um dicionário de inglês-latim, latim-inglês. O máximo que posso fazer é contar uma que exemplifique o que costumava acontecer na ilha durante uma hora típica. A dificuldade está na escolha. A escaramuça com os peles-vermelhas no Barranco do Magrela? Foi uma luta sangrenta e particularmente interessante, por mostrar uma peculiaridade de Peter que consistia em mudar de lado de repente, bem no meio da batalha. No Barranco, quando a vitória ainda estava indefinida, pendendo ora para um lado, ora para o outro, ele berrou:

— Hoje eu sou pele-vermelha. E você, Beicinho?

Beicinho respondeu:

— Pele-vermelha. E você, Peninha?

E Peninha respondeu:

— Pele-vermelha. E você, Gêmeo?

E assim por diante, até que todos eram peles-vermelhas. Naturalmente isso teria dado fim à briga, se os verdadeiros peles-vermelhas, encantados com os métodos de Peter, não tivessem concordado em ser Meninos Perdidos dessa vez. E assim continuaram lutando, mais ferozes do que nunca.

O extraordinário final dessa aventura foi... Mas eu ainda não decidi se vou narrar essa aventura. Talvez seja melhor falar do ataque noturno dos peles-vermelhas contra a casa subterrânea, quando vários índios ficaram entalados no oco das árvores e precisaram ser puxados para fora como rolhas. Ou ainda eu poderia contar como Peter salvou a vida de Raio-de-Sol na lagoa das Sereias e assim a tornou sua aliada.

Eu também poderia discorrer sobre aquele bolo que os piratas fizeram para os meninos comerem e caírem mortos. Eles o puseram em vários lugares estratégicos, mas Wendy sempre o tirava das mãos das crianças, de modo que o bolo ressecou, ficou duro feito pedra e acabou sendo usado como um míssil, no qual o capitão Gancho tropeçou no escuro.

E se eu falasse dos pássaros que eram amigos de Peter, especialmente do pássaro do Nunca, que construiu um ninho numa árvore perto da lagoa e o ninho caiu na água e mesmo assim o pássaro resolveu chocar os ovos e Peter ordenou que ninguém o incomodasse? Essa história é bonita, e o final mostra como um pássaro pode ser agradecido, mas, se eu a escolher, vou ter de contar também toda a aventura da lagoa, e com isso estaria contando duas histórias em vez de uma.

Uma aventura mais curta e igualmente empolgante foi aquela em que Sininho e algumas fadas da rua tentaram transportar Wendy adormecida numa grande folha flutuante até o continente. Por sorte a folha despencou e Wendy acordou, e, achando que estava na hora do banho, voltou para casa a nado.

Eu também poderia escolher a história em que Peter, usando uma flecha, traçou um círculo no chão ao seu redor e desafiou os leões a cruzarem a linha divisória. Ele esperou horas, com os outros meninos e Wendy olhando lá das árvores, sem ao menos respirar, e nenhum leão aceitou o desafio.

Qual dessas aventuras escolherei? A melhor maneira de decidir é tirando a sorte no cara ou coroa.

Tirei, e a lagoa ganhou. Isso quase me faz desejar que o barranco, o bolo ou a folha de Sininho tivessem ganhado. Naturalmente eu poderia repetir o cara ou coroa para conseguir a melhor das três; no entanto, talvez seja mais certo ficar com a lagoa mesmo.



## 8. A lagoa das Sereias

Se fechar os olhos e tiver sorte, você poderá, às vezes, ver uma poça sem forma, de cores suaves, suspensa na escuridão. Então, se você apertar bem os olhos, a poça vai começar a tomar forma e as cores vão se tornar tão vivas que com mais um aperto serão capazes de pegar fogo. É logo antes de elas pegarem fogo que você avista a lagoa. Se você estiver no continente, isso é o máximo que poderá se aproximar dela, e essa aproximação dura apenas um momento divino. Se durasse dois momentos, daria para ver a espuma das ondas e ouvir o canto das sereias.

Geralmente as crianças passavam longos dias de verão nessa lagoa, nadando e boiando a maior parte do tempo, divertindo-se com as brincadeiras das sereias e outras coisas. Mas não pense que as sereias eram amigas delas; ao contrário, uma das maiores mágoas de Wendy era nenhuma sereia ter lhe dirigido uma palavra gentil durante toda a sua estada na ilha. Quando se aproximava, pé ante pé, da beira da lagoa, ela podia vê-las,



principalmente na rocha do Abandono, onde as sereias gostavam de tomar sol, penteando os cabelos de um jeito preguiçoso que a irritava muito. Ou então Wendy nadava sem fazer o menor ruído, como se andasse na ponta dos pés, e chegava a menos de um metro das sereias, que no entanto a viam e mergulhavam, provavelmente espirrando água nela com a cauda, não por acaso, mas de propósito.

As sereias tratavam todos os meninos da mesma forma, com exceção, é claro, de Peter, que passava horas e horas conversando com elas na rocha do Abandono e se sentava em suas caudas quando se tornavam muito atrevidas. Peter deu a Wendy um dos pentes das sereias.

Vê-las na mudança da lua, quando elas soltam uns gritos estranhos e tristes, é simplesmente inesquecível. Nessa época, porém, a lagoa se torna perigosa para os mortais, e até a noite da qual vamos falar agora Wendy nunca tinha visto a lagoa à luz do luar. Não por medo, já que Peter naturalmente a acompanharia, mas porque havia estabelecido uma lei severa, que obrigava a turma toda a estar na cama às sete horas. Mas muitas vezes ela ia até a lagoa nos dias ensolarados, depois de uma chuva, quando as sereias aparecem em grande número para brincar com suas bolhas coloridas, feitas da água do arco-íris. Elas as jogam, uma para a outra, com a cauda, como se fossem bolas, e tentam acertá-las no arco-íris até as bolhas explodirem. Os gols são as duas pontas do arco-íris, e as goleiras só podem jogar com as mãos. Às vezes acontece na lagoa uma dúzia de partidas ao mesmo tempo, o que é muito bonito de se ver.

No entanto, quando as crianças tentavam entrar no jogo, acabavam brincando sozinhas, porque as sereias desapareciam imediatamente. Temos prova, porém, de que observavam secretamente os intrusos e não deixavam de copiar suas idéias. João inventou um jeito diferente de lançar a bolha, com a cabeça e não com a mão, e as sereias o adotaram. Essa foi uma marca que João deixou na Terra do Nunca.

Também devia ser bonito ver as crianças descansando numa pedra por meia hora depois do almoço. Wendy insistia nesse descanso, que tinha de ser verdadeiro, mesmo que o almoço fosse de mentirinha. Assim, eles se deitavam ao sol, seus corpos reluzindo, enquanto Wendy se sentava a seu lado com pose de importante.

Era um desses dias, e todos se encontravam na rocha do Abandono. Essa rocha não era muito maior que a cama deles, mas naturalmente os meninos sabiam ocupar pouco espaço. Eles cochilavam, ou pelo menos mantinham os olhos fechados, e se beliscavam quando pensavam que Wendy não ia ver. Ela estava muito ocupada com sua

costura.

Enquanto Wendy costurava, a lagoa sofreu uma terrível mudança. Pequenos arrepios agitaram sua superfície, o sol desapareceu e as sombras que se instalaram por toda parte esfriaram a água. Não conseguindo mais enxergar para enfiar a linha na agulha, Wendy levantou os olhos e viu: a lagoa, que até então era um lugar de alegria, tornara-se assustadoramente hostil.

O que tinha chegado não era a noite, ela sabia, mas alguma coisa escura como a noite. Não, pior que isso. A coisa escura não tinha chegado: tinha enviado aquele arrepio para anunciar que estava chegando. O que poderia ser?

Wendy imediatamente se lembrou de todas as histórias que ouvira sobre a rocha do Abandono, assim chamada porque ali os comandantes perversos abandonam os marinheiros condenados à morte por afogamento. Os infelizes se afogam quando a maré sobe e cobre a rocha.

Evidentemente Wendy deveria ter acordado os meninos sem perda de tempo, não só por causa daquela coisa desconhecida que se aproximava, mas também porque não era bom para eles continuar dormindo numa pedra que ficara gelada. No entanto, ela era uma mãe muito jovem e não sabia disso; achou que tinha simplesmente de respeitar sua própria lei sobre a meia hora de descanso depois do almoço. Assim, apesar do medo e da vontade de ouvir vozes masculinas, Wendy não os acordou. Nem mesmo quando ouviu o barulho abafado de remos e sentiu o coração na boca. Ficou ali, firme, vigiando o sono das crianças. Não foi um ato de coragem?

A sorte desses meninos foi haver entre eles um que conseguia farejar o perigo até dormindo. Peter se levantou de um salto, perfeitamente acordado, e com um grito de alerta despertou seus companheiros.

Depois ficou imóvel, com uma das mãos na orelha.

— Os piratas! — exclamou.

Os outros o rodearam. Um estranho sorriso brincava no rosto de Peter; Wendy o viu e estremeceu. Quando ele tinha aquele sorriso no rosto, ninguém se atrevia a lhe dirigir a palavra. Tudo o que podiam fazer era se preparar para obedecer. A ordem foi curta e incisiva:

— Mergulhar!

Uma porção de pernas reluziu, e num segundo a lagoa ficou deserta. A rocha do Abandono se erguia sozinha nas águas ameaçadoras, como se ela mesma tivesse sido

abandonada.

O barco se aproximava. Era o bote dos piratas, transportando três pessoas: Barrica, Empertigado e uma prisioneira, que vinha a ser Raio-de-Sol. A princesa estava com as mãos e os tornozelos amarrados e sabia o que a esperava. Ia ser abandonada na rocha para morrer, e para sua raça esse era um fim mais horrível do que a morte pelo fogo ou pela tortura, pois está escrito no livro da tribo que não existe caminho na água que leve ao campo da caçada feliz. No entanto, Raio-de-Sol tinha o rosto impassível: era a filha de um chefe, e como filha de um chefe devia morrer.

Ela tinha caído prisioneira ao abordar o navio dos piratas com uma faca na boca. Não havia ninguém vigiando a embarcação, pois o capitão Gancho sempre se gabava de que o vento que difundia seu nome bastava para proteger o navio num raio de mais de um quilômetro. Agora o destino da princesa ajudaria a protegê-lo também. Mais um gemido se acrescentaria àquele vento.

Na escuridão que eles próprios traziam, os dois piratas só viram a rocha quando estavam a ponto de bater nela.

— Pode parar, sua besta — Barrica berrou com seu sotaque de irlandês. — Chegamos. Agora é só largar a índia aí e deixar que a desgraçada se afogue.

Bastava um momento de brutalidade para desembarcar a linda moça, que era orgulhosa demais para lhes opor uma resistência inútil.

Bem perto da rocha duas cabeças se erguiam e mergulhavam, mas os piratas não as viram. Eram de Peter e Wendy. Wendy chorava, pois essa era a primeira tragédia que presenciava. Peter já tinha assistido a muitas tragédias, mas se esquecera de todas. Ele não sentia tanta pena de Raio-de-Sol quanto Wendy; na verdade, estava revoltado com aquele confronto desigual, de dois contra um, e resolveu salvar a princesa. O jeito fácil seria esperar que os piratas se afastassem, mas Peter nunca foi de escolher o jeito fácil.

Como praticamente não havia nada que não pudesse fazer, ele agora tratou de imitar a voz do capitão Gancho.

— Ei, vocês aí, seus bobocas! — gritou.

Foi uma imitação sensacional.

— O capitão! — os piratas exclamaram, olhando um para o outro, surpresos.

— Ele deve ter nadado atrás da gente — Empertigado concluiu, depois que ambos procuraram inutilmente avistar o chefe.

— Já vamos largar a índia na rocha — Barrica informou.

— Soltem a moça — foi a surpreendente resposta.

— Soltar?!

— Isso mesmo. Cortem as cordas e libertem a prisioneira!

— Mas, capitão...

— Agora mesmo, estão ouvindo? — Peter berrou. — Senão eu vou descer o gancho em vocês.

— Que esquisito! — Barrica resmungou.

— É melhor fazer o que o capitão falou — Empertigado decidiu, nervoso.

— Está bem — suspirou Barrica, cortando as cordas que prendiam Raio-de-Sol.

No mesmo instante ela deslizou como uma enguia por entre as pernas de Empertigado e mergulhou na água.

Naturalmente Wendy ficou felicíssima com a esperteza de Peter, mas sabia que ele também devia estar feliz da vida e era bem capaz de soltar um cocoricó e pôr tudo a perder. Assim, ela imediatamente ergueu a mão para tapar a boca do menino, e nesse exato momento um "O de bordo!" ecoou pela lagoa. A voz era do capitão Gancho, e dessa vez não se tratava de nenhuma imitação.

Pode ser que Peter estivesse a ponto de cocoricar, mas se limitou a dar um assobio de espanto.

—Ode bordo! — a mesma voz repetiu.

Então Wendy compreendeu. O verdadeiro capitão Gancho também estava por perto. Ele nadava na direção do barco e, guiado pela luz que seus homens lhe mostravam, logo chegou lá. A luz da lanterna, Wendy viu seu gancho agarrar o lado do bote, viu seu rosto malvado e moreno quando ele saiu da água e estremeceu. Quis fugir, mas Peter estava entusiasmadíssimo e nem pensou em arredar pé dali.

— Eu não sou maravilhoso? Ah, eu sou maravilhoso! — ele cochichou, estourando de convencimento.

Apesar de achar a mesma coisa, Wendy ficou contente por ninguém ter ouvido isso: poderia comprometer a fama de Peter.

Ele lhe fez sinal para escutar.

Os dois piratas estavam muito curiosos para saber o que havia levado seu comandante até ali, porém ele se sentou com a cabeça apoiada no gancho, numa posição que expressava profunda melancolia, e não disse nada.

— Está tudo bem, chefe? — perguntaram timidamente, mas o capitão respondeu

com um gemido.

— Ele soltou um suspiro — Barrica explicou.

— Soltou mais um — disse Empertigado.

— Com esse de agora já são três suspiros — Barrica enumerou.

— Qual é o problema, chefinho?

Finalmente ele falou, muito exaltado:

— A festa acabou. Os moleques arranjaram uma mãe.

Apesar do medo, Wendy ficou inchada de orgulho.

— Maldito dia! — Empertigado esbravejou.

— O que é uma mãe? — perguntou Barrica em sua ignorância.

Wendy se scandalizou de tal modo que exclamou:

— Ele não sabe!

E depois disso sempre achou que, se pudesse ter um pirata de estimação, escolheria Barrica. Peter puxou-a para baixo da água, pois o capitão se levantou de um salto, berrando:

— O que foi isso?

— Eu não escutei nada — Empertigado declarou, erguendo a lanterna sobre a lagoa.

Os piratas viram então uma coisa estranha. Era o ninho do qual já falei, com o pássaro do Nunca pousado nele.

— Vejam — disse Gancho, respondendo a pergunta de Barrica. — Aquilo ali é uma mãe. Que grande lição! O ninho deve ter caído na água, mas a mãe abandonou os ovos? Não.

Sua voz falhou, como se por um momento ele se lembrasse de sua época de inocência, quando... Ele afastou essa fraqueza com seu gancho. Muito impressionado, Barrica contemplava o pássaro enquanto o ninho se afastava, porém Empertigado, que desconfiava mais das coisas, comentou:

— Se aquilo é uma mãe, vai ver que está por aqui para ajudar o Peter.

O capitão estremeceu.

— É isso que me dá medo — confessou.

A voz ansiosa de Barrica tirou-o dessa tristeza:

— E se a gente raptasse a mãe dos moleques para ela ser a mãe da gente?

— Genial! — Gancho exclamou, e imediatamente seu grande cérebro encontrou

uma forma de pôr em prática a idéia de Barrica: — Vamos pegar as crianças e levá-las para o navio. Obrigamos os meninos a caminhar pela prancha até caírem no mar, e Wendy fica sendo nossa mãe.

Mais uma vez Wendy perdeu a cabeça.

— Nunca! — protestou, mergulhando de novo.

— O que foi isso?

Os piratas olharam, mas não viram nada. Acharam então que devia ter sido uma folha carregada pelo vento.

— Estão de acordo, valentões? — o chefe quis saber.

— Aperte aqui — os dois responderam, estendendo-lhe as mãos.

— Apertem aqui — o capitão repetiu, estendendo-lhes o gancho. — Jurem — acrescentou.

Todos juraram. A essa altura estavam na rocha, e de repente o capitão se lembrou de Raio-de-Sol.

— Onde está a pele-vermelha? — perguntou abruptamente.

Havia momentos em que ele gostava de brincar, e os outros dois acharam que esse era um de tais momentos.

— Já está tudo bem — Barrica respondeu, contente consigo mesmo. — A gente soltou a índia.

— Soltaram! — o chefe bufou.

— Foi o senhor mesmo que mandou — explicou Barrica, hesitante.

— E, o senhor gritou para a gente soltar a índia — Empertigado confirmou.

— Com trezentos mil diabos! — Gancho trovejou. — Vocês pensam que me enganam? — Estava roxo de raiva, mas ficou pasmo ao perceber que seus capangas acreditavam no que diziam. — Garotos, eu não dei essa ordem — declarou, estremecendo ligeiramente.

— Isso é muito esquisito — Barrica concluiu, tão nervoso quanto seus companheiros.

O capitão levantou a voz, que no entanto estava trêmula:

— Alma do outro mundo que veio assombrar este lago escuro, está me ouvindo?

Peter devia ter ficado em silêncio, evidentemente, mas é claro que não ficou. Imitando a voz de seu inimigo, respondeu prontamente:

— Com mil e oitocentos raios que o partam, estou ouvindo.

Nesse momento supremo Gancho não demonstrou medo, mas Barrica e Empertigado se agarraram um ao outro, apavorados.

— Quem é você, estranho? — perguntou o capitão. — Fale!

— Sou Jaime Gancho — a voz respondeu —, comandante do Fera dos Mares.

— Não é, não — berrou o verdadeiro Jaime Gancho, completamente rouco.

— Com trezentos mil diabos! — a voz retrucou. — Repita isso que eu joga a âncora em cima de você!

O capitão resolveu tentar um jeito mais simpático:

— Se você é Jaime Gancho — falou, quase humilde —, quem sou eu?

— Um bacalhau — a voz respondeu. — Apenas um bacalhau.

— Um bacalhau! — o capitão repetiu, atordoado, e foi nesse exato momento que seu espírito orgulhoso esmoreceu.

— Então quem comandou a gente esse tempo todo foi um bacalhau! — resmungaram seus lacaios, afastando-se.

— Que coisa mais humilhante!

Sempre tratados como cachorros, eles agora pareciam de fato dois cachorros rosnando para o dono, prontos para mordê-lo. Gancho, porém, não lhes deu a menor atenção; havia se transformado numa figura trágica e, diante de uma evidência tão terrível, o que precisava era acreditar em si mesmo, e não que seus homens acreditassem nele. Sentia que seu ego se afastava.

— Não me abandone, meu amigo — pediu num murmúrio rouco.

Como ocorre com todos os grandes piratas, sua natureza sombria tinha algo de feminino, o que às vezes lhe inspirava boas intuições. De repente ele resolveu experimentar um jogo de adivinhação.

— Gancho, você tem outra voz? — perguntou.

Ora, Peter não conseguia resistir a uma brincadeira e respondeu alegremente:

— Tenho.

— E tem outro nome?

— Tenho, sim.

— Vegetal? — o capitão continuou perguntando.

— Não.

— Mineral?

— Não.

— Animal?

— Sim.

— Homem?

— Não! — e nessa breve resposta vibrou o mais profundo desprezo.

— Menino?

— Sim.

— Menino comum?

— Não!

— Menino maravilhoso?

Dessa vez, para desespero de Wendy, a resposta foi:

— Sim.

— Você está na Inglaterra?

— Não.

— Está aqui?

— Sim.

Completamente confuso, o capitão enxugou a testa suada e ordenou a seus homens:

—Perguntem vocês.

Barrica refletiu um pouco e declarou, tristonho:

— Não consigo pensar em coisa nenhuma.

— Vocês não adivinham! Não adivinham! — Peter cocoricou. — Vão desistir?

Naturalmente ele estava levando a brincadeira longe demais, com aquele seu orgulho todo, e os bandidos trataram de aproveitar essa oportunidade de ganhar o jogo.

— Sim, sim — responderam sem perda de tempo.

— Muito bem, então — o menino gritou. — Eu sou Peter Pan! Pan!

Num instante o capitão Gancho voltou a ser ele mesmo, e Barrica e Empertigado eram de novo seus fiéis lacaios.

— Agora o pegamos — Gancho berrou. — Caia na água, Barrica! Cuide do barco, Empertigado. Quero esse moleque vivo ou morto!

Enquanto falava ele saltou do barco, ao mesmo tempo que se ouviu a voz alegre de Peter.

— Estão prontos, meninos?

— Sim, sim — foi a resposta, vinda de várias partes da lagoa.



— Então, para cima deles!

A luta foi breve e feroz. O primeiro a derramar sangue foi João, que corajosamente subiu no barco e se atracou com Empertigado. Seguiu-se uma briga violenta, na qual se arrancou a espada das mãos do pirata, que caiu na água; imediatamente João mergulhou atrás dele. O barco se afastou, vagando sem rumo.

Cá e lá uma cabeça emergia, um grito se seguia a um brilho de aço. Na confusão uns e outros atingiam os próprios companheiros. Barrica acertou o saca-rolhas na quarta costela de Beicinho, mas em compensação foi golpeado por Cachinho. Mais ao longe, na rocha, Empertigado apossava Magrela e os Gêmeos.

Enquanto isso, onde estava Peter? Procurando uma caça maior.

Todos os outros meninos eram corajosos e não se pode criticá-los por recuarem diante do capitão dos piratas. A garra de ferro criava em torno dele um círculo de água parada, da qual os garotos fugiam como peixes assustados.

Entre eles havia um, porém, que não temia o capitão: um que estava pronto para entrar nesse círculo.

Estranhamente, não foi na água que os dois se encontraram. Gancho subiu na rocha para tomar fôlego, e ao mesmo tempo Peter também subiu pelo outro lado. A pedra era escorregadia como vidro molhado, e para escalá-la eles tiveram que rastejar. Nenhum dos dois percebeu a presença do outro. Tateando a rocha em busca de um ponto de apoio, cada um se deparou com o braço do outro. Surpresos, ambos ergueram a cabeça e se viram cara a cara. Assim se encontraram.

Alguns dos maiores heróis confessaram que se sentiram fraquejar pouco antes de entrar em ação. Se Peter também tivesse fraquejado nesse momento, eu diria a vocês. Afinal, o capitão Gancho era o único homem que metia medo no próprio Diabo do Mar. Mas Peter não fraquejou e sentiu apenas uma coisa: alegria. E foi com alegria que rangeu seus lindos dentes. Rápido como o pensamento, arrancou uma faca do cinto do capitão e estava prestes a cravá-la no peito do inimigo quando percebeu que se encontrava num lugar mais alto que ele. Seria desleal de sua parte aproveitar-se dessa vantagem. Assim, tratou de ajudar o pirata a subir até lá.

Foi então que o capitão Gancho lhe deu uma mordida.



O que deixou Peter zozinho não foi a dor, mas a injustiça dessa dentada. Ele ficou sem ação, olhando fixo, horrorizado. Toda criança reage dessa forma na primeira vez em que recebe um tratamento injusto. Tudo o que ela se acha no direito de encontrar quando se aproxima de alguém é justiça. Poderá amar de novo uma pessoa que foi injusta com ela, porém nunca mais será a mesma criança. Ninguém se recupera da primeira injustiça. Ninguém, exceto Peter. Ele muitas vezes a encontrou, mas sempre a esqueceu. Acho que isso era o que verdadeiramente o diferenciava do resto do mundo.

Assim, a injustiça de agora parecia a primeira de sua vida, e ele só conseguia olhar fixo, sem ação. Por duas vezes a mão de ferro o agarrou.

Alguns minutos depois os outros meninos viram Gancho na água, nadando com todas as forças para chegar ao navio. Sua cara malhada já não expressava alegria nem orgulho, mas apenas medo, pois o crocodilo o perseguia sem trégua. Em outra ocasião os meninos o teriam acompanhado, dando vivas; agora, porém, estavam inquietos, pois haviam perdido Peter e Wendy e os procuravam por toda a lagoa, chamando-os pelo nome. Quando encontraram o bote, usaram-no para voltar para casa, gritando pelo caminho:

— Peter! Wendy!

A única resposta que receberam foi o riso zombeteiro das sereias.

— Devem estar nadando ou voando — concluíram.

Não estavam aflitos, pois confiavam cegamente em Peter. Riam porque havia passado da hora de dormir, e tudo por culpa de mamãe Wendy!

Quando suas vozes se calaram, a lagoa mergulhou num gélido silêncio, cortado de repente por um gritinho fraco:

— Socorro! Socorro!

Dois pequenos vultos batiam contra a rocha: a menina havia desmaiado e o menino a carregava nos braços. Com um último esforço Peter a puxou para cima da rocha e deitou-se ao lado dela. Pouco antes de desmaiar também, ele viu que a água estava subindo. Sabia que logo se afogariam, porém não podia fazer mais nada.

Estavam deitados, um ao lado do outro, quando uma sereia agarrou Wendy pelos pés e começou a arrastá-la para dentro da água. Sentindo que ela se afastava, Peter acordou assustado, bem a tempo de puxá-la de volta. Mas tinha que lhe contar a verdade.

— A gente está na pedra — disse —, mas ela está ficando cada vez menor. Logo, logo vai ficar coberta de água.

Wendy não entendeu de imediato.

— Precisamos ir embora — ela disse, quase alegre.

— Sim — ele murmurou já sem forças.

— Vamos nadando ou voando?

Ele tinha que lhe contar.

— Você acha que consegue nadar ou voar até a ilha sem a minha ajuda?

Wendy foi obrigada a admitir que estava cansada demais. Peter soltou um gemido.

— O que foi? — a menina perguntou, preocupada.

— Eu não posso ajudar você. O capitão Gancho me feriu. Não vou conseguir voar nem nadar.

— Então a gente vai se afogar?

— Veja como a água está subindo.

Os dois taparam os olhos com as mãos para não ver. Acharam que dentro em breve estariam mortos. De repente uma coisa leve como um beijo roçou em Peter e ficou ali, como se perguntasse timidamente:

— Posso ser útil?

Era o rabo do papagaio que Miguel tinha feito alguns dias antes. O brinquedo havia se soltado de sua mão e saía voando.

— O papagaio do Miguel — Peter falou sem o menor interesse, mas um segundo depois agarrou a rabiola e puxou o papagaio em sua direção. — Se isto aqui levantou o Miguel do chão, pode muito bem carregar você! — exclamou.

— Carregar a gente! — ela o corrigiu.

— Não dá para carregar mais de um. O Miguel e o Cachinho já tentaram.

— Então vamos tirar a sorte — Wendy propôs, corajosa.

— Nem pensar! Você é uma senhora.

A essa altura Peter já havia amarrado a rabiola na cintura de Wendy, que no entanto se agarrou a ele, recusando-se a partir sozinha. Sem lhe dar ouvidos, Peter lhe disse adeus e a empurrou para fora da rocha. Minutos depois perdeu-a de vista e ficou sozinho.

Agora a pedra estava pequenininha; a água não demoraria a cobri-la por inteiro. Pálidos raios de luz passeavam sobre a lagoa na ponta dos pés, e de vez em quando Peter escutava um som ao mesmo tempo extremamente musical e terrivelmente melancólico: eram as sereias, gritando para a lua.

Peter não era igual aos outros meninos, mas até que enfim estava com medo. Sentiu um calafrio percorrê-lo, como um arrepio que passa sobre o mar. Entretanto, no mar um arrepio segue o outro até se tornarem centenas, e Peter sentiu um único calafrio. No momento seguinte estava novamente de pé na rocha, com aquele sorriso no rosto e um tambor batendo dentro dele. O tambor dizia: "Morrer vai ser uma aventura tremendamente grande".



## 9. O pássaro do Nunca

Os últimos ruídos que Peter ouviu antes de ficar inteiramente só foram os das sereias que se retiravam, uma a uma, para seus quartos no fundo do mar. Ele estava longe demais para escutar as portas se fechando, porém lá nas cavernas de coral, onde as sereias moram, cada porta tem um sininho que toca quando ela se abre ou fecha (como acontece nas melhores casas do continente). Peter ouviu esses sininhos. A água continuava subindo sem parar e agora já estava em seus pés, e, para passar o tempo até ser tragado para sempre, Peter observava a única coisa que se movia na lagoa. A princípio achou que era um pedaço de papel, talvez parte do papagaio, e se pôs a imaginar quanto tempo aquilo levaria para chegar à terra firme. Agora, porém, começava a pensar que aquela coisa estranha sem dúvida estava ali com um objetivo definido, porque ela lutava contra a maré e às vezes vencia. E, quando vencia, Peter, sempre solidário com o lado mais fraco, não podia deixar de aplaudir. Era um pedaço de papel muito valente.

Na verdade, não era um pedaço de papel. Era o pássaro do Nunca, que, navegando em seu ninho, fazia esforços desesperados para se aproximar de Peter.

Batendo as asas do jeito que havia aprendido depois que o ninho havia caído na água, ele conseguia manobrar mais ou menos sua estranha embarcação, porém estava exausto quando o menino o reconheceu. Tinha ido até lá para salvá-lo, para lhe dar seu ninho, apesar dos ovos. Isso muito me admira, pois Peter, se algumas vezes havia sido bom para ele, também o atazanara em várias ocasiões. Só acho que, tal como a sra. Darling e o resto das mulheres, o pássaro, que na verdade era uma pássara, se derretia por Peter porque ele tinha todos os dentes de leite.

O pássaro lhe explicou o que tinha ido fazer ali e Peter lhe perguntou o que estava fazendo ali, mas naturalmente um não entendia a língua do outro. Nas histórias fantásticas as pessoas conversam à vontade com os bichos, e bem que eu gostaria de fingir que esta é uma história fantástica e dizer que Peter deu uma resposta inteligente ao pássaro do Nunca. Mas é melhor falar a verdade, e eu só quero contar o que realmente aconteceu.

Bem, o fato é que eles não se entendiam, e além disso deixaram de lado as boas maneiras.

— Eu-quero-que-você-entre-no-ninho — o pássaro falou, pronunciando as palavras o mais devagar e claramente possível — e-então-você-pode-ir-para-a-terra-firme, mas-estou-cansado-demaís-para-ir-até-aí, de-modo-que-você-precisa-nadar-até-aqui.

— O que é que você está cacarejando? — Peter perguntou. — Por que não deixa o ninho boiar à vontade, como sempre?

— Eu-quero-que-você... — o pássaro repetiu tudo de novo.

Então Peter experimentou falar também devagar e claramente.

— O-que-é-que-você-está-cacarejando... — etc.

O pássaro do Nunca se irritou (essas aves têm o pavio curto) e gritou:

— Por que você não faz logo o que eu estou dizendo, seu cabeça oca?

Peter desconfiou que ele o tinha xingado e, pelo sim, pelo não, resolveu retribuir a ofensa:

— É você!

Então curiosamente os dois berraram ao mesmo tempo:

— Cale a boca!

— Cale a boca!

Acontece que, apesar dos pesares, o pássaro estava decidido a salvar o menino, se pudesse, e num último esforço jogou o ninho contra a rocha. Depois voou, abandonando os ovos para deixar bem claro o que queria.





Finalmente Peter entendeu. Agarrou o ninho e, agradecido, acenou para seu salvador, que esvoaçava acima de sua cabeça. No entanto o pássaro estava ali, pairando no céu, não para receber seu agradecimento, nem para assistir a seu embarque, mas para ver o que ele ia fazer com os ovos.

Eram dois ovos, grandes e brancos; Peter os pegou e ficou pensando.

O pássaro cobriu a cara com as asas para não ver o fim dos ovos, mas não resistiu à tentação de espiar por entre as penas.

Não me lembro se contei que havia na rocha uma vareta que uns piratas tinham posto ali fazia muitos e muitos anos para marcar o lugar de um tesouro enterrado. As crianças tinham encontrado o reluzente tesouro e, quando estavam endiabradas, costumavam jogar chuvas de moedas de ouro e de prata e diamantes e pérolas para as gaivotas, que mergulhavam em busca de comida e se afastavam, furiosas com aquele golpe baixo. A vareta ainda estava lá, e nela Empertigado pendurara seu chapéu impermeável, de copa alta e aba larga. Peter colocou os ovos dentro desse chapéu e o pousou sobre a água, onde ele flutuou lindamente. O pássaro do Nunca logo entendeu o que o menino pretendia e expressou sua admiração. Peter cocoricou para mostrar que concordava plenamente com ele. Depois entrou no ninho, fincou a vareta no fundo para servir de mastro e pendurou sua camisa para servir de vela. No mesmo instante o pássaro voou para o chapéu e mais uma vez se aboletou com todo o conforto nos ovos. Então cada qual tomou seu rumo, despedindo-se calorosamente.

É claro que, ao chegar à ilha, Peter deixou o ninho num lugar onde seu legítimo dono pudesse encontrá-lo sem dificuldade. Acontece, porém, que o pássaro logo se esqueceu do antigo ninho, tamanho foi o sucesso do chapéu, que navegou de um lado a outro até se despedaçar. Muitas vezes Empertigado ia até a beira da lagoa e contemplava com amargura o pássaro instalado em seu chapéu. Como não vamos mais vê-lo, talvez seja bom dizer aqui que desde então todos os pássaros do Nunca constroem seus ninhos nesse formato, com uma aba larga onde os filhotes podem tomar ar.

Foi uma grande alegria quando Peter entrou na casa subterrânea, quase ao mesmo tempo que Wendy, que ali chegara transportada pelo papagaio. Todos os meninos tinham aventuras para contar, porém a maior delas talvez fosse esta: a hora de dormir havia ficado bem para trás. Eles estavam tão empolgados com isso que fizeram uma porção de coisas, como pedir curativos para machucados inexistentes só para permanecer acordados mais tempo ainda. Apesar de se sentir imensamente feliz por tê-los todos em

casa, sãos e salvos, Wendy também estava escandalizada com tamanho atraso e gritou num tom que não admitia desobediência:

— Já para a cama!

No dia seguinte, porém, mostrou-se extremamente carinhosa e distribuiu curativos para todos, e até a hora de dormir os meninos brincaram de andar mancando e com o braço na tipóia.



## 10. O lar feliz

Um resultado importante da escaramuça na lagoa foi que os peles-vermelhas se tornaram amigos dos meninos. Peter salvou Raio-de-Sol de um fim horrendo, e agora não havia nada que a princesa e seus corajosos guerreiros não fizessem por ele. Toda noite os índios vigiavam a casa subterrânea e aguardavam o grande ataque dos piratas, que evidentemente não haveriam de adiá-lo por muito mais tempo. Mesmo de dia os peles-vermelhas circulavam por ali, fumando o cachimbo da paz e quase pedindo que lhes dessem alguns petiscos.

Os índios chamavam Peter de Grande Pai Branco e se ajoelhavam diante dele. O danadinho gostava muito disso, o que não lhe fazia nenhum bem.

— O Grande Pai Branco está contente de ver os guerreiros Pequeninos protegendo sua oca dos piratas — o menino dizia com toda a arrogância, enquanto os peles-vermelhas rastejavam a seus pés.

— Mim Raio-de-Sol — explicava a encantadora princesa. — Peter Pan salva mim,

mim boa amiga dele. Mim não deixa pirata machucar ele.

Raio-de-Sol era bonita demais para se rebaixar dessa forma, porém Peter achava que ela não fazia mais que a obrigação e respondia com ar de superioridade:

— Isso é bom. Peter Pan falou.

Essa frase — "Peter Pan falou" — significava que todos deviam calar a boca. Os índios aceitavam humildemente tal situação, mas não eram tão respeitosos com os outros meninos, que viam apenas como guerreiros comuns. Diziam-lhes "E aí, hein?" e coisas desse tipo, e o que aborrecia os meninos era que Peter parecia achar tudo isso absolutamente certo.

Wendy tinha pena deles, mas era uma dona de casa leal demais para permitir qualquer reclamação contra o pai. "O pai é que sabe", vivia repetindo, qualquer que fosse sua opinião pessoal. Com relação aos peles-vermelhas, sua opinião pessoal era que não deviam chamá-la de "patroa".

Agora chegamos ao que se tornaria conhecido entre eles como a Noite das Noites, por causa das aventuras que ocorreram então e de suas conseqüências. Como se estivesse tranqüilamente reunindo suas forças, o dia havia sido quase monótono. Agora os índios se encontravam em seus postos, enrolados em seus cobertores, enquanto lá embaixo da terra as crianças tomavam o lanche da noite. Peter tinha saído para ver as horas. Para isso, precisava encontrar o crocodilo e ficar perto dele até o relógio dar as horas.

O lanche dessa noite era de faz-de-conta. Sentados em volta da mesa, os meninos se empanturravam de mentirinha, e juntando isso com o falatório e as recriminações de Wendy, o barulho era ensurdecedor, como ela costumava dizer. Na verdade ela não se importava com barulho, mas não admitia que pegassem tudo quanto era coisa e depois se desculpassem alegando que Beicinho havia empurrado seu cotovelo. Uma regra rígida rezava que nunca podiam revidar uma agressão durante as refeições; deviam relatar o motivo da briga a Wendy, erguendo educadamente a mão direita e anunciando: "Quero reclamar disso e daquilo". No entanto, o que geralmente acontecia era que ou eles se esqueciam de fazer isso, ou faziam demais.

— Silêncio! — Wendy gritou, depois de repetir pela vigésima vez que não deviam falar todos ao mesmo tempo. — A sua caneca está vazia, Magrelinha querido?

— Quase, mamãe — Magrela respondeu, olhando para uma caneca imaginária.

— Ele ainda nem começou a tomar o leite — Peninha se intrometeu.

Isso era denunciar, e Magrela aproveitou a chance:

— Quero reclamar do Peninha — gritou mais que depressa.

Acontece, porém, que João tinha levantado a mão antes dele.

— O que é, João?

— Eu posso me sentar na cadeira do Peter, já que ele não está?

— Sentar na cadeira do pai! — Wendy exclamou, escandalizada. — Claro que não!

— Ele não é nosso pai de verdade — João argumentou.

— O Peter só ficou sabendo o que um pai faz depois que eu ensinei para ele.

Isso era resmungar.

— A gente quer reclamar do João — os Gêmeos berraram.

Beicinho levantou a mão. Ele era o mais humilde de todos; na verdade, era o único menino humilde da turma, e por isso Wendy o tratava com especial gentileza.

— Acho que eu não posso ser pai — ele disse timidamente.

— Não pode mesmo.

Depois que começava a falar, o que não acontecia muitas vezes, Beicinho não conseguia mais parar.

— Já que eu não posso ser pai, será que você me deixa ser bebê, Miguel? — ele perguntou, sempre acanhado.

— Não — Miguel respondeu secamente, lá do alto de seu cesto.

— Já que eu não posso ser bebê — Beicinho continuou, cada vez mais tímido —, vocês acham que eu podia ser um gêmeo?

— Não, senhor! — os Gêmeos responderam. — É difícil demais ser gêmeo.

— Já que eu não posso ser nada de importante — Beicinho ainda arriscou —, será que algum de vocês gostaria de me ver fazer um truque?

— Não — todos responderam.

Então ele finalmente parou de perguntar.

— Eu não tinha mesmo a menor esperança — suspirou.

As detestáveis denúncias recomeçaram.

— O Magrela está tossindo na mesa.

— Os Gêmeos estão comendo primeiro a torta de queijo.

— O Cachinho está lambendo a manteiga e o mel.

— O Peninha está falando com a boca cheia.

— Eu quero reclamar dos Gêmeos.

— Eu quero reclamar do Cachinho.

— Eu quero reclamar do Peninha.

— Deus me acuda! — Wendy gritou. — Às vezes eu acho que devia ter inveja de quem não tem filho.

Ela mandou os meninos tirarem a mesa e sentou-se com sua cesta de costura, onde a esperava um monte de meias furadas e de calças rasgadas no joelho, como sempre.

— Eu já sou muito grande para dormir em berço — Miguel protestou.

— Eu preciso ter alguém no berço — Wendy respondeu, meio azeda — e você é o menorzinho. É bom ter um berço em casa.

Enquanto ela costurava, os meninos brincavam à sua volta, o fogo iluminando romanticamente um punhado de rostos felizes e de corpos que dançavam sem parar. Essa cena se tornara comum na casa subterrânea, mas agora nós a contemplamos pela última vez. Um súbito ruído de passos se fez ouvir lá em cima, e Wendy, claro, foi a primeira a reconhecê-lo.

— Estou escutando os passos do seu pai. Vão encontrá-lo na porta, como ele gosta.

Lá em cima os peles-vermelhas se curvavam diante de Peter.

— Fiquem de olho bem aberto, meus bravos. Eu falei.

E então, como muitas outras vezes, as crianças alegremente o puxaram de sua árvore. Como muitas outras vezes... e nunca mais.

Ele havia trazido nozes para os meninos, assim como a informação da hora certa para Wendy.

— Peter, você está estragando esses moleques, sabia? — Wendy comentou, sorrindo timidamente.

— Ora, minha velha — Peter respondeu pendurando a arma.

— Fui eu que ensinei para ele que todo mundo chama mãe de minha velha — Miguel cochichou para Cachinho.

— Eu quero reclamar do Miguel — Cachinho falou no mesmo instante.

O primeiro Gêmeo chegou perto de Peter.

— Papai, a gente quer dançar.

— Então dance, rapazinho — disse Peter, que estava de muito bom humor.

— Mas a gente quer que você dance.

Peter era o melhor dançarino da turma, mas fingiu que estava escandalizado.

— Eu... chacoalhando os meus velhos ossos?!

— E a mamãe também.

— O quê?! — Wendy se espantou. — A mãe desse bando todo... dançando?!

— Mas hoje é sábado — Peninha argumentou.

Na verdade não era, mas bem que podia ser, pois havia muito tempo que eles tinham perdido a conta dos dias. Sempre que queriam fazer alguma coisa especial, diziam que era sábado e faziam.

— Claro que é sábado, Peter — Wendy reforçou, já cedendo.

— Não fica bem para nós, Wendy!

— Mas é com os nossos filhos!

— É verdade, é verdade.

Resolveu-se, assim, que todos iriam dançar, mas antes as crianças deviam vestir suas camisolas.

Foi então que Peter se aproximou da lareira e, olhando para Wendy, que remendava mais uma meia, declarou:

— Ah, minha velha, depois de um dia de trabalho não existe coisa melhor do que descansar ao pé do fogo, com a molecada por perto.

— É muito bom, mesmo — ela concordou, feliz da vida.

— Acho que o Cachinho tem o seu nariz.

— O Miguel se parece com você.

Wendy se levantou e colocou a mão no ombro de Peter.

— Meu querido, com uma família tão grande eu sei que já não sou como antes, mas você não quer me trocar por outra, quer?

— Claro que não.

Com certeza ele não queria fazer nenhuma troca, mas olhava-a de um jeito esquisito, piscando, como quem não sabe bem se está acordado ou dormindo.

— Peter, o que é que há?

— Eu estava pensando — ele respondeu, um pouco assustado. — É só de faz-de-conta que eu sou pai deles, não é?

— Claro! — Wendy confirmou num tom meio afetado.

— Sabe, eu ia parecer muito velho se fosse mesmo pai deles — Peter explicou,

como se estivesse se desculpando.

— Mas eles são nossos. Seus e meus.

— Mas não são de verdade, são? — ele insistiu, ansioso.

— Não, se você não quer — Wendy respondeu, ouvindo claramente seu suspiro de alívio. — Peter, o que é que você sente por mim? — perguntou, tentando falar com firmeza.

— O que um filho amoroso sente.

— Foi o que eu pensei — ela murmurou, indo sentar-se no canto oposto da sala.

— Você é esquisita — Peter reclamou, francamente confuso —, e a Raio-de-Sol também. Ela quer ser uma coisa para mim, mas diz que não é minha mãe.

— Não, é claro que não — Wendy falou com uma ênfase assustadora.

Agora sabemos o motivo de seu preconceito contra os peles-vermelhas.

— Então é o quê?

— É o que uma senhora não deve dizer.

— Pois muito bem — Peter declarou, meio irritado. — Pode ser que a Sininho me conte.

— Ah, sim, a Sininho vai lhe contar — concordou Wendy, desdenhosa. — Ela é mesmo uma horrorosa.

Nesse momento Sininho, que estava em seu quarto, escutando tudo, berrou alguma coisa.

— Ela falou que se orgulha muito de ser horrorosa — Peter traduziu. E de repente teve uma idéia: — Será que a Si quer ser minha mãe?

— Seu burro! — Sininho gritou, furiosa.

A fadinha havia dito isso tantas vezes que Wendy não precisou de tradução.

— Quase que eu concordo com ela — Wendy resmungou.

Imagine só, Wendy resmungando! O fato é que tinha se aborrecido demais com aquela conversa e nem desconfiava do que estava para acontecer antes que a noite chegasse ao fim. Se soubesse, não resmungaria.

Nenhum deles sabia. Talvez fosse melhor assim. Graças à sua ignorância, tiveram mais uma hora de alegria, e, como esta seria sua última hora na ilha, ainda bem que puderam viver sessenta minutos inteiros de felicidade. Vestidos de camisola, eles cantaram e dançaram. A canção era uma daquelas que provocam deliciosos arrepios, e as crianças fingiam ter medo da própria sombra, sem sequer desconfiar que logo outras



sombras desceriam sobre elas e as fariam encolher-se de pavor. A dança era barulhenta e animada, com a turminha se atracando na cama e no chão. Era mais uma guerra de travesseiros do que uma dança, e, quando terminou, os travesseiros ainda insistiram em mais uma rodada, como pares conscientes de que talvez não voltem a se encontrar. E houve também muitas histórias antes daquela que Wendy contava na hora de dormir. Até Magrela tentou contar uma história, e o começo era tão chato que chateou todo mundo, inclusive o próprio narrador.

— Tudo bem, esse começo é chatinho mesmo — ele reconheceu. — Vamos fazer de conta que é o fim.

E então os meninos se deitaram para ouvir a história de Wendy, a história de que mais gostavam, a história que Peter detestava. Geralmente, quando Wendy começava a desfiá-la, Peter saía da sala ou tapava os ouvidos com as mãos. Se dessa vez tivesse feito uma coisa ou outra, talvez todos eles ainda estivessem na ilha. Mas esta noite ele permaneceu em seu banco, e já veremos o que aconteceu.



## 11. A história de Wendy

Escutem — disse Wendy, sentando-se confortavelmente para contar sua história, com Miguel a seus pés e os sete meninos na cama. — Era uma vez um senhor...

— Eu preferia que fosse uma senhora — Cachinho interrompeu.

— Eu queria que fosse um rato branco — Peninha falou.

— Fiquem quietos — Wendy ordenou. — Era uma vez uma senhora também e...

— Ah, mãezinha — o primeiro Gêmeo choramingou —, você quer dizer que é uma vez uma senhora também, não quer? Ela não morreu, morreu?

— Não!

— Puxa, estou feliz da vida porque ela não morreu! — Beicinho exclamou. — Você não está contente, João?

— Claro que estou!

— E você, Peninha?

— Eu também.

— E vocês, Gêmeos?

— Estamos muito contentes!

— Deus me acuda! — Wendy suspirou.

— Ei, vocês querem fazer um pouco menos de barulho? — Peter esbravejou, achando que, por mais boba que fosse a história, Wendy tinha o direito de contá-la e os meninos tinham a obrigação de ouvi-la.

— Ele se chamava sr. Darling — Wendy continuou — e ela, sra. Darling.

— Eu conheço os dois — disse João, só para irritar os outros.

— Acho que eu também conheço — disse Miguel, sem muita certeza.

— Eles eram casados — Wendy explicou. — E o que vocês acham que eles tinham?

— Ratos brancos! — Peninha berrou, inspirado.

— Não.

— Esse é um tremendo mistério! — comentou Beicinho, que já sabia a história de cor.

— Fique quieto, Beicinho. Eles tinham três descendentes.

— O que é descendentes?

— Você, por exemplo, Gêmeo. Você é um descendente.

— Viu só, João? Eu sou um descendente.

— Descendente é filho — João esclareceu.

— Deus me acuda! — Wendy suspirou mais uma vez, antes de continuar. — Pois bem, esses três filhos tinham uma babá fiel, chamada Naná, mas o sr. Darling se zangou com ela e a prendeu na corrente e a colocou no quintal, e assim todos os filhos fugiram.

— Essa história é boa demais! — Peninha exclamou.

— Eles fugiram para a Terra do Nunca — prosseguiu Wendy —, onde moram as crianças perdidas.

— Foi o que eu pensei — Cachinho interrompeu, empolgado. — Não sei como, mas foi exatamente isso que eu achei que eles tinham feito!

— Uma das crianças perdidas se chamava Beicinho? — o próprio Beicinho perguntou a Wendy.

— Chamava, sim.

— Oba, eu estou nessa história! Eu estou nessa história, Peninha!

— Silêncio. Agora eu quero que vocês pensem no que os coitados dos pais

sentiram depois que os filhos fugiram.

— Oooh... — todos gemeram, ainda que nem de longe estivessem pensando no que os coitados dos pais sentiram.

— Pensem nas camas vazias!

— Oooh...

— É triste demais — declarou o primeiro Gêmeo, todo animado.

— Acho que isso não vai acabar bem — opinou o segundo Gêmeo. — O que você acha, Peninha?

— Eu estou morrendo de medo.

— Se vocês soubessem como é grande o amor de uma mãe, não estariam com medo — disse Wendy, triunfante.

Ela havia chegado ao pedaço que Peter detestava.

— Eu gosto do amor de uma mãe — disse Beicinho, acertando o travesseiro em Peninha. — Você gosta do amor de uma mãe, Peninha?

— Gosto — o outro respondeu, retribuindo a travesseirada.

— Vocês precisam entender uma coisa — Wendy começou a explicar, embevecida consigo mesma. — A nossa heroína sabia que a mãe sempre ia deixar a janela aberta para os filhos entrarem, quando voltassem. Por isso eles ficaram fora de casa durante anos e se divertiram muito.

— E um dia eles voltaram?

— Vamos dar uma espiadinha no futuro — Wendy propôs, preparando-se para o seu grande momento, e todos se viraram para espiar o futuro com mais facilidade. — Os anos se passaram, e quem é aquela senhora elegante, de idade indefinida, que está descendo do trem na estação de Londres?

— Quem? — Peninha perguntou, interessadíssimo, como se não soubesse.

— Será que... sim... não... é... a linda Wendy!

— Oh!

— E quem são aqueles senhores distintos e fortes que a acompanham? Será que são João e Miguel? São!

— Oh!

— Vejam, meus queridos irmãos — diz ela, apontando para cima —, a janela ainda está aberta. Ah, agora vamos receber a recompensa por nossa confiança no amor de uma mãe. E eles voaram para sua mamãe e seu papai, e, como não existem palavras

capazes de descrever tamanha felicidade, vamos cobrir essa cena com um véu.

A história era essa e agradava a todo mundo: aos que a ouviam e àquela que a contava. Porque mostrava a vida como de fato é. Um dia vamos embora, como as criaturas mais insensíveis do mundo — as crianças são assim, apesar de encantadoras — e passamos um tempo longe, no mais completo egoísmo, e então, quando precisamos de atenção especial, voltamos, certos de que seremos premiados em vez de castigados.

Eles tinham tamanha confiança no amor materno que achavam que podiam ser insensíveis por mais algum tempo.

No entanto, havia ali alguém mais experiente, e, quando a história terminou, ele soltou um gemido abafado.

— O que foi, Peter? — Wendy perguntou, e, temendo que o menino estivesse doente, correu para ele e com toda a atenção apalpou-o no peito e na barriga. — Onde é que está doendo?

— Não é esse tipo de dor — Peter respondeu, tristonho.

— Que tipo é?

— Você está enganada sobre as mães.

Todos se reuniram em torno dele, assustados, tão alarmante era a sua agitação. E com simplicidade Peter lhes revelou o segredo que guardava até então.

— Muito tempo atrás eu pensava assim como vocês, que a minha mãe sempre ia deixar a janela aberta para mim, e então fiquei longe de casa durante luas e luas e luas e aí voltei. Mas a janela estava fechada, pois a minha mãe tinha se esquecido de mim completamente, e eu encontrei outro menino dormindo na minha cama.

Não sei se isso era verdade, mas Peter achava que era. E os outros ficaram apavorados.

— Você tem certeza de que as mães são assim?

— Tenho.

Então essa era a verdade com relação às mães. Que desprezíveis!

Sendo assim, convém tomar cuidado, e ninguém é tão rápido quanto uma criança para perceber quando chega a hora de se render.

— Wendy, vamos para casa — João e Miguel berraram em coro.

— Vamos — ela concordou, abraçando-os fortemente.

— Hoje mesmo? — perguntaram os Meninos Perdidos, sem entender nada.

Naquilo que chamavam de coração, sabiam que qualquer um consegue viver muito bem sem mãe e que só as mães é que acham que a gente não consegue.

— Agora mesmo — Wendy decidiu, pois acabava de lhe ocorrer uma idéia horrível: — E se a essa altura a mamãe já estiver usando luto fechado?

Seu medo foi tão grande que ela não pensou mais nos sentimentos de Peter e lhe perguntou, meio seca:

— Você pode tomar as devidas providências?

— Como você quiser — o menino respondeu friamente, como se ela tivesse pedido para lhe passar o açúcar.

Nem um "que-pena-que-você-vai-embora"! Se Wendy não estava triste com a partida, Peter ia lhe mostrar que também não se importava nem um pouco.

Mas é claro que ele se importava, e muito. Furioso com os adultos, que como sempre estavam estragando tudo, foi para sua árvore e, assim que entrou, respirou bem depressa, mais ou menos cinco vezes por segundo. Fez isso porque na Terra do Nunca se diz que, toda vez que alguém respira, um adulto morre. E com sua sede de vingança Peter estava matando adultos com a maior rapidez possível.

Depois de explicar aos índios o que deviam fazer, ele voltou para casa, onde uma cena vergonhosa tinha acontecido durante sua ausência. Horrorizados com a idéia de perder Wendy, os meninos avançaram para ela, ameaçadoramente.

— Vai ser pior do que era antes de ela chegar.

— Não podemos deixar que ela vá embora.

— Vamos prendê-la.

— Com corrente.

Nessa situação extrema Wendy instintivamente soube a quem devia recorrer.

— Beicinho, eu conto com você — ela disse.

Não foi esquisito? Contar logo com Beicinho, o mais bobo da turma...?

No entanto ele respondeu com toda a dignidade, deixando a bobeira de lado nesse momento.

— Eu sou só o Beicinho e ninguém liga para mim. Mas vou tirar sangue do primeiro que não se comportar com a Wendy como um perfeito cavalheiro inglês.

Nem bem acabou de falar e já puxou a espada, e nesse instante alcançou o auge da glória. Os outros recuaram, embaraçados. Foi então que Peter voltou, e eles logo perceberam que não teriam seu apoio. Peter não obrigaria nenhuma menina a ficar na

Terra do Nunca.

— Wendy, eu pedi aos peles-vermelhas que guiem você pela floresta, já que você se cansa de voar — ele a informou, andando de um lado para o outro.

— Obrigada, Peter.

— Depois — continuou ele naquele tom brusco de quem está acostumado a ser obedecido — a Sininho vai levar você para cruzar o mar. Acorde a Si, Peninha.

O outro menino teve que bater duas vezes para receber uma resposta, ainda que Sininho estivesse sentada na cama, escutando a conversa fazia já algum tempo.

— Quem é? Como você se atreve? Vá embora! — ela gritou.

— Você precisa se levantar para levar a Wendy numa viagem — Peninha explicou.

Naturalmente Sininho ficou encantada quando soube que Wendy ia partir, porém não tinha a menor intenção de lhe servir de guia e disse isso numa linguagem ainda mais ofensiva. Depois fingiu que estava dormindo de novo.

— Ela falou que não vai! — Peninha exclamou, horrorizado com tamanha insubordinação.

Diante disso, Peter se dirigiu ao quarto da fadinha e declarou rispidamente:

— Se você não se levantar e não se vestir já, eu vou abrir a cortina e todos nós vamos ver você de penhoar.

Foi o bastante para Sininho pular da cama, berrando:

— Quem disse que eu não ia me levantar?

Nesse meio tempo os meninos olhavam desesperados para Wendy, que já havia se preparado para partir com João e Miguel. Estavam tristes não só porque iam perdê-la, mas também porque achavam que Wendy estava partindo para um lugar novo, onde encontraria uma coisa muito boa, e eles mesmos não tinham sido convidados. Novidade era algo que sempre os seduzia.

Atribuindo-lhes sentimentos mais nobres, Wendy se comoveu e disse:

— Meus queridos, se quiserem vir comigo, tenho quase certeza de que posso convencer o meu pai e a minha mãe a adotar vocês.

O convite se dirigiu principalmente a Peter, mas, como cada um dos meninos o considerou exclusivo para si, o bando inteiro deu pulos de alegria.

— Eles não vão achar que é gente demais? — Peninha perguntou no meio de um salto.

— Não — Wendy garantiu, pensando rapidamente numa solução. — Só vão ter que pôr algumas camas na sala de visitas e escondê-las com biombos toda primeira quinta-feira do mês.

— Peter, a gente pode ir? — gritaram juntos, suplicantes.

Eles achavam que Peter também iria, mas na verdade não se importavam com isso. Diante de qualquer novidade as crianças estão sempre prontas para abandonar as pessoas que mais amam.

— Tudo bem — Peter respondeu com um sorriso amargo, e imediatamente os meninos foram pegar suas coisas.

— E agora, Peter — Wendy falou, pensando que estava tudo resolvido —, eu vou lhe dar o seu remédio, antes da viagem.

Ela gostava de dar remédio para a turma e sem dúvida exagerava nas doses. Naturalmente o que as crianças tomavam era água pura, mas tinha uma certa aparência de remédio, porque ela a guardava numa garrafa, sempre agitava a garrafa antes de abrir e contava as gotas. Dessa vez, porém, Wendy não deu a dose de Peter, pois, assim que acabou de prepará-la, viu no rosto dele uma expressão que a deixou gelada.

— Vá pegar as suas coisas — pediu, trêmula.

— Não — ele respondeu, fingindo indiferença. — Eu não vou com vocês.

— Venha!

— Não.

Para mostrar que não se importava com a partida de Wendy, ele começou a pular pela sala, de um lado a outro, tocando alegremente sua flauta. A pobre menina teve que correr atrás dele, o que foi um pouco humilhante.

— É para você encontrar a sua mãe — ela argumentou.

Se algum dia teve mãe, Peter já não sentia falta dela.

Podia passar muito bem sem mãe nenhuma. Havia eliminado tais criaturas de seu pensamento e só se lembrava dos defeitos que elas tinham.

— Não e não — declarou, decidido. — Ela pode dizer que eu cresci, e eu quero é ser menino para sempre e me divertir muito.

— Mas...

— Não.

E, assim, Wendy teve que contar aos outros.

— Peter não vem com a gente.



Peter não vem! Eles o fitaram estarelecidos, cada qual com uma vara no ombro e uma trouxa pendurada na vara. A primeira coisa que pensaram foi que, se ele não ia junto, provavelmente havia mudado de idéia e não os deixaria partir.

Acontece que Peter era orgulhoso demais para fazer isso.

— Se vocês encontrarem as suas mães, espero que gostem delas — resmungou, carrancudo.

O terrível cinismo de suas palavras causou uma impressão desagradável, e a maioria dos meninos começou a ficar meio em dúvida. Será que não estavam sendo bobos por querer ir?

— E agora, sem estardalhaço e sem choradeira, adeus, Wendy — disse Peter, estendendo a mão animadamente, como se precisassem mesmo se despedir logo por ele ter alguma coisa importante para fazer.

Wendy teve que apertar a mão dele, pois nada indicava que Peter talvez preferisse um dedal.

— Você vai se lembrar de trocar de roupa, não vai? — ela perguntou, prolongando a despedida; sempre tinha sido exigente com relação a trocar de roupa.

— Vou.

— E vai tomar seu remédio?

— Vou.

Parecia que não havia mais nada a dizer. Um silêncio pavoroso se instalou na sala. Peter, no entanto, não era o tipo de menino que se desmancha na frente dos outros.

— Você está pronta, Sininho? — perguntou.

— Sim, senhor!

— Então pode ir na frente.

Sininho voou para a árvore mais próxima, só que ninguém a seguiu, pois nesse exato momento os piratas caíram sobre os peles-vermelhas, num ataque medonho. Sobre a terra, onde até então tudo estava tão quieto, gritos e tinidos de aço cortavam os ares. Embaixo da terra, reinava o silêncio mortal. As bocas se abriram e ficaram abertas. Wendy caiu de joelhos, com os braços estendidos para Peter. Todos os braços se estenderam para ele, como se o vento soprasse em sua direção; a turma inteira, muda, implorava-lhe que não a abandonasse. Quanto a Peter, agarrou a espada, a mesma com que tinha matado Barbaçudo, e a vontade de lutar brilhou em seus olhos.



## 12. Prisioneiros!

O ataque dos piratas foi uma surpresa absoluta, prova evidente de que o inescrupuloso capitão Gancho o conduziu de maneira torpe, pois surpreender peles-vermelhas de maneira honesta é uma coisa que ultrapassa a capacidade do homem branco.

Segundo as leis da guerra na selva, é sempre o pele-vermelha que ataca, e, com a esperteza de sua raça, ele entra em ação pouco antes do amanhecer, sabendo que nessa hora a coragem dos caras-pálidas está no nível mais baixo. Nesse meio tempo os homens brancos já levantaram uma cerca no ponto mais alto do terreno, junto a um riacho, pois ficar muito longe da água é morte na certa. Lá esperam o ataque, os novatos agarrando os revólveres e pisoteando os gravetos, os veteranos dormindo tranqüilamente até quase o sol raiar. Durante a longa noite escura, os batedores selvagens rastejam por entre o capim como cobras, sem mover uma folha. O mato se fecha atrás deles tão silenciosamente quanto a areia em que uma toupeira acabou de se enterrar. Não fazem o menor ruído, a não ser quando imitam maravilhosamente o uivo solitário do coioite. Os

outros guerreiros respondem, alguns uivando melhor que os coiotes, que não são muito bons de uivo. Assim transcorrem essas horas terríveis, e o longo suspense é uma verdadeira tortura para o cara-pálida que o enfrenta pela primeira vez. Para os brancos experientes, entretanto, os uivos tenebrosos e os silêncios ainda mais medonhos apenas indicam que a noite segue seu curso.

O capitão Gancho sabia muito bem que esse era o procedimento habitual e, portanto, não pôde alegar ignorância para justificar seu desrespeito às regras.

Por sua vez, os Pequeninos confiaram cegamente na honra do capitão, e todas as suas atividades dessa noite contrastaram com as do famoso pirata. Não deixaram de fazer nada que fosse compatível com a reputação de sua tribo. Com aqueles sentidos apurados que provocam ao mesmo tempo admiração e desespero nos povos civilizados, descobriram que os piratas estavam na ilha quando um deles pisou numa vara seca — e num espaço de tempo incrivelmente curto tiveram início os uivos de coite. Usando seus mocassins com o calcanhar voltado para a frente, os bravos guerreiros examinaram palmo a palmo todo o terreno que se estendia entre o local onde o capitão Gancho desembarcou a tropa e a casa subterrânea. Encontraram apenas um pequeno monte com um riacho na base e pensaram que o capitão não teria escolha: só poderia instalar-se ali e esperar até pouco antes do amanhecer. Assim, tendo planejado tudo com uma esperteza quase diabólica, os peles-vermelhas se enrolaram em seus cobertores e, com aquela calma que consideram o máximo da virilidade, agacharam-se no chão, bem acima da casa das crianças, para esperar ali o sombrio momento em que acabariam com os caras-pálidas.

E foi ali que o traiçoeiro capitão Gancho encontrou os confiantes peles-vermelhas, sonhando acordados com as requintadas torturas a que haveriam de submetê-lo tão logo o dia clareasse. Pelo que os batedores sobreviventes da carnificina contaram depois, parece que o capitão nem sequer parou no pequeno monte, ainda que o tivesse visto no lusco-fusco. Parece também que em nenhum momento lhe passou pela cabeça a idéia de aguardar o ataque. Ele tampouco esperou que a escuridão da noite começasse a se dissipar; continuou sua marcha, tendo como única estratégia cair em cima do inimigo. Os perplexos batedores conheciam a fundo todos os artifícios da guerra, com exceção desse. O que poderiam fazer a não ser seguir o capitão, expondo-se fatalmente enquanto emitiam uivos patéticos?

Doze dos guerreiros mais robustos se apinhavam em torno da corajosa princesa Raio-de-Sol e de repente avistaram os pérfidos piratas. Então caiu de seus olhos o véu

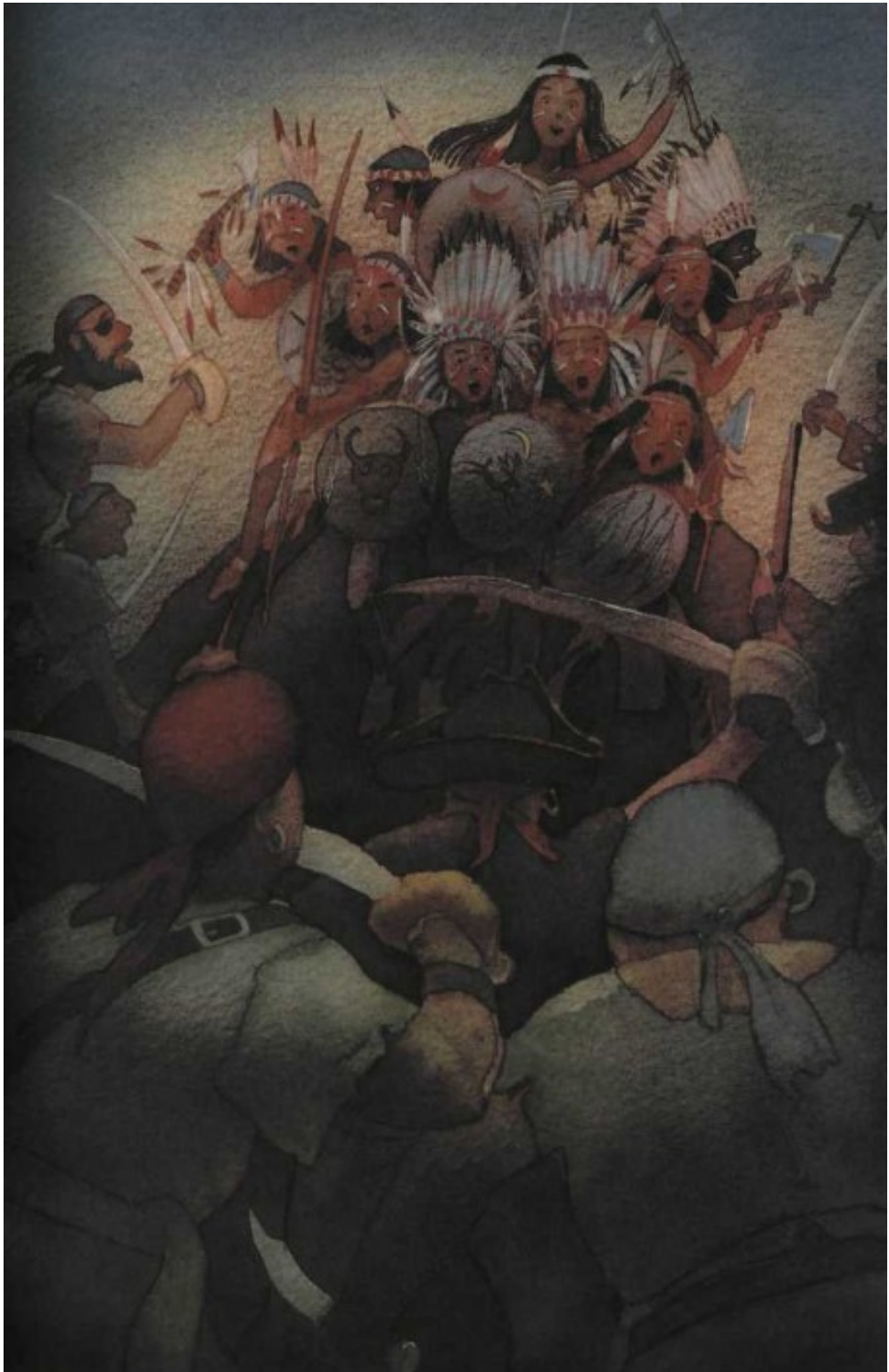
através do qual tinham contemplado a vitória. Nunca mais torturariam ninguém. Agora os aguardava o campo da caçada feliz. Sabiam disso, mas agiram como legítimos filhos de seus pais. Ainda teriam tempo de formar uma falange que seria difícil de romper, mas precisariam se levantar rapidamente, e as tradições de sua raça proibiam isso. Está escrito que o índio nobre nunca deve demonstrar surpresa na presença do homem branco. Assim, por mais terrível que tenha sido a repentina aparição dos piratas, eles permaneceram imóveis por alguns instantes, sem mexer um único músculo, como se o inimigo tivesse recebido convite para estar ali. Depois, tendo valentemente respeitado a tradição, pegaram as armas e lançaram aos ares seu grito de guerra. Só que era tarde demais.

Não nos cabe descrever isso que foi mais um massacre do que uma luta. Muitos dos melhores guerreiros da tribo perderam a vida. Nem todos morreram sem ser vingados, pois com Lobo Magro tombou Fred Pedra-Braba, que nunca mais haveria de assolar o mar do Caribe. Entre outros que também tombaram estavam Jorge Flagelo, Carlito Nó-Cego e Cerração. Carlito caiu depois de receber uma machadada do terrível Pantera, que, com Raio-de-Sol e um grupo de Pequeninos sobreviventes, acabou abrindo caminho entre os piratas.

Compete ao historiador decidir em que medida o capitão Gancho pode ser criticado pela tática que usou nessa ocasião. Se tivesse esperado no pequeno monte até a hora adequada, ele e seus homens provavelmente teriam sido trucidados. Ao julgá-lo, é justo que se leve isso em consideração. O que talvez ele devesse ter feito era comunicar a seus adversários que ia adotar um novo método. Por outro lado, se destruísse o elemento surpresa, sua estratégia de nada serviria, de forma que toda a questão apresenta muitas dificuldades. Não podemos negar nossa relutante admiração pelo cérebro que concebeu um plano tão ousado, nem pela devastadora genialidade com que tal plano se concretizou.

O que será que ele sentiu no momento do triunfo? Seus homens gostariam muito de saber. Respirando pesadamente e limpando as espadas, eles se reuniram a uma prudente distância da garra de ferro do capitão e, pelo rabo dos olhos, observaram esse homem extraordinário. A alegria que decerto enchia o coração dele não se refletia em seu rosto: sempre um enigma sombrio e solitário, Gancho se mantinha distante de seus seguidores no espírito e no corpo.

O trabalho da noite ainda não havia terminado, pois o capitão não estava ali para exterminar os índios, simples abelhas que ele pretendia espantar para chegar ao mel. Era Peter que ele queria. Peter, Wendy e o resto do bando, mas principalmente Peter.



Por que esse homem odiava tanto um menino tão pequeno? É bem verdade que Peter jogou a mão do capitão para o crocodilo, mas nem isso, nem a insegurança decorrente de tal fato e da obstinação do crocodilo, bastam para explicar um desejo de vingança tão implacável e maligno. A verdade é que havia em Peter alguma coisa que enlouquecia o comandante dos piratas. Não era a coragem, nem a aparência cativante, nem... Chega de tantos rodeios. Sabemos muito bem o que era e precisamos contar: era a arrogância.

Essa arrogância enervava o capitão, fazia sua garra de ferro se contorcer e, à noite, incomodava-o como um inseto. Enquanto Peter vivesse, o atormentado pirata se sentiria como um leão preso numa jaula junto com um pardal.

A pergunta agora era a seguinte: como descer pelas árvores, ou como fazer seus homens chegarem lá embaixo? Gancho correu os olhos pela tropa, procurando os mais magros. Eles se encolheram, inquietos, pois sabiam que o chefe não hesitaria em enfiá-los à força nos troncos ocos.

Enquanto isso, o que foi feito dos meninos?

Quando as armas se chocaram pela primeira vez, nós os vimos paralisados como estátuas de pedra, boquiabertos, estendendo os braços para Peter; agora os encontramos de boca fechada e braços caídos ao longo do corpo. O pandemônio lá em cima parou quase tão de repente como havia começado, passou como uma ventania furiosa, mas eles sabiam que, ao passar, havia determinado seu destino.

Qual dos lados era o vencedor?

Os piratas, que escutavam com toda a atenção nos buracos das árvores, ouviram a pergunta formulada por todos os meninos e infelizmente ouviram também a resposta de Peter.

— Se os peles-vermelhas venceram — disse ele —, vão tocar o tambor. É sempre assim que anunciam a vitória.

Acontece que Barrica tinha encontrado o tambor e naquele momento estava sentado em cima dele.

— Vocês nunca mais vão ouvir tambor nenhum — resmungou bem baixinho, porque havia uma ordem de ficarem em absoluto silêncio.

Para seu espanto, o capitão ordenou-lhe com um sinal que tocasse o tambor, e pouco a pouco Barrica compreendeu a terrível maldade dessa ordem. Provavelmente esse homem simples nunca tivera tanta admiração por seu chefe. Por duas vezes Barrica tocou

o instrumento e parou para ouvir, radiante de alegria.

— O tambor! — os degenerados ouviram Peter gritar. —

Os índios venceram!

As crianças responderam com vivas que soaram como música aos ouvidos dos piratas, e pouco depois se despediram novamente de Peter. Os vilões ficaram confusos, mas todos os seus sentimentos cederam lugar a um perverso prazer, quando souberam que o inimigo estava prestes a sair das árvores. Sorriam uns para os outros e esfregaram as mãos. Com rapidez e em silêncio, o capitão Gancho deu suas ordens: um homem para cada árvore e os outros enfileirados a intervalos de dois metros.



### 13. Você acredita em fada?

Quanto mais depressa acabarmos com esse horror, melhor. O primeiro a sair de sua árvore foi Cachinho. Ele caiu direto nos braços de Cecco, que o jogou para Barrica, que o jogou para Guigui Debilóide, que o jogou para Pateta; assim, passando de um a outro, o menino foi parar aos pés do diabólico capitão. Todos os seus companheiros foram agarrados com idêntica brutalidade, e vários deles se viram suspensos no ar ao mesmo tempo, como trouxas jogadas de mão em mão.

Wendy foi a última a aparecer e recebeu um tratamento diferente. Com irônica delicadeza, o capitão Gancho tirou o chapéu para ela e, oferecendo-lhe o braço, acompanhou-a até o lugar onde os outros estavam sendo amordaçados. Fez isso com tanta fidalguia, com tamanha distinção, que Wendy ficou fascinada demais para gritar. Ela era só uma menina.

Pode ser puro mexerico dizer que por um momento Wendy se encantou com Gancho, e só contamos isso porque tal deslize acarretou estranhas conseqüências. Se ela recusasse o braço dele (e nós adoraríamos escrever isso), acabaria sendo lançada pelos

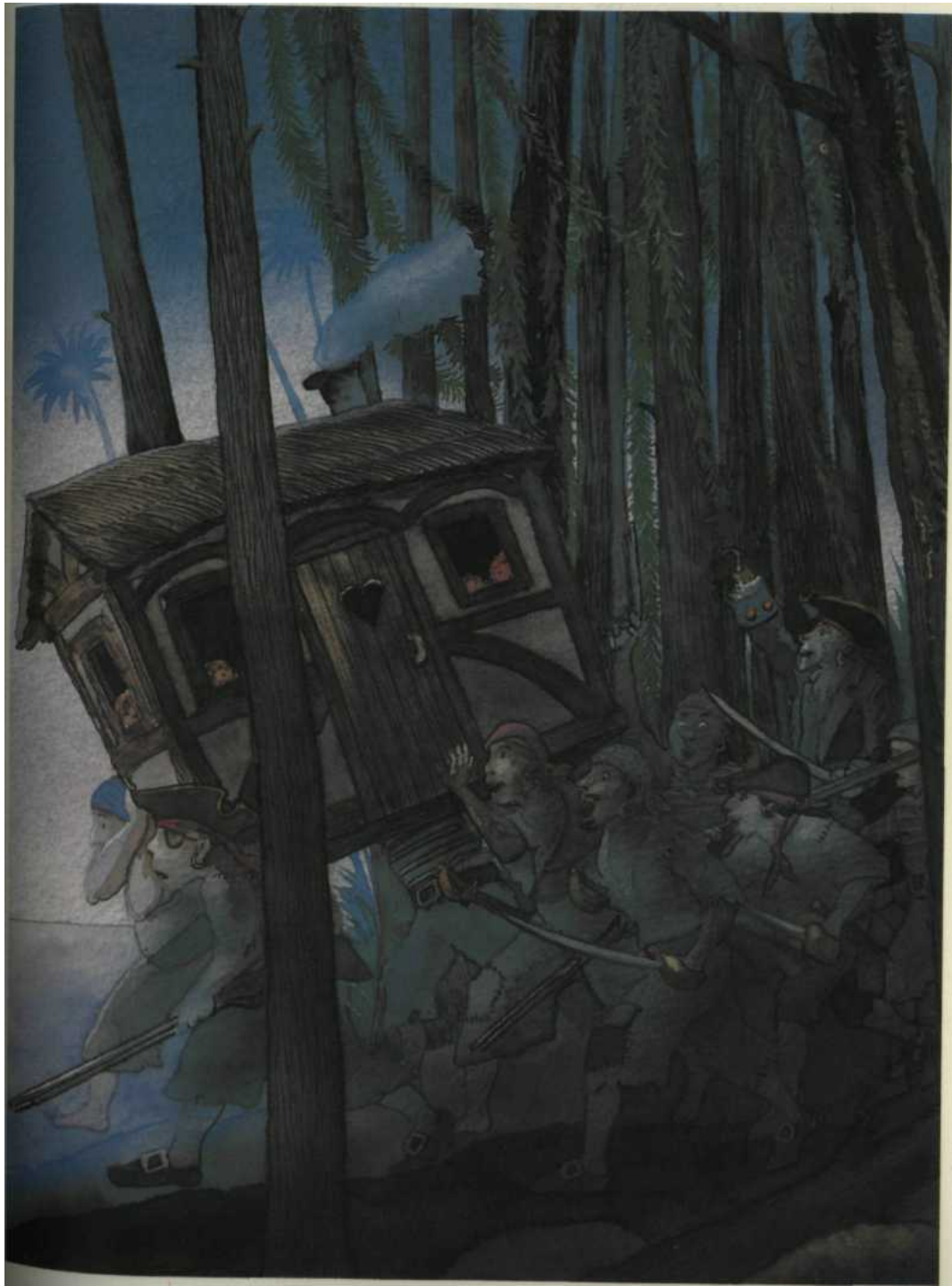


ares como os outros, e provavelmente o capitão não estaria presente quando os piratas amarraram as crianças; assim, ele não descobriria o segredo de Magrela, e, sem esse segredo, não poderia cometer o torpe atentado contra a vida de Peter.

Para que os meninos não fugissem os piratas os amarraram, posicionando-os de modo que os joelhos praticamente encostavam nas orelhas; com essa finalidade haviam cortado uma corda em nove pedaços iguais. Tudo correu muito bem até chegar a vez de Magrela, que parecia um daqueles embrulhos irritantes que gastam o barbante inteiro e não deixam nem uma sobra para se dar um nó. Furiosos, os piratas lhe deram vários pontapés, do mesmo jeito que a gente chuta o embrulho (se bem que, para fazer justiça, deveríamos chutar o barbante). O mais estranho é que o capitão Gancho os mandou parar com a violência. Sua boca exprimia um maldoso triunfo. Enquanto seus lacaios suavam, porque toda vez que tentavam embrulhar o pobre menino por um lado ele estourava pelo outro, a mente magistral de Gancho havia ido muito além da superfície de Magrela, buscando efeitos e não causas. Sua extrema alegria mostrou que conseguira encontrá-las.

Magrela, branco de medo, percebeu que o capitão descobrira seu segredo, que era o seguinte: nenhum menino tão inchado seria capaz de entrar numa árvore onde um homem de porte médio ficaria entalado. Coitadinho do Magrela! Agora ele era o mais infeliz de todos os meninos: estava em pânico por causa de Peter e lamentava amargamente o que tinha feito. Viciado em tomar água quando sentia muito calor, havia inchado até ficar com sua circunferência atual, e, em vez de se reduzir para caber na árvore, tratara de escavar a árvore sem que os outros soubessem. Gancho descobriu o bastante para acreditar que Peter finalmente estava à sua mercê, mas não disse uma só palavra sobre o plano diabólico que agora concebia nas cavernas subterrâneas de sua mente. Apenas fez sinal para que seus homens levassem os prisioneiros para o navio e o deixassem sozinho.

Como iriam levá-los? Podiam empurrá-los encosta abaixo como barris, já que estavam enrolados com as cordas, mas a maior parte do caminho atravessava um pântano. Novamente o gênio do capitão Gancho venceu as dificuldades. Com um gesto, indicou que usassem a casinha como meio de transporte. Assim, as crianças foram jogadas dentro da pequena casa, quatro homens robustos a colocaram nos ombros, os outros os seguiram e, entoando a detestável canção dos piratas, a estranha procissão cruzou a floresta. Não sei se alguma criança chorou; se chorou, a cantoria abafou os soluços. De qualquer modo, enquanto a casinha desaparecia na floresta, um corajoso fio de fumaça saía de sua chaminé, como se estivesse desafiando o capitão Gancho.



Ele viu a fumaça, e isso foi ruim para Peter, pois secou qualquer pinga de piedade que porventura ainda existisse no enfurecido coração do pirata. A primeira coisa que ele fez quando ficou sozinho na noite que caía rapidamente foi ir pé ante pé até a árvore de Magrela e verificar se poderia entrar ali. Então se pôs a pensar por muito tempo; seu chapéu agourento estava caído no chão e a brisa suave que começara a soprar brincava em seu cabelo. Seus pensamentos eram negros, mas seus olhos azuis guardavam a doçura dos miosótis. Seus ouvidos atentos procuravam captar qualquer ruído procedente das profundezas, mas tudo estava tão silencioso como na superfície. A casa subterrânea parecia apenas mais um espaço vago em meio ao vazio. Será que aquele menino estava dormindo? Será que estava de pé, esperando lá no fundo da árvore de Magrela, com a faca na mão?

Só havia um jeito de saber: descendo. O capitão deixou a capa cair suavemente no chão e, mordendo os lábios até fazê-los sangrar, entrou na árvore. Era um homem corajoso, mas por um instante teve de parar e enxugar a testa, que pingava igual a uma vela acesa. Depois, silenciosamente, mergulhou no desconhecido.

Chegou sem problemas no fundo do tronco e parou, tratando de recuperar o fôlego que quase tinha perdido. Quando seus olhos se acostumaram com a penumbra, vários objetos da casa subterrânea tomaram forma. No entanto, o único em que seu olhar cobiçoso se deteve — aquele pelo qual procurava desde muito tempo e que agora finalmente encontrava — foi a grande cama. Na cama, Peter dormia a sono solto.

Sem saber da tragédia que se desenrolava na superfície, o menino continuou tocando sua flauta depois que as crianças haviam partido. Com isso, decerto tentara desesperadamente provar a si mesmo que não se importava nem um pouco com a partida. Depois resolveu não tomar o remédio, só para magoar Wendy, como se ela estivesse vendo. Depois se deitou na cama por cima das cobertas para aborrecê-la ainda mais, pois ela sempre os cobria para que não sentissem frio durante a noite. Depois quase chorou, mas então pensou que Wendy ficaria indignada se ele risse; assim, soltou uma orgulhosa gargalhada e adormeceu quando estava bem no meio da risada.

Às vezes, mas não com frequência, Peter sonhava, e seus sonhos eram mais dolorosos que os dos outros meninos. Duravam horas, e ele não conseguia se libertar e chorava de dar dó. Acho que esses sonhos tinham a ver com o enigma de sua existência. Em tais ocasiões Wendy o tirava da cama, acomodava-o em seu colo e procurava acalmá-lo com várias formas de carinho que inventava. Vendo-o mais tranquilo, levava-o

de novo para a cama, antes que ele acordasse, para que Peter não soubesse da humilhação a que fora submetido. Desta vez, porém, ele mergulhou imediatamente num sono sem sonhos, com um braço caído para fora da cama, uma perna dobrada, a outra metade da gargalhada imóvel em sua boca aberta e as pequenas pérolas de seus dentes à mostra.

Foi assim, indefeso, que o capitão Gancho o encontrou. Em silêncio, parado no fundo da árvore, o pirata contemplava o inimigo. Será que algum sentimento de compaixão enterneceu seu coração endurecido? Esse homem não era inteiramente mau; gostava de flores (assim me disseram) e de música suave (até que não era mau pianista); e, falando francamente, a natureza idílica da cena o comoveu muito. Se obedecesse à parte melhor de seu caráter, ainda que relutante teria voltado à superfície, não fosse por uma coisa.

O que o segurou ali foi a aparência arrogante de Peter. A boca aberta, o braço pendente, o joelho dobrado eram a própria personificação da arrogância, e esperamos que, no conjunto, essas poses nunca mais se apresentem a olhos tão sensíveis a tamanha ofensa. Naquele momento, endureceram ainda mais o coração do capitão Gancho. Se a raiva o tivesse feito explodir em cem pedaços, cada um deles teria desconsiderado a explosão e saltado em cima do menino adormecido.

A luz suave de uma lâmpada iluminava fracamente a cama, porém o capitão estava no escuro e, ao dar o primeiro passo para a frente, esbarrou num obstáculo: a porta da árvore de Magrela. Essa porta não tinha a mesma altura do vão em que se encaixava, e desde o início o pirata havia olhado por cima dela. Gancho procurou a maçaneta e descobriu, furioso, que ficava muito embaixo, fora de seu alcance. Com o cérebro perturbado, achou que aquela coisa irritante no rosto e na postura de Peter ia aumentando visivelmente, e então sacudiu a porta e se lançou contra ela. Será que seu inimigo iria escapar, afinal?

Mas... o que era aquilo? Seus olhos vermelhos avistaram o remédio de Peter numa prateleira. Imediatamente o identificou e compreendeu que o dorminhoco estava em suas mãos.

Para que ninguém o capturasse vivo, o capitão sempre levava consigo uma droga terrível, preparada por ele com o conteúdo de todos os anéis de veneno que tinham caído em seu poder. Depois de misturar e ferver essas substâncias, obtivera um líquido amarelo, provavelmente o veneno mais poderoso do mundo, desconhecido dos cientistas.

Então, despejou cinco gotas dessa droga na xícara de Peter. Sua mão estava

tremendo. Não de vergonha, mas de alegria. Enquanto fazia isso, ele evitou olhar para o menino adormecido. Não porque temesse que a piedade lhe tirasse a coragem, mas porque não queria desperdiçar nenhuma gota. Depois olhou demoradamente para a vítima com maligna satisfação e, voltando-se, iniciou a difícil escalada do tronco. Quando chegou lá em cima, parecia o próprio espírito do mal saindo de seu antro. Pôs então o chapéu, ajeitando-o com o maior capricho, e embrulhou-se todo na capa, como se pretendesse esconder sua pessoa da noite, da qual era a parte mais negra. Por fim, resmungando estranhamente, desapareceu por entre as árvores.

Peter continuou dormindo. A vela queimou até o toco, deixando a casa na escuridão. E ele continuou dormindo. Deviam ser mais de dez horas no relógio do crocodilo quando de repente Peter se sentou na cama, sem saber o que o havia despertado. Na verdade, foi uma cautelosa batidinha na porta de sua árvore.

Naquele silêncio todo a tal batidinha cautelosa adquiriu um caráter sinistro. Tateando no escuro, Peter procurou a faca e a agarrou, antes de perguntar:

— Quem é?

Durante muito tempo não obteve resposta; depois a batidinha se repetiu.

— Quem é?

Ninguém respondeu.

Peter estava empolgado e adorava se empolgar. Com duas passadas chegou à porta, que, ao contrário da de Magrela, fechava todo o vão, de modo que nem ele podia ver o lado de fora, nem quem estava batendo podia vê-lo.

— Só vou abrir se você disser quem é — Peter gritou.

Por fim a visitante falou. Tinha uma voz adorável que parecia um tilintar de sino:

— Deixe-me entrar.

Era Sininho, e mais que depressa ele abriu a porta. A criaturinha entrou, muito agitada, o rosto corado, a roupa suja de barro.

— O que foi?

— Você não é capaz de adivinhar! — ela exclamou, oferecendo-lhe três possibilidades de tentar.

— Pare com isso! — o menino berrou.

Então, numa frase que era um verdadeiro atentado contra a gramática, comprida como aquelas fitas que os mágicos tiram da boca, Sininho lhe contou que os piratas haviam capturado Wendy e os meninos.

O coração de Peter saltou-lhe no peito. Wendy amarrada, no navio pirata! Logo ela, que gostava das coisas sempre limpas e bem arrumadinhas!

— Vou salvá-la! — ele gritou, dando um pulo para pegar suas armas. No meio do pulo, pensou que podia fazer alguma coisa para agradar Wendy. Podia tomar o remédio. Sua mão se fechou sobre a xícara fatal.

— Não! — gritou Sininho, que tinha escutado o capitão Gancho resmungando sobre sua façanha enquanto corria pela floresta.

— Por que não?

— Porque está envenenado.

— Envenenado! E quem o envenenou?

— O Gancho.

— Não seja boba. Como é que o Gancho ia entrar aqui?

Infelizmente Sininho não podia explicar, pois nem ela conhecia o terrível segredo da árvore de Magrela. No entanto as palavras do capitão não deixavam margem a dúvidas: a xícara estava envenenada.

— Além do mais, eu o teria visto, já que não dormi nada — Peter acrescentou, acreditando realmente no que dizia, e ergueu a xícara.

Não era hora de falar, mas de agir, e, com um de seus movimentos rápidos como um raio, Sininho se colocou entre a boca de Peter e a droga e bebeu tudo, até a última gota.

— O que é isso, Si? Como você se atreve a tomar o meu remédio?

Ela não respondeu. Já estava rodopiando pelo quarto.

— O que é que você tem? — Peter ficou apavorado de repente.

— O remédio estava envenenado — a fadinha repetiu docemente —, e agora eu vou morrer.

— Si, você tomou o veneno para me salvar?

— Tomei.

— Mas por quê?

Sem forças, mal conseguindo voar, ela ainda assim pousou no ombro de Peter e mordeu-o carinhosamente no nariz. Depois sussurrou no ouvido dele:

— Seu burro — e, cambaleando até seu quarto, deitou-se na cama.

Peter se ajoelhou junto dela, aflito, e sua cabeça quase ocupou todo o espaço da parede inexistente do quartinho. A luz da pequena fada enfraquecia mais e mais a cada

instante, e o menino sabia que, se essa luz se apagasse, ela morreria. Sininho gostou tanto das lágrimas de Peter que estendeu a mão e tocou o rosto dele só para senti-las escorrer por seus lindos dedinhos.

Sua voz estava tão fraca que a princípio Peter não conseguia entender o que ela dizia. Depois entendeu. Sininho disse que achava que podia sarar se as crianças voltassem a acreditar em fada.

Peter abriu os braços. Ali não havia nenhuma criança, e já era noite. Mas ele se dirigiu a todas as crianças que podiam estar sonhando com a Terra do Nunca e que, portanto, estavam mais perto dele do que você imagina: meninos e meninas de camisola, bebês índios dormindo nus em cestas penduradas nas árvores.

— Vocês acreditam? — gritou.

Sininho sentou-se na cama o mais depressa que pôde para saber qual seria seu destino.

A princípio, teve a impressão de ouvir respostas afirmativas, mas depois ficou em dúvida.

— O que você acha? — perguntou a Peter.

— Se vocês acreditam, batam palmas — ele gritou novamente. — Não deixem a Sininho morrer.

Muitas crianças bateram palmas.

Algumas não.

Umas poucas bestinhas vaiaram.

De repente os aplausos cessaram, como se inúmeras mães tivessem corrido até o quarto dos filhos para ver que diabo estava acontecendo. Mas Sininho já estava salva. Primeiro sua voz ficou mais forte, depois ela saltou da cama, depois voou reluzente pelo quarto, mais alegre e descarada do que nunca. Não lhe passou pela cabeça agradecer às crianças que acreditavam, mas bem que gostaria de repreender as que vaiaram.

— E agora vamos salvar a Wendy!

A lua flutuava num céu cheio de nuvens quando Peter, carregado de armas e vestido com pouca roupa, saiu de sua árvore para dar início àquela perigosa missão. Gostaria de encontrar lá fora outro tipo de noite. Esperava voar, mantendo-se a pouca distância do chão para que nada de estranho escapasse a seu olhar. Mas naquela luz inconstante voar baixo significava deixar um rastro de sombra por entre as árvores, perturbar os pássaros e denunciar seus movimentos a um inimigo vigilante.

Nas atuais circunstâncias ele se arrependeu de ter dado aos pássaros da ilha nomes tão esquisitos que os tornaram muito selvagens e arredios.

Não havia outro jeito senão caminhar com rapidez e determinação, à maneira dos peles-vermelhas, da qual ele felizmente era adepto. Mas que direção deveria seguir, já que não sabia ao certo se os piratas tinham levado as crianças para o navio?

A neve que havia caído momentos antes cobria todas as pegadas e um silêncio mortal envolvia a ilha, como se por algum tempo a natureza tivesse se imobilizado, horrorizada com a recente carnificina. Peter ensinara às crianças algumas coisas sobre a floresta, coisas que por sua vez tinha aprendido com Raio-de-Sol e Sininho, e sabia que naquela hora difícil elas não iriam esquecer-las. Por exemplo, Ma-grela não deixaria de marcar as árvores, se tivesse uma oportunidade; Cachinho jogaria sementes pelo chão; e Wendy largaria seu lenço em algum lugar de destaque. Para encontrar essas pistas, porém, precisava da luz da manhã, mas não podia esperar que amanhecesse. O mundo lá de cima o havia chamado, mas não podia ajudá-lo.

Tirando o crocodilo que passou por ele, Peter não avistou nenhuma criatura viva, não escutou um único ruído, não percebeu o mínimo movimento. E no entanto sabia muito bem que a morte repentina podia estar à espera dele na próxima árvore ou espreitando-o pelas costas.

Então Peter pronunciou seu terrível juramento:

— Gancho ou eu, desta vez.

Primeiro ele rastejou como uma cobra; depois, novamente de pé, atravessou correndo um espaço clareado pelo luar, mantendo um dedo sobre o lábio e a faca a postos. Peter estava tremendamente feliz.





## 14. O navio pirata

Uma luz verde, debruçada sobre o riacho do capitão Kidd, que fica perto da foz do rio dos piratas, indicava o local onde o Fera dos Mares estava ancorado. Esse navio de aparência lamentável, imundo de ponta a ponta, mais parecendo uma grande lixeira, era o canibal dos mares e nem precisava de vigia, pois o horror de seu nome lhe permitia navegar despreocupadamente.

Estava envolto no manto da noite, através do qual nenhum som que produzisse poderia chegar até a praia. Havia pouco ruído a bordo, e nenhum agradável, a não ser o zumbido da máquina de costura manejada por Barrica, pelo sempre trabalhador, prestativo e patético Barrica, a própria essência do que a espécie humana tem de mais comum. Não sei por que ele era tão infinitamente patético. Talvez por ser tão pateticamente inconsciente dessa característica. Até mesmo homens fortes tinham que desviar o olhar assim que o viam, e mais de uma vez, nas noites de verão, ele tocou a fonte das lágrimas do capitão Gancho e a fez derramá-las. No entanto Barrica não tinha consciência disso, como aliás

não tinha de praticamente nada.

Alguns piratas estavam debruçados no parapeito, sorvendo o miasma da noite; outros, espichados junto aos barris, jogavam dados e cartas; e aqueles quatro que haviam carregado a casinha encontravam-se deitados no convés, exaustos; mesmo dormindo, rolavam com habilidade para um lado e para outro, a fim de ficar fora do alcance de seu comandante e evitar que, ao passar por ali, ele mecanicamente os golpeasse com o gancho.

O capitão andava pelo convés, pensativo. Que homem in-sondável! Aquela era a sua hora de triunfo. Peter saíra de seu caminho para sempre, e todos os outros meninos estavam no navio, prestes a ser jogados no mar. Era sua façanha mais terrível, desde a época em que havia derrotado Barbaçudo. E sabendo nós, como de fato sabemos, que ele é um poço de vaidade, haveríamos de nos surpreender se o víssemos flutuar pelo convés, inflado pelos ventos de seu sucesso?

Entretanto, longe de expressar entusiasmo, seu modo de andar harmonizava-se com o que se passava em sua mente sombria. O capitão Gancho estava profundamente deprimido.

Muitas vezes ficava assim, quando se punha a refletir a bordo de seu navio, na quietude da noite. Porque estava terrivelmente só. Esse homem inescrutável nunca se sentia mais sozinho do que quando estava cercado de seus lacaios, socialmente muito inferiores a ele.

Gancho não era seu verdadeiro nome. Revelar sua verdadeira identidade causaria uma comoção nacional, mesmo nos dias de hoje. Mas, como já devem ter adivinhado aqueles que sabem ler nas entrelinhas, ele havia estudado num famoso colégio interno, cujas tradições ainda levava consigo como se elas fossem trajes, os quais, aliás, têm mesmo muito a ver com as tradições. Assim, ainda hoje achava ofensivo subir a bordo de um navio usando a mesma roupa com que o tinha capturado e conservava no modo de andar a distinta displicência que aprendera na escola. Acima de tudo, porém, continuava apaixonado pela boa educação.

Boa educação! Por mais que tivesse se degenerado, ainda sabia que isso é tudo o que realmente importa.

Lá no fundo de si mesmo o capitão ouvia um rangido, como o de portas enferrujadas, e depois um pá-pá-pá implacável, como aquelas marteladas que a gente escuta à noite, quando não consegue dormir.

— Hoje você foi bem-educado? — era a eterna pergunta.

— Tenho fama, fama, essa bugiganga reluzente! — ele exclamava.

— Ser bem-educado é destacar-se em alguma coisa? — queria saber o pá-pá-pá de sua escola.

— Sou o único homem que o Barbaçudo temia, e o próprio Faísca tinha medo do Barbaçudo — dizia.

— Barbaçudo... Faísca... São de que família? — era a réplica sarcástica.

E a pergunta mais alarmante de todas: preocupar-se tanto com boa educação não seria falta de educação?

Esse problema o torturava até a medula dos ossos. Era uma garra em suas entranhas, mais afiada que seu gancho de ferro; e, à medida que o dilacerava, o suor escorria por seu rosto ensebado e molhava seu casaco. Muitas vezes ele enxugava o rosto na manga, mas nada conseguia conter aquela torrente.

Ah, não tenham inveja do capitão Gancho.

De repente ele pressentiu que seu fim estava próximo. Foi como se o terrível juramento de Peter tivesse chegado ao navio. O capitão teve vontade de pronunciar um discurso de despedida, certo de que logo não lhe sobraria tempo para isso.

— Teria sido melhor para Gancho ser menos ambicioso! — exclamou. Só em seus piores momentos ele se referia a si mesmo na terceira pessoa. — Nenhuma criança gosta de mim!

Engraçado! Esse pensamento nunca havia lhe passado pela cabeça; foi, talvez, a máquina de costura que o inspirou. Durante muito tempo o capitão resmungou consigo mesmo enquanto olhava para Barrica, que costurava placidamente, certo de que todas as crianças tinham medo dele.

Ter medo dele? Medo de Barrica? Naquela noite não havia a bordo uma única criança que já não o amasse. O patético pirata lhes dissera coisas horríveis e lhes dera umas palmadas, pois não sabia dar soco, porém as crianças só se apegaram ainda mais a ele. Miguel até havia experimentado seus óculos.

Contar ao pobre Barrica que elas o achavam um amor! Bem que o capitão estava morrendo de vontade de fazer isso, porém pensava que seria cruel demais. Limitava-se a remoer tal mistério: por que elas achavam Barrica um amor? Gancho perseguia o problema como o obstinado cão de caça que havia nele. Se Barrica era um amor, a que devia isso? Uma terrível resposta surgiu de repente sob forma de pergunta: "A boa

educação?".

Será que seu ajudante era bem-educado sem saber, o que corresponde ao supra-sumo da boa educação?

O capitão lembrou que para poder se candidatar a um alto cargo o sujeito tinha de provar que não sabia que era bem-educado.

Com um grito de raiva ele ergueu a mão de ferro sobre a cabeça de Barrica, mas não o golpeou. O que o deteve foi a seguinte reflexão: "O que seria arrebentar um homem só porque é bem-educado?". A resposta: "Falta de educação!".

Sentindo-se tão impotente quanto deprimido, o pobre Gancho tombou para a frente, como uma flor cortada.

Pensando que ele ficaria sem ação por algum tempo, seus homens imediatamente deixaram de lado a disciplina e começaram a dançar. Foi o quanto bastou para o comandante se levantar de um salto, sem demonstrar o mínimo vestígio de fraqueza humana, como se tivesse tomado uma ducha de água fria.

— Parem com isso — berrou — ou eu acabo com vocês!

— No mesmo instante a algazarra cessou. — A criançada está bem presa, para não poder fugir?

— Está!

— Então tratem de ir buscá-las.

Todos os infelizes prisioneiros, com exceção de Wendy, foram arrastados até o convés e enfileirados diante do capitão. Durante algum tempo ele agiu como se não percebesse a presença das crianças. Comodamente instalado, cantarolou trechos de uma canção grosseira, ao mesmo tempo que manuseava as cartas de um baralho. De quando em quando a brasa do charuto lançava em seu rosto reflexos coloridos.

— Agora escutem, valentões — disse rispidamente. — Seis de vocês vão cair na água hoje à noite, mas eu tenho duas vagas para camareiro. Quem se habilita?

— Não o irrite sem necessidade — Wendy lhes recomendara lá no porão do navio. Assim, Beicinho polidamente deu um passo à frente. Ele detestava a idéia de trabalhar para aquele homem, mas o instinto lhe dizia que seria prudente jogar a responsabilidade numa pessoa ausente; e, apesar de ser meio bobo, sabia que só as mães estão sempre dispostas a servir de escudo. Todas as crianças têm conhecimento disso e desprezam as mães por serem assim, mas vivem utilizando tal recurso.

De modo que Beicinho explicou, com todo o cuidado:

— Sabe, senhor, acho que a minha mãe não ia gostar que eu fosse pirata. A sua mãe ia gostar que você fosse pirata, Magrela?

Ele piscou para Magrela, que respondeu, tristonho:

— Acho que não — como se desejasse que as coisas fossem diferentes.

— A sua mãe ia gostar que você fosse pirata, Gêmeo?

— Acho que não — disse o primeiro Gêmeo, esperto como os outros.

— Peninha, a sua...

— Chega de conversa fiada — o capitão rosnou, e os porta-vozes foram empurrados para trás. — Você aí — ele disse para João. — Você parece que tem um pouco de coragem. Você nunca quis ser pirata, meu chapa?

Acontece que João já havia tido esse desejo, quando precisava estudar matemática, e agora estava impressionado com a escolha do capitão.

— Uma vez eu pensei em me chamar Joãozinho Mão-de-Sangue — declarou timidamente.

— É um bom nome. Vamos chamá-lo assim, se você aceitar a vaga.

— O que você acha, Miguel? — o menino perguntou ao irmão.

— Como vão me chamar, se eu aceitar? — Miguel quis saber.

— Zeca Barbanegra.

Naturalmente Miguel se empolgou.

— O que você acha, João?

Miguel queria que João decidisse, e João queria que Miguel decidisse.

— E nós vamos continuar sendo súditos respeitosos do rei? — João perguntou.

O capitão respondeu entre dentes:

— Vocês vão ter que jurar "Abaixo o rei".

João talvez não tivesse se comportado muito bem até esse instante, mas então ele foi simplesmente brilhante:

— Nesse caso, nada feito! — exclamou, dando um murro no barril que estava diante de Gancho.

— Nada feito! — Miguel repetiu.

— Viva a Inglaterra! — Cachinho berrou.

Os piratas, furiosos, distribuíram tabefes na boca dos meninos. E o capitão Gancho rosnou:

— Isso decide o destino de vocês. Tragam a mãe deles. Preparem a prancha.

Eles eram apenas meninos e ficaram brancos de medo quando viram Debilóide e Cecco prepararem a prancha fatal. No entanto procuraram demonstrar coragem quando Wendy apareceu.

Não tenho palavras para descrever o imenso desprezo que Wendy dedicava aos piratas. Os meninos ainda viam alguma graça nessa vida, mas ela só via a bagunça e a sujeira que se acumulavam no navio durante anos. Não se encontrava ali uma só escotilha em que não se pudesse escrever com o dedo: "Porco sujo". E ela já tinha escrito isso em várias. Mas, com os meninos reunidos à sua volta, Wendy naturalmente só pensava neles.

— Então, minha linda — disse o capitão numa voz melosa —, você vai ver seus filhinhos caminharem pela prancha até cair no mar.

Por mais fino que fosse, Gancho não conseguira evitar que a intensidade de suas reflexões lhe manchasse a gola e de repente percebeu que Wendy estava olhando para a mancha. Com um gesto apressado tentou escondê-la, porém era tarde demais.

— Eles vão morrer? — a menina perguntou, olhando-o com um desprezo tão terrível que o capitão quase desmaiou.

— Vão — ele rosnou, ordenando em seguida: — Silêncio! Vamos todos ouvir as últimas palavras de uma mãe para os filhos.

Nesse momento Wendy foi grandiosa.

— Estas são as minhas últimas palavras, queridos meninos — disse com firmeza. — Sinto que tenho um recado das suas verdadeiras mães para vocês, e é o seguinte: "Esperamos que os nossos filhos saibam morrer como perfeitos cavalheiros ingleses".

Até os piratas se admiraram, e Beicinho berrou, histérico:

— Eu vou fazer o que a minha mãe espera. E você, Peninha?

— Eu também. E você, Gêmeo?

— Eu também. E você, João?

Mas nesse instante o capitão Gancho recuperou a fala.

— Amarrem essa moleca! — trovejou.

Foi Barrica quem a amarrou no mastro.

— Escute aqui, benzinho — ele cochichou —, eu salvo você, se você prometer que vai ser minha mãe.

No entanto nem mesmo a Barrica ela faria tal promessa.

— Prefiro não ter filho nenhum — respondeu, desdenhosa.

É triste saber que nenhum menino estava olhando para ela quando Barrica a

amarrou no mastro. Os olhos de todos se fixavam na prancha, onde logo caminhariam pela última vez na vida. Já não podiam ter a esperança de portar-se como homens, pois haviam perdido a capacidade de pensar. Tudo o que conseguiam fazer era encarar a prancha e tremer. O capitão sorriu para eles, com os dentes cerrados, e deu um passo na direção de Wendy. Pretendia virar o rosto dela para obrigá-la a ver os meninos percorrerem a prancha, um á um, e mergulharem no mar. No entanto não chegou a tocá-la e, em vez do grito de angústia que esperava ouvir, escutou uma coisa bem diferente.

O terrível tique-taque do crocodilo.

Todos escutaram — os piratas, os meninos, Wendy — e imediatamente se voltaram para a mesma direção: não para a água, de onde vinha o barulho, mas para o capitão Gancho. Todos sabiam que o que estava para acontecer dizia respeito unicamente a ele e que de repente todos haviam deixado de ser atores para se tornar espectadores.

A mudança que se operou no capitão foi horrível de ver. Como se tivesse se desconjuntado em um segundo, ele desabou, reduzindo-se naquele momento a um montinho de roupa.

O tique-taque se aproximava mais e mais, sendo precedido por este medonho pensamento: "O crocodilo está para embarcar!".

Até a garra de ferro pendia inerte, como se soubesse que não fazia parte do que a força atacante queria. Qualquer outro homem que se encontrasse tão sozinho teria fechado os olhos e permanecido no lugar onde caíra; mas o cérebro gigantesco do capitão Gancho ainda estava funcionando e lhe ordenou que engatinhasse pelo convés até se afastar o máximo possível daquele ruído. Os piratas respeitosamente se deslocaram para lhe dar passagem, e, quando ele chegou ao parapeito, comandou com a voz enrouquecida:

— Escondam-me!

Os homens se apinharam a seu redor, todos os olhos desviando-se da coisa que subia a bordo. Não tinham a menor intenção de combatê-la. A coisa era o Destino.

Depois que o capitão estava bem escondido, a curiosidade desatou as pernas dos meninos para que pudessem correr até o lado do navio e assistir à subida do crocodilo. Eles tiveram então a surpresa mais estranha dessa Noite das Noites, pois não era o crocodilo que vinha socorrê-los. Era Peter.

Com um sinal, ele ordenou que não soltassem nenhum grito de admiração capaz de levantar suspeitas. E continuou com seu tique-taque.



## 15. "Gancho ou eu, desta vez!"

Ao longo da vida nos acontecem coisas estranhas, e no entanto demoramos algum tempo para perceber que elas aconteceram. Por exemplo: de repente nos damos conta de que ficamos surdos de um ouvido durante um período que não conseguimos precisar, mas que pode ter sido, digamos, de meia hora.

Esse tipo de experiência ocorreu naquela noite com Peter. Quando o vimos pela última vez, ele caminhava pela ilha, com um dedo no lábio e a faca a postos. Tinha visto o crocodilo passar e não notou nada estranho, mas dali a pouco se lembrou de não ter escutado o tique-taque. Primeiro achou isso esquisito, porém logo concluiu, acertadamente, que o relógio havia parado.

Sem a menor consideração pelo que poderia estar sentindo uma criatura que de repente perde seu companheiro mais íntimo, Peter começou a pensar num jeito de usar aquela catástrofe em benefício próprio; e resolveu fazer tique-taque, para que as feras o



confundissem com o crocodilo e o deixassem em paz. Tiquetaqueou lindamente, mas com um resultado inesperado. O crocodilo estava entre os que ouviram o tique-taque e o seguiu; nunca saberemos ao certo se com isso pretendia recuperar o que havia perdido ou se agiu simplesmente como um amigo feliz da vida porque acreditava que tinha voltado a tiquetaquear. Como todos que são escravos de uma idéia fixa, o crocodilo era muito burro.

Peter chegou à praia sem nenhum problema e seguiu em frente; suas pernas encontraram a água como se não reparassem que haviam entrado num novo elemento. E assim que muitos animais passam da terra para a água, mas nunca ouvi falar que um ser humano fizesse isso. Enquanto nadava, Peter só pensava numa coisa: "Gancho ou eu, desta vez". Havia tiquetaqueado durante tanto tempo que agora continuava tiquetaqueando sem perceber. Se tivesse percebido, teria parado, pois a idéia de abordar o navio com a ajuda do tique-taque não lhe ocorrera, apesar de ser genial.

Ao contrário, Peter pensou que tinha escalado o flanco da embarcação tão silenciosamente quanto um Camundongo e muito se espantou quando viu os piratas apavorados por sua causa e, no meio deles, o capitão Gancho, tremendo de medo como se tivesse ouvido o crocodilo.

O crocodilo! Assim que se lembrou dele, Peter escutou o tique-taque. A princípio pensou que o barulho vinha do animal e rapidamente olhou para trás. Depois se deu conta de que ele mesmo estava produzindo-o e entendeu tudo. "Como eu sou esperto!", pensou, fazendo sinal para os meninos não o aplaudirem.

Foi nesse momento que o vigia Edu deixou o castelo de proa e se dirigiu ao convés. Agora, leitor, fique de olho no relógio para ver em quanto tempo tudo aconteceu. Peter enfiou a faca no vigia. João tapou a boca do infeliz para abafar seu gemido de moribundo. Edu tombou para a frente. Quatro meninos o seguraram para impedir que caísse de uma vez e fizesse barulho. Peter deu o sinal, e eles jogaram o defunto no mar. Tchibum e silêncio. Quanto tempo isso demorou?

— Um! — Magrela começou a contagem.

Pouco depois Peter se afastou pé ante pé e entrou na cabine. Nesse momento mais de um pirata começava a tomar coragem para olhar em volta. Agora cada um conseguia escutar a respiração aflita do outro, o que demonstrava que o ruído mais terrível havia cessado.

— Ele foi embora, chefe — Barrica anunciou, limpando os óculos. — Ficou tudo quieto de novo.

Bem devagarinho o capitão Gancho levantou a cabeça, que estava praticamente enterrada na gola, e escutou com tanta atenção que poderia ouvir até o eco do tique-taque. Não havia o menor ruído, e ele finalmente se ergueu por inteiro.

— Então, já para a prancha! — decidiu, odiando os meninos mais que nunca, porque eles o tinham visto desabar.

E se pôs a cantar a infame toada:

*Viva a prancha divertida!*

*Nela vocês vão andar*

*Para ir servir de comida*

*Aos grandes peixes do mar!*

Para aterrorizar ainda mais os prisioneiros, Gancho até dançou numa prancha imaginária e fez caretas para eles, o que acarretou uma certa perda de dignidade. Quando terminou, perguntou:

— Vocês querem levar umas boas chicotadas antes de andar pela prancha?

Os meninos caíram de joelhos.

— Não, não! — gritaram tão patéticos que a tripulação inteira sorriu.

— Pegue o chicote, Debilóide — o comandante ordenou. — Está na cabine.

A cabine! Peter estava na cabine! As crianças se entreolharam.

— É pra já — Debilóide respondeu todo contente, e rumou para a cabine.

A meninada o seguiu com os olhos e mal percebeu que o capitão havia recomeçado a cantar, acompanhado por seus lacaios:

*Viva, viva o bom chicote*

*De nove tiras cortantes*

*Que no lombo de um...*

Nunca saberemos qual era o último verso, pois de repente um grito medonho, vindo da cabine, interrompeu a cantoria. O grito percorreu o navio de ponta a ponta e desapareceu ao longe. Então se ouviu um cocoricó que as crianças conheciam muito bem, mas que para os piratas foi quase tão assustador quanto o grito.

— O que foi isso? — Gancho perguntou.

— Dois — Magrela falou solenemente.

Cecco, o italiano, hesitou por um instante e depois correu para a cabine. Saiu de lá cambaleando, totalmente desfigurado.

— E então, seu cachorro, o que aconteceu com o Debilóide? — o capitão trovejou do alto de sua autoridade.

— O que aconteceu é que ele está morto. Foi esfaqueado — Cecco respondeu numa voz abafada.

— O Debilóide... morto! — os piratas exclamaram, pasmos.

— A cabine está escura como breu — o italiano explicou, quase gaguejando. — Mas lá dentro há uma coisa horrível: a coisa que a gente ouviu cocoricar.

Nem a alegria dos meninos, nem a expressão carrancuda dos homens escaparam ao olhar atento de Gancho.

— Cecco, volte lá e me traga aquele galinho — o comandante ordenou cora sua voz de aço.

Cecco, o mais corajoso de todos os corajosos, encolheu-se diante do chefe, berrando:

— Não! Não!

Acariciando sua garra de ferro, o capitão murmurou, pensativo:

— Você disse que vai, não disse?

E lá se foi o italiano, erguendo os braços em desespero. Ninguém mais cantava; todos escutavam atentamente e de novo ouviram um brado mortal e um cocoricó.

Magrela foi o único que abriu a boca:

— Três — falou.

Com um gesto Gancho reuniu seus capangas.

— Seus molengas de uma figa — ele esbravejou —, qual de vocês vai lá buscar aquele galinho?

— Espere até o Cecco voltar — Empertigado resmungou, e os outros lhe fizeram coro.

— Será que ouvi você se oferecer, Empertigado? — quis saber o chefe, acariciando novamente a garra de ferro.

— Claro que não, com mil trovões! — o outro exclamou.

— O meu gancho está dizendo que sim — o capitão replicou, avançando em sua

direção. — Talvez seja aconselhável você agradar o gancho.

— Antes morrer enforcado que entrar naquela maldita cabine — Empertigado declarou, teimoso, e mais uma vez foi apoiado pela tripulação.

— Por acaso isso é um motim? — perguntou o capitão, mais amável do que nunca. — E o Empertigado é o líder?!

— Misericórdia, chefe! — Empertigado choramingou, tremendo dos pés à cabeça.

— Aperte aqui — disse Gancho, estendendo-lhe a garra.

Empertigado olhou em torno, esperando que seus companheiros o ajudassem, porém todos o abandonaram. Enquanto ele recuava, o comandante avançava em sua direção, tendo agora nos olhos aquele horrível brilho vermelho. Por fim, com um grito de desespero, Empertigado saltou sobre o canhão e se atirou no mar.

— Quatro — Magrela falou.

— Será que algum outro cavalheiro aqui presente também gostaria de se amotinar? — o capitão perguntou delicadamente. Depois pegou uma lanterna e, erguendo a garra num gesto de ameaça, declarou: — Eu mesmo vou buscar aquele galinho.

E dirigiu-se rapidamente para a cabine.

"Cinco" — é o que Magrela não via a hora de falar; chegou mesmo a umedecer os lábios, preparando-se. Entretanto Gancho saiu da cabine, cambaleando e sem a lanterna.

— Alguma coisa soprou e apagou a luz — explicou meio inseguro.

— Alguma coisa! — Beto Molambo repetiu.

— E o Cecco? — Pateta quis saber.

— Está tão morto quanto o Debilóide — respondeu o capitão secamente.

Sua relutância em voltar à cabine causou péssima impressão em seus lacaios, e mais uma vez surgiram murmúrios de motim. Todos os piratas são supersticiosos, e Espeto então gritou: — Dizem que o sinal mais claro de que um navio foi amaldiçoado é ter a bordo um sujeito a mais do que a gente pode contar.

— Eu ouvi falar — Molambo resmungou — que ele sempre aparece quando o navio está no fim. Ele tinha rabo, chefe?

E um terceiro acrescentou, lançando um olhar feroz ao comandante:

— Dizem que, quando ele chega, sempre assume a aparência do sujeito mais malvado que está a bordo.

— Ele tinha gancho, capitão? — Espeto indagou com insolência, e, um após o outro, todos repetiram o mesmo brado:

— O navio está perdido!

Diante disso as crianças não resistiram e deram vivas. O capitão tinha quase se esquecido dos prisioneiros, mas, quando se voltou para eles, seu rosto novamente se iluminou.

— Tive uma idéia, rapazes — anunciou à tripulação. — Abram a porta da cabine e ponham os moleques lá dentro. Eles que enfrentem o galinho. Se o matarem, melhor para nós; se morrerem, não temos nada a perder.

Pela última vez seus homens o admiraram e se empenharam em fazer o que ele mandou. Os meninos, fingindo que esperneavam, foram levados para a cabine, cuja porta se fechou atrás deles.

— Agora escutem! — Gancho ordenou, e todos obedeceram.

Mas ninguém se atreveu a olhar para a porta. Ou melhor, só uma pessoa se atreveu: Wendy, que durante todo esse tempo continuava amarrada ao mastro. O que ela esperava não era ouvir um grito ou um cocoricó, e sim ver Peter reaparecer.

Não precisou esperar muito. Na cabine ele havia achado o que andara procurando: a chave que libertaria as crianças de suas algemas. E agora todas avançavam, munidas com as armas que haviam conseguido encontrar. Depois de fazer sinal para que se escondessem, Peter cortou as cordas que prendiam Wendy; a partir daí nada poderia ser mais fácil do que voarem todos juntos. Uma coisa, porém, os impediu: um juramento: "Gancho ou eu, desta vez". Assim, quando libertou Wendy, Peter lhe cochichou:

— Vá se esconder com os outros.

E em seguida tomou o lugar dela junto ao mastro, enrolando-se na capa da menina para se fazer passar por ela. Isso feito, respirou fundo e cocoricou.

Entendendo o cocoricó como o sinal de que todos os garotos tinham sido mortos, os piratas entraram em pânico. Gancho tentou encorajá-los, mas os havia transformado em cachorros, e, como cachorros, eles lhe mostraram os dentes. O capitão sabia que, se desviasse os olhos, o bando inteiro cairia em cima dele.

— Rapazes — começou, disposto a adúlá-los ou a bater neles de acordo com a necessidade, mas sem se intimidar nem por um instante —, já sei do que se trata. Temos um azarento neste navio.

— É isso mesmo — os piratas rosnaram. — Um sujeito com um gancho.

— Não, rapazes. É a menina. Mulher a bordo de navio pirata é azar na certa. Tudo vai se resolver quando ela for embora.

Todos se lembraram de que Faísca costumava dizer a mesma coisa.

— Não custa nada tentar — declararam, sem acreditar muito nessa solução.

— Joguem a garota no mar — Gancho mandou, e eles correram para o vulto enrolado na capa.

— Ninguém vai poder salvar você agora, mocinha — grunhiu Beto Molambo, zombeteiro.

— Vai, sim — o vulto rebateu.

— Quem?

— Peter Pan, o vingador! — foi a terrível resposta, e, ao pronunciar essas palavras, Peter atirou a capa no chão.

No mesmo instante todos compreenderam quem era o autor do massacre na cabine, e por duas vezes Gancho tentou falar e não conseguiu. Acho que nesse momento horripilante seu feroz coração se partiu.

— Acabem com esse moleque! — ele finalmente gritou, mas sem a menor convicção.

— Para cima deles, garotos!

A voz de Peter ressoou pelo navio e imediatamente as armas começaram a se chocar num retintim ensurdecador. Se os piratas tivessem se organizado, com certeza teriam vencido a batalha; porém, como o ataque aconteceu quando estavam já com os nervos em frangalhos, eles se puseram a correr de um lado para o outro, golpeando a esmo, cada qual achando que era o último sobrevivente da tripulação. Homem por homem, eram os mais fortes. Entretanto, lutaram apenas na defensiva, o que permitiu aos meninos agir aos pares e escolherem sua presa. Alguns malfeitores se jogaram no mar; outros trataram de se esconder em cantos escuros. Estes foram encontrados por Magrela, que não participou da luta, mas percorreu a embarcação com uma lanterna, dirigindo a luz bem para a cara deles, de modo que os desgraçados ficaram meio cegos e caíram facilmente sob as espadas sangrentas dos outros meninos. Durante o combate, tudo o que se ouviu a bordo foi o tinido das armas, de vez em quando um grito ou um baque na água e a contagem monótona de Magrela: cinco... seis... sete... oito... nove... dez... onze.

Acho que não sobrava mais ninguém no navio, quando um grupo de garotos enfurecidos cercou o capitão Gancho, que no entanto conseguiu mantê-los à distância, como se um círculo de fogo o protegesse. Sozinho, ele parecia capaz de enfrentar ao mesmo tempo todos aqueles que haviam liquidado seus capangas. Mais de uma vez seus

adversários o cercaram, e mais de uma vez tiveram que recuar. O capitão havia levantado um deles com o gancho e o usava como escudo quando um outro, que tinha acabado de trespassar Beto Molambo com a espada, entrou na confusão.

— Guardem as armas, garotos — ordenou o recém-chegado. — Este homem é meu.

Foi assim que de repente o capitão Jaime Gancho se viu cara a cara com Peter Pan. Os demais se afastaram e formaram um círculo em torno deles.

Durante muito tempo os dois inimigos se fitaram, o pirata ligeiramente trêmulo, o menino com aquele sorriso estranho no rosto.

— Então, Pan — o capitão disse por fim —, tudo isso é obra sua.

— É, Jaime Gancho — o outro respondeu secamente —, tudo isso é obra minha.

— Fedelho orgulhoso e atrevido — disse o pirata —, prepare-se para enfrentar o seu destino.

— Homem tenebroso e sinistro — o menino replicou —, trate de se defender.

Sem dizer mais nada, começaram a lutar, e durante algum tempo nem um dos dois levou vantagem. Peter era um espadachim fantástico e aparava os golpes do adversário com espantosa rapidez; de quando em quando alternava uma finta com uma estocada, confundindo o opositor. Acontece, porém, que seu braço tinha menor alcance e, assim, não conseguia atingir o alvo. O capitão Gancho, que também era um espadachim brilhante, apesar de não ter o pulso tão ágil, obrigava-o a recuar com o peso de seu ataque; esperava vencer o duelo rapidamente, utilizando uma estocada que aprendera com Barbaçudo no Rio de Janeiro, muitos anos antes. Para seu espanto, porém, todas as tentativas que fez nesse sentido fracassaram. Então ele procurou encerrar a luta com um golpe decisivo de seu gancho de ferro, que durante todo o tempo esteve esmurrando o ar, mas Peter se esquivou, abaixou-se e cravou a espada entre suas costelas. Ao ver o próprio sangue, cuja cor esquisita simplesmente o horrorizava, como você bem se lembra, o capitão deixou a espada cair da mão e ficou à mercê de seu antagonista.

— Agora! — todos os meninos gritaram.

Mas Peter, num gesto magnífico, convidou o adversário a pegar a espada. Gancho aceitou o convite imediatamente, embora tivesse a trágica impressão de que seu inimigo estava dando mostras de boa educação.

Até esse momento ele pensava que tinha se defrontado com um demônio, porém agora o assaltaram suspeitas mais sombrias.

— Quem é você, Pan? — perguntou com a voz rouca.

— Eu sou a juventude, sou a alegria, sou um passarinho que acabou de sair do ovo — Peter respondeu sem pensar.

Evidentemente isso era um disparate, mas mostrou ao pobre capitão que Peter não tinha a menor idéia de quem ou o que ele mesmo era, o que constitui o grau supremo de boa educação.

— Vamos começar tudo de novo — Gancho gritou, desesperado.

Passou então a combater como um flagelo humano, cada golpe de sua espada terrível seria capaz de cortar meio qualquer homem ou menino que lhe aparecesse pela frente. No entanto Peter rodopiava em volta dele como se o próprio vento produzido pela espada o soprasse para fora da zona de perigo. E mais de uma vez se lançou sobre o inimigo e o atingiu.

Agora o capitão lutava sem esperanças. Seu coração apaixonado já não tinha vontade de viver, mas ansiava ainda por um único privilégio: antes de esfriar para sempre, queria ver Peter cometer uma falta de educação.

Abandonando o duelo, Gancho correu para o paiol de pólvora e acendeu uma mecha.

— Daqui a dois minutos este navio vai voar pelos ares — anunciou, ao mesmo tempo que pensava: "É agora que esse moleque vai mostrar a sua verdadeira educação".

Peter, no entanto, saiu do paiol de pólvora com a mecha nas mãos e calmamente a jogou no mar.

Que tipo de educação o próprio Gancho estava demonstrando? Apesar de não termos nenhuma simpatia por esse homem transviado, ficamos contentes de ver que no fim ele se manteve fiel às tradições de sua raça. Os outros meninos voavam a seu redor, gracejando com ele, e, enquanto Gancho cambaleava pelo convés, tentando inutilmente derrubá-los com seus golpes, em pensamento já estava longe dali, mergulhado num passado remoto, ora sendo expulso do jogo para sempre, ora assistindo à partida no lugar de honra. E seus sapatos eram impecáveis, seu colete era impecável, sua gravata era impecável, suas meias eram impecáveis.

Adeus, Jaime Gancho. Não deixaste de ser uma figura heróica.

Sim, chegamos agora ao momento final desse pirata.

Vendo Peter avançar lentamente para ele, de faca em punho, o capitão deu um salto, subiu no parapeito e dali se jogou no mar.





Ele não sabia que o crocodilo estava à sua espera, pois nós paramos propositalmente o relógio para poupá-lo dessa informação; desse modo, pudemos lhe oferecer uma pequena demonstração de respeito em sua hora derradeira.

O capitão Gancho teve um último triunfo, que devemos reconhecer. Quando estava no parapeito, olhando por cima do ombro para Peter, que pairava no ar, ele o convidou com um gesto a lhe dar um pontapé. Assim, Peter o chutou, em vez de esfaqueá-lo.

Finalmente Gancho recebeu o privilégio que tanto desejava.

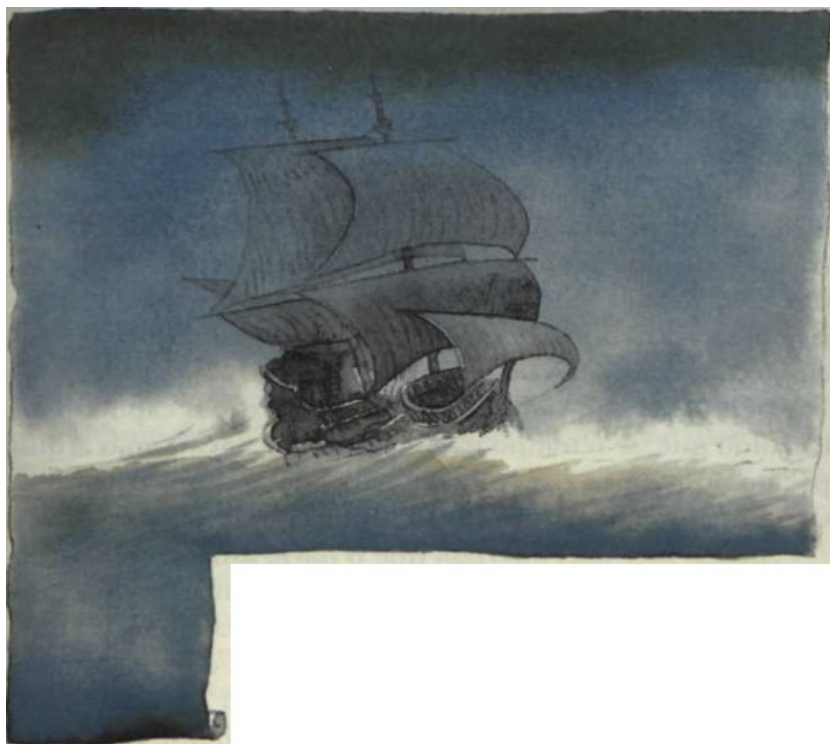
— Mal-educado! — gritou, zombeteiro, e todo contente se entregou ao crocodilo.

Assim morreu Jaime Gancho.

— Dezessete — Magrela proclamou, mas seus números não eram corretos. Quinze pagaram por seus crimes nessa noite, porém dois conseguiram nadar até a praia: Empertigado, que acabou sendo capturado pelos índios e teve que se tornar babá das criancinhas da tribo — fim muito triste para um pirata —, e Barrica, que a partir de então vagou pelo mundo, com seus óculos, e ganhou o pão de cada dia contando que era o único homem que Jaime Gancho havia temido.

Wendy naturalmente não participou da luta; ficou apenas observando Peter com olhos brilhantes. Mas agora que tudo havia terminado, ela voltava a desempenhar um papel de destaque. Elogiou a todos, sem distinção, e estremeceu de prazer quando Miguel lhe mostrou o lugar onde havia matado um pirata. Depois levou os meninos para a cabine do capitão Gancho e apontou o relógio que estava pendurado num prego. Os ponteiros marcavam uma e meia.

O adiantado da hora era praticamente a coisa mais importante que aconteceu naquela noite. Wendy tratou de acomodar todo mundo nos beliches dos piratas e fez isso bem depressa, pode ter certeza. Só Peter ficou passeando pelo convés, todo emproado, até que finalmente adormeceu ao lado do canhão. Nessa noite ele teve um de seus sonhos e durante muito tempo chorou, e Wendy o abraçou fortemente.



## 16. A volta para casa

Na manhã seguinte, quando o sino de bordo tocou duas vezes, a meninada tratou de entrar em ação. O mar estava agitado, e Beicinho, o contramestre, andava de um lado para o outro, segurando na mão um pedaço de corda e mascando fumo. Todos vestiam roupas de pirata, tinham feito a barba e caminhavam pelo convés com aquele gingado típico de marinheiro, puxando para cima as calças cortadas na altura dos joelhos.

Nem preciso dizer quem era o capitão. Peninha e João eram respectivamente o primeiro e o segundo imediato. Havia uma mulher a bordo. O resto eram simples marujos instalados no castelo de proa. Peter já havia se postado ao leme, mas reuniu todos os tripulantes e fez um pequeno discurso. Disse que esperava que cumprissem seu dever como bravos lobos-do-mar, porém avisou que sabia que eram o rebotelho do Rio de Janeiro e da Costa do Ouro e ameaçou picá-los em pedacinhos, caso tentassem se rebelar. A marujada entendeu perfeitamente essas palavras rudes e o aplaudiu com grande

entusiasmo. Seguiram-se algumas ordens ríspidas; os marinheiros então manobraram o navio e o posicionaram na direção do continente.

Depois de consultar os mapas de bordo, o capitão Pan calculou que, se o tempo não mudasse, alcançariam o arquipélago dos Açores por volta do dia 21 de junho; a partir dali voariam para chegar em casa mais rápido.

Alguns meninos queriam que o navio atuasse de acordo com a lei, enquanto outros queriam que continuasse sendo usado em pirataria. Mas o capitão os tratava como cachorros, e eles não se atreviam a expressar-lhe seus desejos nem mesmo sob a forma de um abaixo-assinado com as assinaturas dispostas num círculo sem começo nem fim. O melhor que tinham a fazer era obedecer sem pestanejar. Magrela levou uma dúzia de chibatadas por se mostrar perplexo ao receber ordens de sondar a profundidade da água. A opinião geral da tripulação era que no momento Peter procurava agir de maneira correta só para não despertar suspeitas em Wendy, mas que provavelmente mudaria de atitude quando ficasse pronto o novo traje que a menina, muito contrariada, estava fazendo para ele com algumas das piores roupas do capitão Gancho. Depois correram rumores de que, ao usar esse traje pela primeira vez, Peter passou muito tempo sentado na cabine, com a piteira de seu inimigo na boca e uma das mãos fechadas com o indicador para fora, curvado e erguido de modo ameaçador, como um gancho.

Em vez de observar o navio, porém, precisamos voltar para aquela casa desolada que, há tanto tempo, três de nossas personagens abandonaram sem dó nem piedade. É uma vergonha termos esquecido o número 14 durante todo esse tempo, mas podemos estar certos de que a sra. Darling não nos recrimina. Se tivéssemos voltado antes para lhe demonstrar nossa compaixão, provavelmente ela teria dito: "Não sejam bobos! Que importância tenho eu? Voltem para lá e fiquem de olho nas crianças". Enquanto as mães forem assim, os filhos vão se aproveitar, sem sombra de dúvida.

Mesmo agora, só vamos nos aventurar nesse quarto tão conhecido porque seus legítimos ocupantes estão a caminho de casa. Chegamos na frente deles apenas para ter certeza de que suas camas estão devidamente arrumadas e que o sr. e a sra. Darling não vão sair esta noite. Não passamos de simples servidores. Por que as camas deveriam estar devidamente arrumadas, se aqueles ingratos as deixaram com tanta pressa? Não seria bem feito para eles se, ao voltar, descobrissem que seus pais foram passar o fim de semana no campo? Receberiam assim a lição de moral de que estão precisando desde o dia em que os conhecemos. Entretanto, se conduzíssemos a situação dessa forma, a sra.

Darling nunca nos perdoaria.

Há uma coisa que eu gostaria muito de fazer: contar a ela, do jeito dos escritores, que seus filhos estão voltando, que na verdade estarão aqui na quinta-feira da próxima semana. Isso estragaria completamente a surpresa que Wendy, João e Miguel tanto desejam. Eles a planejaram lá no navio: a felicidade da mãe, o grito de alegria do pai, o pulo de Naná para ser a primeira a abraçá-los. Na verdade, porém, deviam era ter se preparado para levar uma boa surra. Como seria delicioso estragar tudo, anunciando sua chegada! Assim, quando eles fizessem sua entrada triunfal, a sra. Darling talvez não oferecesse um beijo a Wendy e o sr. Darling talvez exclamasse, irritado: "Que chateação, a criançada voltou!". No entanto, não receberíamos nenhum agradecimento por isso. A essa altura já estamos começando a conhecer a sra. Darling e podemos ter certeza de que ela nos repreenderia por privarmos as crianças de seu pequeno prazer.

— Mas, minha cara senhora, ainda faltam dez dias para a quinta-feira da próxima semana. Contando-lhe a verdade agora, podemos lhe poupar dez dias de sofrimento.

— Sim, mas a que preço? Privando os pobrezinhos de dez minutos de alegria.

— Bem, se a senhora vê as coisas dessa forma...

— E de que outra forma poderia vê-las?

Sabe, essa mulher não merece respeito. Minha intenção era dizer coisas maravilhosas sobre ela, mas agora eu a desprezo e não vou lhe fazer nenhum elogio. Ela não precisa que ninguém lhe diga para arrumar tudo, pois já está tudo arrumado. Todas as camas estão feitas, ela nunca sai de casa e, repare, a janela está aberta. Já que não temos serventia para ela, podemos voltar ao navio. Por outro lado, já que estamos aqui, podemos muito bem ficar e assistir de camarote. É só isso que somos: espectadores. Ninguém precisa realmente de nós. Vamos observar e dizer coisas irritantes, na esperança de que algumas magoem.

A única modificação que notamos no quarto das crianças é que entre as nove da manhã e as seis da tarde a casinha de Naná não fica mais ali. Quando aqueles três ingratos partiram, o sr. Darling se sentiu culpado de tudo, pois havia prendido Naná e desde o começo a cadela tinha sido muito mais esperta do que ele. Já vimos que o sr. Darling era um homem muito simples; na verdade, poderia passar por um menino, se conseguisse se livrar da calvície. Mas possuía também um elevado senso de justiça e uma coragem de leão para fazer o que achava certo, e, tendo considerado o assunto com extremo cuidado, após a fuga dos filhos passou a andar de quatro e se instalou na casinha

de Naná. Sempre que a sra. Darling o convidava a sair dali, ele respondia com tristeza, porém decidido:

— Não, querida, aqui é o meu lugar.

Amargurado pelo remorso, jurou que só deixaria a casinha quando as crianças voltassem. Era uma pena, evidentemente, mas ele tinha de exagerar em tudo que fazia, do contrário acabava logo desistindo. E nunca existiu um homem mais humilde do que Jorge Darling, antes tão orgulhoso, agora encolhido na casinha da cadela, conversando com a esposa sobre os filhos e seus hábitos cativantes.

Muito comovente era sua consideração por Naná. Ele não a deixava entrar na casinha, mas com relação ao resto fazia todas as vontades da cadela.

De manhã a casinha, com o sr. Darling dentro, era carregada até um táxi, que a levava para o escritório; às seis da tarde voltava para casa pelo mesmo processo. Se lembrarmos que esse homem era extremamente sensível à opinião dos vizinhos, poderemos avaliar a força de seu caráter, agora que cada um de seus movimentos chamava atenção e surpreendia. No íntimo ele devia estar sofrendo muito, mas por fora conservava a calma, até mesmo quando as crianças caçoavam da casinha. E sempre tirava o chapéu educadamente para qualquer senhora que espiasse lá dentro.

Podia ser quixotesco, mas era magnífico. Logo o significado de sua conduta veio à tona, e o grande coração do público se comoveu. Multidões seguiam o táxi, aclamando-o com entusiasmo; mocinhas encantadoras escalavam o carro para lhe pedir autógrafo; entrevistas surgiam nos melhores jornais; a alta sociedade o convidava para jantar e acrescentava ao convite: "Por favor, venha na casinha de cachorro".

Naquela inesquecível quinta-feira da semana seguinte a sra. Darling estava no quarto dos filhos, esperando o marido chegar. Sua tristeza estampava-se nos olhos. Agora que a observamos com atenção e lembramos que sua alegria de antigamente desapareceu com a perda de seus pimpolhos, acho que não serei capaz de dizer nada de desagradável a seu respeito. A coitada não tem culpa de amar tanto aqueles pestinhas. Olhe só para ela: pegou no sono, sentada naquela poltrona. O canto da boca, a primeira coisa que a gente vê em seu rosto, praticamente murchou. A mão se agita sem descanso sobre o peito, como se o coração estivesse doendo. Há quem goste mais de Peter e quem goste mais de Wendy; eu gosto mais da sra. Darling. E se, para deixá-la feliz, cochichássemos em seu sono que os pirralhos estão voltando? Agora mesmo eles se encontram a três quilômetros da janela e vêm voando bem depressa, mas tudo que

precisamos lhe dizer é que estão para chegar. Vamos lá.

Foi uma pena ter dito isso, pois ela acordou, assustada, chamando pelos filhos, mas não há ninguém no quarto, a não ser Naná.

— Ai, Naná, eu sonhei que os meus queridinhos tinham voltado.

A cadela estava com os olhos cheios de lágrimas, porém tudo o que pôde fazer foi pousar a pata delicadamente no colo da dona, e assim as duas ficaram até a casinha chegar. Quando o sr. Darling pôs a cabeça para fora, a fim de beijar a esposa, percebemos que seu rosto estava mais cansado do que antes, porém com uma expressão mais suave.

Ele entregou seu chapéu a Liza, que o pegou com desprezo, pois não tinha imaginação e era incapaz de compreender os motivos daquele homem. Lá fora a multidão que havia acompanhado o táxi até em casa ainda o aclamava, e naturalmente o sr. Darling estava comovido.

— Escute só — ele disse. — É muito gratificante.

— Um bando de moleques — Liza comentou, desdenhosa.

— Hoje havia diversos adultos — o patrão lhe garantiu, enrubescendo ligeiramente.

Entretanto, quando a empregada empinou o nariz, sempre com aquele ar de desprezo, ele não a repreendeu. O sucesso social não o tinha estragado: ao contrário, tornara-o melhor. Durante algum tempo ele ficou sentado na casinha, com uma parte do corpo para fora, conversando sobre isso com a esposa e segurando sua mão de um jeito tranquilizador; ela disse então que esperava que o sucesso não lhe virasse a cabeça.

— Mas já fui muito fraco — ele suspirou. — Santo Deus, como fui fraco!

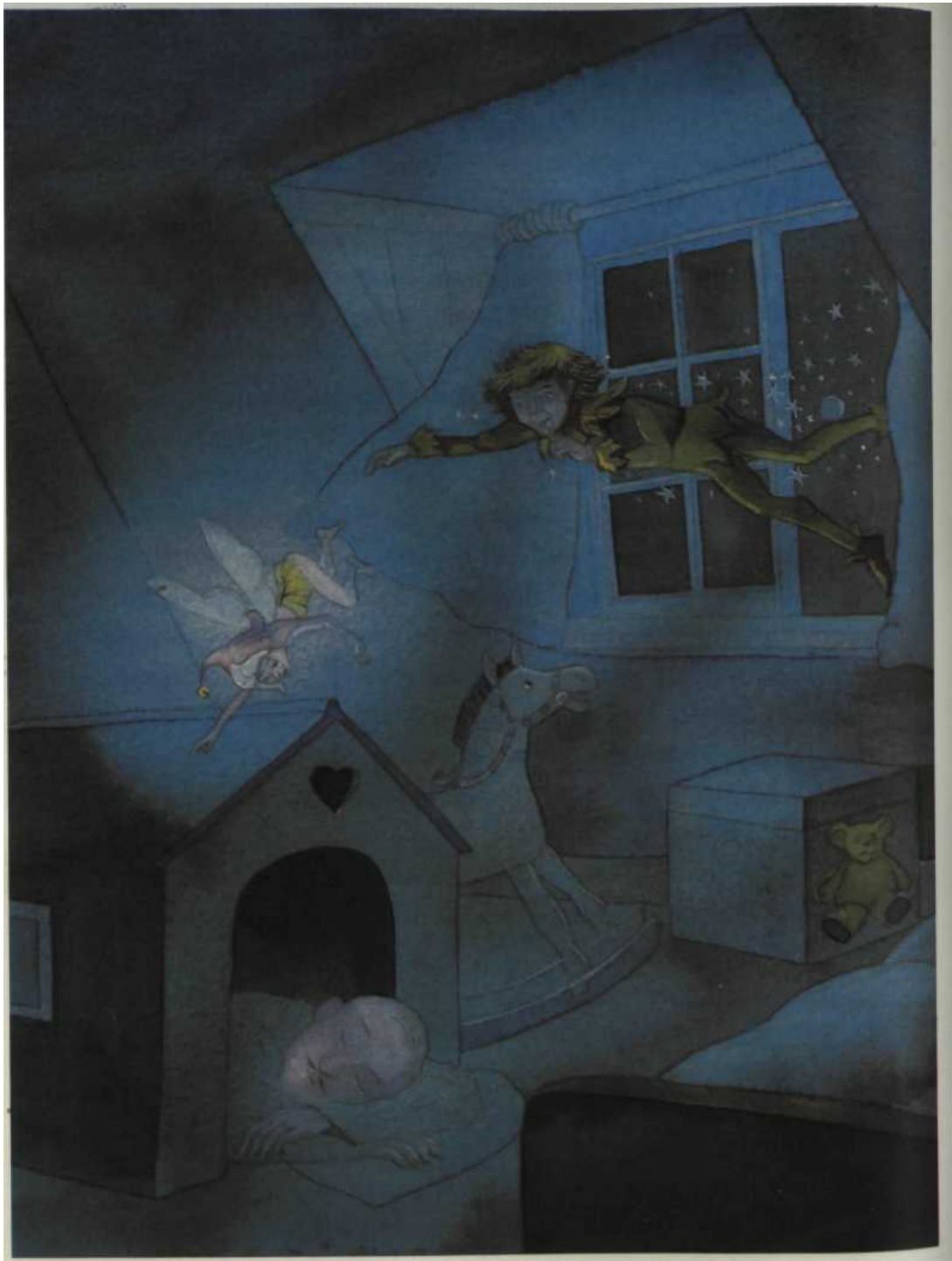
— Jorge, você ainda está morrendo de remorso, não está? — ela perguntou timidamente.

— Como sempre, querida! Veja só o meu castigo: morar numa casinha de cachorro!

— Mas é mesmo um castigo, Jorge? Tem certeza de que não está gostando disso?

— Meu amor!

Naturalmente a sra. Darling lhe implorou que a perdoasse. Depois, caindo de sono, ele se enrolou todo dentro da casinha.





— Por que você não toca alguma coisa no piano das crianças para eu dormir? — perguntou, acrescentando, sem pensar, enquanto ela se dirigia ao quarto dos brinquedos: — E, por favor, feche a janela. Estou sentindo uma corrente de ar.

— Jorge! Nunca me peça para fazer isso! A janela precisa ficar sempre aberta para eles, sempre, sempre.

Então foi a vez de o sr. Darling implorar à esposa que o perdoasse. Depois ela se sentou ao piano e começou a tocar. Dali a pouco ele adormeceu, e, enquanto dormia, Wendy, João e Miguel voaram para dentro do quarto.

Oh, não. Escrevemos isso porque foi assim que eles planejaram sua volta antes de deixarmos o navio; mas alguma coisa deve ter acontecido nesse meio tempo, pois não foram eles que entraram voando: foram Peter e Sininho.

As primeiras palavras de Peter esclarecem tudo.

— Rápido, Si! — ele cochichou. — Feche a janela, coloque a tranca! Muito bem. Agora você e eu precisamos sair pela porta; e, quando a Wendy chegar, vai pensar que a mãe dela trancou a janela e terá que voltar comigo!

Agora eu entendo uma coisa que me intrigou desde o começo: por que, quando liquidou os piratas, Peter não voltou para a ilha, confiando a Sininho a missão de conduzir as crianças até o continente? Ele pensou nisso o tempo todo. E agora, em vez de achar que agiu errado, dançou de alegria. Em seguida, deu uma espiada no quarto dos brinquedos para ver quem estava tocando piano.

— É a mãe da Wendy! — sussurrou para Sininho. — Ela é bonita, mas não tanto quanto a minha mãe. Tem a boca cheia de dedais, mas não tanto quanto a da minha mãe.

Evidentemente ele não sabia nada sobre sua mãe, porém às vezes dizia esse tipo de coisa, só para se gabar.

Peter não conhecia a música, que era "Lar, doce lar", mas compreendeu que a letra só podia ser: "Volte, Wendy, Wendy, Wendy", e gritou, exultante:

— A senhora nunca mais vai ver a Wendy, porque a janela está trancada!

A música parou no mesmo instante, e ele deu outra espiada no quarto dos brinquedos. Constatou então que a sra. Darling tinha apoiado a cabeça no piano e que duas lágrimas enchiam seus olhos.

"Ela quer que eu destranque a janela", o menino pensou, "mas eu não vou destrancar, não vou mesmo!"

Deu mais uma espiada e as lágrimas ainda estavam lá, ou eram outras duas que

as tinham substituído.

"Ela gosta muito da Wendy", Peter falou para si mesmo. Agora estava furioso com a sra. Darling: como é que aquela mulher não percebia que não podia ficar com Wendy?

O motivo era muito simples: "Eu também gosto dela. E nós dois não podemos ficar com ela, minha senhora".

No entanto, a senhora não quis saber de seu motivo, e o menino ficou triste. Ele desviou o olhar, mas nem assim conseguiu ir embora. Saltitou de um lado para o outro e fez caretas engraçadas, porém, quando parou, foi como se a senhora estivesse dentro dele, batendo.

— Tudo bem — Peter disse por fim, ofegante, e destrancou a janela. — Venha, Si — gritou, com um tremendo desdém pelas leis da natureza. — Nós não precisamos de nenhuma mãe boba.

E foi embora, voando.

Assim, Wendy, João e Miguel acabaram encontrando a janela aberta, o que evidentemente era mais do que mereciam. Pousaram no chão, nem um pouco envergonhados do que tinham feito, e o caçula demonstrou que já havia se esquecido de sua própria casa.

— João, acho que eu já estive aqui — disse ele, olhando em torno, meio desconfiado.

— Claro que estive, seu tonto. Olhe ali a sua velha cama.

— É mesmo... — Miguel resmungou sem muita convicção.

— A casinha! — exclamou João, atravessando o quarto rapidamente para ver quem estava lá dentro.

— Só pode ser a Naná — disse Wendy.

João no entanto soltou um assobio de surpresa.

— Não! É um homem! — informou.

— É o papai! — Wendy exclamou.

— Eu quero ver o papai — Miguel pediu, ansioso, e olhou demoradamente. — Ele não é tão grande quanto o pirata que eu matei — comentou, francamente decepcionado.

Ainda bem que o sr. Darling estava dormindo: seria muito triste se essas fossem as primeiras palavras que ele ouvisse da boca do pequeno Miguel.

Wendy e João ficaram meio espantados por encontrar o pai na casinha da cadela.

— Vocês têm certeza de que ele não costumava dormir na casinha? — João

perguntou, como se tivesse perdido a confiança na própria memória.

— Vai ver que a gente não se lembra da nossa vida antiga tão bem como pensava

— Wendy respondeu, meio hesitante.

Um calafrio percorreu a espinha das três crianças. E foi bem feito para elas.

— A mamãe nem se deu ao trabalho de esperar aqui até a gente voltar — reclamou o malandrinho do João.

Nesse exato momento a sra. Darling recomeçou a tocar.



## 17. E Wendy cresceu

Espero que você queira saber o que aconteceu com os outros meninos. Eles estavam lá embaixo, dando um tempo para Wendy explicar sua situação aos pais, e, quando terminaram de contar até quinhentos, resolveram subir. Subiram pela escada, pois acharam que desse modo causariam melhor impressão. Uma vez lá em cima, enfileiraram-se na frente da sra. Darling com o chapéu na mão, lamentando-se por estar com aquelas roupas de pirata. Não pronunciaram uma única palavra, porém com os olhos pediram a ela que os deixasse ficar. Deviam ter olhado também para o sr. Darling, mas o esqueceram por completo.

Naturalmente a sra. Darling foi logo dizendo que eles podiam ficar; já o sr. Darling demonstrou uma curiosa tristeza, e os meninos perceberam que para ele seis era um número grande demais.

— Devo admitir que você nunca faz nada pela metade — ele resmungou para Wendy, e os Gêmeos pensaram que esse comentário irritado se dirigia especificamente a eles.

Ora, o primeiro Gêmeo, que era o orgulhoso dos dois, declarou, enrubescendo:

— Se o senhor acha que não dá para ficar com tanta gente, nós podemos ir embora.

— Papai! — Wendy gritou totalmente chocada.

Mas a nuvem negra ainda pairava sobre o sr. Darling, que, mesmo sabendo que estava se comportando de maneira indigna, não conseguia agir de outra forma.

— Todo mundo pode dormir na mesma cama — Peninha sugeriu.

— Eu sempre cortei o cabelo deles — Wendy informou.

— Jorge! — exclamou a sra. Darling, sofrendo por ver seu amado marido se mostrar sob uma luz tão desfavorável.

Então ele se desmanchou em lágrimas, e a verdade veio à tona. O sr. Darling disse que estava tão contente quanto sua mulher em ficar com os meninos, porém acrescentou que deviam ter pedido seu consentimento, em vez de tratá-lo como um zero à esquerda em sua própria casa.

— Eu não acho que ele é um zero à esquerda — Beicinho opinou. — Você acha que ele é um zero à esquerda, Cachinho?

— Eu não. Você acha que ele é um zero à esquerda, Peninha?

— Claro que não! E você, Gêmeo?

O resultado foi que nenhum deles o via como um zero à esquerda, e o sr. Darling, feliz da vida, falou que arrumaria espaço para todos na sala de visitas, se coubessem lá.

— A gente cabe, sim, senhor — eles lhe garantiram.

— Então, sigam-me! — ordenou ele todo contente. —

Olhem, eu não sei bem se temos uma sala de visitas, mas vamos fingir que temos e dá tudo na mesma. Vamos lá!

O sr. Darling saiu dançando pela casa e todos os meninos gritavam "Vamos lá!" e dançavam atrás dele, procurando a sala de visitas. Não me lembro se a encontraram, mas de qualquer modo acharam alguns cantinhos onde conseguiram se enfiar.

Quanto a Peter, viu Wendy mais uma vez antes de partir. Não que tenha ido até a janela, o que fez foi esbarrar na vidraça ao passar por ali, para que Wendy pudesse abri-la e chamar por ele, se quisesse. Foi exatamente o que ela fez.

— Oi, Wendy, adeus — ele disse.

— Você está indo embora?

— Estou.

— Você não acha que devia conversar com os meus pais sobre um assunto muito agradável? — a menina perguntou, hesitante.

— Não.

— Sobre mim?

— Não.

A sra. Darling se aproximou da janela, pois agora vigiava Wendy o tempo todo. Ela disse a Peter que havia adotado os outros meninos e que gostaria de adotá-lo também.

— A senhora vai me mandar para a escola? — o espertalhão quis saber.

— Vou.

— E depois vai me mandar trabalhar?

— Acho que sim.

— E logo eu vou ser homem?

— Logo, logo.

— Eu não quero ir para a escola aprender um monte de coisas chatas — ele declarou, exaltado. — Não quero ser homem. Ah, seria horrível se um dia eu acordasse e descobrisse que tinha barba!

— Peter, eu ia amar você de barba! — exclamou Wendy, a consoladora, enquanto a sra. Darling estendia os braços para ele, que no entanto a repeliu.

— Para trás, minha senhora, ninguém vai me prender e me obrigar a ser homem.

— Mas onde você vai morar?

— Com a Si na casa que a gente construiu para a Wendy. As fadas vão colocá-la bem no alto, entre as copas das árvores, onde elas dormem à noite.

— Que maravilha! — Wendy suspirou, mostrando-se tão desejosa de morar lá também que sua mãe a segurou com mais força.

— Eu pensei que todas as fadas tivessem morrido — disse a sra. Darling.

— Sempre aparecem muitas fadas novinhas — explicou Wendy, que agora era autoridade no assunto. — Porque, quando um bebê ri pela primeira vez, nasce uma fada, e, como existe muito bebê no mundo, existe também muita fada. Entendeu? As fadas moram em ninhos, no alto das árvores; as roxas são meninos, as brancas são meninas e as azuis não passam de umas bobinhas que nem sabem o que são.

— Eu vou me divertir muito — Peter garantiu, olhando para Wendy.

— Deve ser meio triste ficar sozinho à noite, sentado perto do fogo — ela comentou.

— A Si vai estar comigo.

— Aquela lá não serve para nada — Wendy replicou, meio azeda.

— Fofqueira! — Sininho gritou em algum lugar das redondezas.

— Não faz mal — Peter resmungou.

— Faz, sim, e você sabe.

— Então... venha morar comigo na casinha.

— Posso ir, mamãe?

— Claro que não. Agora que você voltou, pretendo fazer com que fique aqui.

— Mas ele precisa de uma mãe.

— Você também, querida.

— Tudo bem — Peter falou, como se a tivesse convidado só por educação, mas bem que fez um ligeiro beicinho.

Percebendo isso, a sra. Darling apresentou-lhe então esta tentadora oferta: deixaria Wendy passar uma semana com ele, todos os anos, e ajudá-lo a limpar a casa na primavera. Wendy teria gostado de um arranjo mais definitivo e achava que a primavera ia demorar para chegar. Peter, no entanto, ficou muito feliz; não tinha noção de tempo e sempre vivia tantas aventuras que tudo o que eu contei a seu respeito até agora não é nada em comparação com elas. Acho que foi por saber disso que Wendy se despediu dele com estas palavras chorosas:

— Você não vai me esquecer, vai, até a primavera chegar?

Peter naturalmente respondeu que não e depois foi embora, voando. Levou junto o beijo da sra. Darling. O beijo que ninguém ganhou e que ele conseguiu com toda a facilidade. É engraçado, mas ela parecia satisfeita.

Evidentemente todos os meninos foram para a escola, e a maioria entrou na terceira série. Magrela, porém, foi matriculado de início na segunda e depois na primeira série. Não fazia nem uma semana que freqüentavam as aulas quando chegaram à conclusão de que tinham sido muito burros de não ter ficado na ilha; agora era tarde demais, e logo eles se conformaram em ser tão comuns quanto eu, você ou o garoto ali da esquina.

É triste dizer que pouco a pouco perderam a capacidade de voar. A princípio Naná amarrava os pés deles no pé da cama, para que não saíssem voando durante a noite, e de dia uma de suas diversões prediletas era fingir que caíam do ônibus. No entanto, com o passar do tempo deixaram de puxar as cordas que os prendiam na cama e descobriram

que se machucavam quando saltavam do ônibus. Por fim não conseguiam nem voar atrás de seus próprios chapéus. Falta de prática, diziam. A verdade, porém, é que já não acreditavam. Miguel acreditou por mais tempo, mesmo que os outros meninos caçoassem dele. Assim, estava com Wendy quando Peter foi buscá-la no final do primeiro ano. Ela usava a roupa de folhas e frutinhas silvestres que havia feito na Terra do Nunca e só temia que Peter percebesse como essa roupa tinha ficado curta. Ele porém não percebeu: tinha muito a dizer sobre si mesmo.

Wendy não via a hora de estar com Peter para conversarem muito sobre os velhos tempos, mas logo constatou que novas aventuras haviam expulsado as antigas da memória dele.

— Quem é o capitão Gancho? — o menino perguntou, muito interessado, quando ela mencionou seu arquiinimigo.

— Você não lembra que matou o capitão e salvou a vida de todos nós? — Wendy replicou muito espantada.

— Depois que eu mato alguém, eu esqueço — Peter respondeu, dando de ombros.

Quando Wendy expressou a vaga esperança de ser bem-recebida por Sininho, ele perguntou:

— Quem é Sininho?

— Peter! — ela exclamou escandalizada, mas não conseguiu fazê-lo lembrar-se nem mesmo depois de discorrer sobre a fadinha por alguns instantes.

— Existem tantas fadas... — o menino comentou. — Vai ver que essa daí já morreu.

Acho que ele tinha razão, pois as fadas não vivem muito. Só que são tão pequenas que um breve espaço de tempo lhes parece uma eternidade.

Wendy sofreu também ao descobrir que para Peter o ano anterior era como o dia de ontem, enquanto para ela havia sido um longo período de espera. Mas ele estava tão fascinante como sempre, e os dois passaram uma primavera maravilhosa, limpando a pequena casa no alto da árvore.

No ano seguinte Peter não foi buscá-la. Wendy esperou de vestido novo, porque o antigo já não lhe servia, porém o menino não apareceu.

— Vai ver que ele está doente — disse Miguel.

— Você sabe que ele nunca fica doente.



Miguel se aproximou da irmã e, estremecendo todo, sussurrou:

— Vai ver que essa pessoa não existe!

Se Miguel não estivesse chorando, Wendy teria chorado.

Peter apareceu na primavera seguinte e — que coisa esquisita! — nunca se deu conta de que havia pulado um ano.

Essa foi a última vez que a menina Wendy o viu. Durante algum tempo ela ainda fez o que pôde para não sentir as chamadas dores do crescimento e achou que foi infiel a Peter quando ganhou um prêmio na prova de conhecimentos gerais. Os anos começavam e terminavam sem lhe trazer seu despreocupado amigo; e, quando se reencontraram, Wendy era uma mulher casada, enquanto Peter não passava de um montinho de poeira na caixa onde ela havia guardado seus brinquedos. Wendy cresceu. Você não precisa ter pena dela. Wendy era uma pessoa do tipo que gosta de crescer e acabou chegando à idade adulta, por sua livre e espontânea vontade, um dia antes das outras meninas.

Nessa época todos os meninos já eram adultos também e haviam perdido a graça, de modo que não vale a pena falar muito sobre eles. Todos os dias você pode ver os Gêmeos, Peninha e Cachinho indo para o escritório onde trabalham, cada qual com sua maleta e seu guarda-chuva. Miguel é maquinista de trem. Magrela se casou com uma dama da nobreza e recebeu o título de lorde. Você está vendo aquele juiz de peruca que acaba de sair por aquela porta de ferro? Antigamente era Beicinho. O homem barbudo que não sabe nenhuma história para contar aos filhos era João.

Wendy se casou de vestido branco com faixa cor-de-rosa. É estranho pensar que Peter não apareceu na igreja para impedir os proclamas.

Mais anos se passaram e Wendy teve uma filha. Eu devia escrever isso com ouro líquido e não com tinta comum.

A filha de Wendy recebeu o nome de Jane e sempre teve um olhar curioso, como se quisesse fazer perguntas desde o instante em que chegou ao mundo. Quando cresceu o bastante para começar a perguntar, quase tudo o que queria saber referia-se a Peter Pan. Ela adorava ouvir falar de Peter, e, naquele mesmo quarto onde havia se iniciado a famosa fuga, Wendy lhe contou tudo o que conseguiu lembrar. Agora o quarto era de Jane, pois seu pai havia comprado a casa do pai de Wendy, que não queria mais subir escada. Nessa época a sra. Darling já estava morta e esquecida.

Agora havia apenas duas camas no quarto das crianças: a de Jane e a da babá. E não havia casinha de cachorro, pois Naná também estava morta. Morreu de velhice e no

fim deu muito trabalho, com sua firme convicção de que ninguém sabia cuidar de crianças, só ela.

A babá de Jane tinha folga uma vez por semana, e então Wendy punha a filha na cama. Era hora de contar histórias. Jane inventou uma espécie de tenda, cobrindo a própria cabeça e a cabeça da mãe com o lençol. Ali, na terrível escuridão, ela cochicha:

— O que você está vendo agora?

— Acho que não estou vendo coisa nenhuma — diz Wendy, com a impressão de que Naná, se estivesse ali, não permitiria tanta conversa.

— Está vendo, sim — Jane insiste. — Está vendo você quando era menina.

— Isso foi há muito tempo, meu amor — Wendy responde. — Ah, como o tempo voa!

— O tempo voa do mesmo jeito que você voava quando era menina? — a esperta criança quer saber.

— Do jeito que eu voava! Sabe, filhinha, às vezes eu me pergunto se realmente voei algum dia.

— Você voou, sim.

— Ah, bons tempos aqueles, em que eu sabia voar...

— Por que você não sabe mais, mamãe?

— Porque eu cresci, querida. A gente desaprende quando cresce.

— Por que a gente desaprende?

— Porque a gente não é mais alegre, inocente e sem coração. Só as pessoas alegres, inocentes e sem coração sabem voar.

— O que é alegre, inocente e sem coração? Eu queria ser alegre, inocente e sem coração.

Às vezes Wendy admite que está vendo alguma coisa.

— Acho que é este quarto! — ela exclama.

— Também acho! — diz Jane. — Continue.

Elas agora embarcam na grande aventura daquela noite em que Peter voou procurando sua sombra.

— O bobinho tentou colar a sombra com sabonete — Wendy relembra —, e, quando viu que não conseguia, chorou e me acordou, e então eu costurei a sombra nele.

— Você pulou um pedaço — interrompe Jane, que agora conhece a história melhor do que a mãe. — Quando você viu Peter sentado no chão, chorando, o que foi que

você falou?

— Eu me sentei na cama e perguntei: "Por que você está chorando, menino?".

— É, foi isso mesmo — Jane confirma, respirando fundo.

— E então ele nos levou, voando, para a Terra do Nunca, para as fadas, os piratas, os peles-vermelhas, a lagoa das Sereias, a casa subterrânea, a casinha pequenina.

— Isso mesmo! Do que você mais gostava?

— Acho que eu gostava mais da casa subterrânea.

— Eu também. Qual foi a última coisa que o Peter falou para você?

— A última coisa que ele me falou foi: "Sempre espere por mim, e uma noite você vai ouvir o meu cocoricó".

— Isso mesmo!

— Só que infelizmente ele se esqueceu por completo de mim — diz Wendy com um sorriso nos lábios; era adulta o bastante para isso.

— Como era o cocoricó do Peter? — Jane perguntou certa vez.

— Assim... — Wendy tentou imitá-lo.

— Não era, não — a menina protestou, muito séria. — Era assim... — e imitou o cocoricó de Peter bem melhor que a mãe.

Wendy ficou um tanto surpresa:

— Como é que você sabe, meu amor?

— Eu escuto esse cocoricó quando estou dormindo.

— Ah, é, muitas meninas o escutam quando estão dormindo, mas eu fui a única que escutou quando estava acordada.

— Sorte sua! — Jane exclamou.

E então, uma noite, aconteceu a tragédia. Era primavera e Jane dormia em sua cama, depois de ouvir a história daquela noite. Wendy estava sentada no chão, bem perto do fogo para enxergar o cerzido que fazia, pois não havia outra luz no quarto. E então, enquanto cerzia, escutou um cocoricó. Em seguida a janela se escancarou, como antigamente, e Peter saltou para dentro.

Ele não tinha mudado absolutamente nada, e, conforme Wendy logo percebeu, ainda conservava todos os seus dentes de leite.

Ele era um menino e ela se tornara adulta. Wendy se encolheu junto ao fogo, sem se atrever a fazer um único movimento, sentindo-se uma mulherona indefesa e culpada.

— Oi — ele disse, sem notar diferença nenhuma, pois estava pensando

principalmente em si mesmo.

Na penumbra, o vestido branco de Wendy bem podia ser a camisola em que a viu pela primeira vez.

— Oi — ela respondeu numa voz sumida, encolhendo-se o mais que podia.

Alguma coisa dentro dela estava gritando: "Mulher, mulher, deixe-me sair".

— E o João? — ele quis saber, dando por falta da terceira cama.

— O João não está em casa — ela murmurou ofegando.

— O Miguel está dormindo? — Peter perguntou, lançando um olhar desatento para Jane.

— Está — Wendy mentiu; entretanto, sentindo-se desleal ao mesmo tempo com a filha e com o amigo, e além disso temendo ser castigada, corrigiu imediatamente: — Não é o Miguel.

Peter olhou de novo.

— É uma criança nova?

— É.

— Menino ou menina?

— Menina.

Agora ele certamente haveria de entender, mas não entendeu nada.

— Você veio me buscar? — Wendy perguntou, hesitante.

— Claro! — respondeu Peter, acrescentando com certa rispidez: — Você esqueceu que está na hora da faxina da primavera?

Seria inútil dizer que ele havia se esquecido de muitas faxinas da primavera.

— Eu não posso ir — ela declarou num tom de quem pede desculpa. — Não sei mais voar.

— Num instante eu lhe ensino de novo.

— Não desperdice poeira de fada comigo.

Nesse momento Wendy se levantou, e Peter finalmente sentiu muito medo.

— O que foi que aconteceu? — gritou, encolhendo-se todo.

— Eu vou acender a luz — ela anunciou — e você vai ver por si mesmo.

Pelo que sei, foi praticamente a primeira vez na vida que Peter sentiu medo.

— Não acenda a luz — pediu.

Wendy deixou suas mãos brincarem com o cabelo daquele menino trágico. Não era uma garotinha sofrendo por causa dele; era uma mulher adulta, sorrindo de tudo aquilo,

mas havia lágrimas em seu sorriso.

Depois ela acendeu a luz. Peter viu, soltou um grito de dor e recuou abruptamente quando aquela criatura alta e bela se inclinou para erguê-lo nos braços.

— O que foi que aconteceu? — ele tornou a perguntar.

Wendy teve que lhe contar.

— Estou velha. Já tenho mais de vinte anos. Faz muito tempo que cresci.

— Você prometeu que não ia crescer!

— Não pude evitar. Sou uma mulher casada.

— Não é, não.

— Sou, sim, e a menina que está dormindo ali é minha filha.

— Não é, não.

Mas Peter pensou que era mesmo e deu um passo na direção da pequena adormecida, com o punho erguido. Naturalmente não bateu na criança. Sentou-se no chão e chorou, aos soluços, e Wendy não soube como consolá-lo, ainda que no passado tivesse feito isso com muita facilidade. Agora ela era apenas uma mulher e saiu correndo do quarto para tentar pensar.

Peter continuou chorando e logo seus soluços acordaram Jane, que se sentou na cama, imediatamente interessada.

— Por que você está chorando, menino? — perguntou.

Peter se levantou e cumprimentou-a com uma reverência; sem sair da cama, ela também lhe fez uma reverência.

— Oi — ele disse.

— Oi — disse ela.

— Eu me chamo Peter Pan.

— Eu sei.

— Eu vim buscar a minha mãe para levá-la para a Terra do Nunca — ele explicou.

— Eu sei — Jane repetiu. — Eu estava esperando você.

Quando Wendy voltou, insegura, encontrou seu velho amigo sentado ao pé da cama, cocoricando vitoriosamente, enquanto sua filha, de camisola, voava pelo quarto em pleno êxtase.

— Ela é a minha mãe — o menino declarou.

E Jane pousou ao lado dele, tendo no rosto aquela expressão que Peter gostava de ver nas senhoras que o fitavam.

— Ele precisa tanto de uma mãe... — Jane falou.

— Eu sei — Wendy admitiu, desesperada. — Ninguém sabe disso melhor do que eu.

— Adeus — Peter lhe disse, e se elevou no ar, e a sapeca da Jane se elevou com ele; esse já era o seu jeito mais fácil de se locomover.

Wendy correu para a janela.

— Não, não! — gritou.

— É só para a faxina da primavera — Jane lhe assegurou. — Ele quer que eu vá sempre fazer a faxina da primavera.

— Ah, se eu pudesse ir com você! — Wendy suspirou.

— Você sabe que não consegue voar — lembrou Jane.

Naturalmente Wendy acabou deixando que eles partissem. Na última vez que a vimos ela estava apoiada na janela, olhando para as duas crianças que se afastavam no céu até ficarem tão pequeninas quanto as estrelas.

Olhando-a bem, você pode reparar que o cabelo dela está embranquecendo e que seu vulto diminuiu de tamanho, pois tudo isso aconteceu há muito tempo. Jane é agora uma adulta comum e tem uma filha chamada Margaret. E na primavera Peter vai buscar Margaret para a faxina anual, a não ser quando se esquece e a leva para a Terra do Nunca, onde escuta com todo o interesse as histórias sobre ele mesmo que a menina lhe conta. Quando crescer, Margaret terá uma filha, que por sua vez será a nova mãe de Peter. E assim por diante, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e sem coração.

FIM

## NOTA SOBRE O AUTOR

James Matthew Barrie nasceu em 9 de maio de 1860, em Kirriemuir, na Escócia. Era o nono filho do tecelão David Barrie e da dona de casa Margaret Ogilvy, que por sua vez era filha de um pedreiro. Barrie passou boa parte da infância brincando com o teatrinho de um amigo e encenando peças numa lavanderia situada em frente à sua casa. Anos depois, revelou que esse pequeno edifício foi "o modelo da casinha que os Meninos Perdidos construíram para Wendy na Terra do Nunca".

Na infância, Barrie foi um leitor voraz de folhetins populares, histórias sensacionalistas de aventura ou crime produzidas em massa. No entanto, depois de ler na revista Tagarela uma crítica severa a essas histórias, reuniu toda a sua coleção e a manteve escondida. O jovem Barrie também adorava histórias que envolviam ilhas desertas. Sua favorita era A ilha de coral, de Ballantyne, que sem dúvida lhe serviu de inspiração para criar a Terra do Nunca.

Em 1866 David Barrie, o irmão mais velho de James, morreu num trágico acidente, quando patinava no gelo; tinha apenas treze anos de idade. James e sua mãe se consolavam lembrando-se de David como o menino que nunca haveria de crescer. Nessa época Margaret Ogilvy começou a conversar com o filho sobre sua própria infância. Contou-lhe que, quando sua mãe morreu, ela se tornou "dona de casa e mãe de seu irmãozinho", embora fosse ainda uma criança. Com isso forneceu material para James criar a maternal Wendy, a irmã mais velha que cuida dos Meninos Perdidos.

Quando terminou os estudos, Barrie descobriu que queria ser escritor. No entanto, concluiu com relutância um curso universitário convencional em Edimburgo e começou a trabalhar como jornalista no Nottingham Journal. Em 1885, quando o jornal já não tinha condições de mantê-lo, mudou-se para Londres com a intenção de tentar a sorte como escritor. Seus artigos, meio ficcionais, sobre a vida em Thrums ("Franjas", lugar imaginário inspirado em Kirrie-muir) e em Auld Lichts ("Velhas Luzes", comunidade fictícia semelhante àquela em que sua mãe crescera) alcançaram considerável sucesso. Em 1891 suas obras estavam entre as mais vendidas, e Robert Louis Stevenson lhe escreveu, elogiando-o como "um homem de gênio".

Em 1894 Barrie se casou com Mary Ansell, uma jovem atriz que ele descobrira e

que havia atuado em uma de suas peças. Infelizmente o casamento não deu certo, e o casal não teve filhos. Mary procurou consolar-se criando cachorros, um dos quais era um são-bernardo parecido com a Naná de Peter Pan. Barrie tinha especial afeição por esse animal e sempre o levava para passear no parque Kensington. Durante esses passeios o escritor se tornou amigo dos filhos de Arthur e Sylvia Llewellyn Davies, uma família que teria profundo impacto em sua vida e em sua obra.

Barrie escreveu sobre sua amizade com George, um dos meninos, em *O pequeno pássaro branco* (1902), livro em que Peter Pan aparece pela primeira vez. A personagem surgiu das imagens inspiradas pelo caçula dos Llewellyn Davies, um menino chamado Peter. Eles fantasiavam que Peter, como todos os bebês, havia sido um pássaro e tinha conservado a capacidade de voar durante todo o tempo em que fora um bebê.

Em novembro de 1903 Barrie começou a escrever a peça Peter Pan. Depois de passar por muitas alterações, a obra estreou em Londres no Natal do mesmo ano. Foi um sucesso imediato, elogiada como uma das melhores peças escritas para crianças.

Barrie estava adaptando-a para transformá-la num livro (intitulado *Peter Pan & Wendy*), quando uma tragédia se abateu sobre a família Llewellyn Davies: em 1909 o pai dos meninos morreu de câncer. Dois anos depois a mãe também faleceu, vítima da mesma doença. Nessa época o casamento de Barrie já havia terminado e ele se tornou guardião dos cinco meninos, aos quais dedicava verdadeira adoração.

Mas sua felicidade como pai substituto durou pouco. Em 1915 George Llewellyn Davies, que na infância estivera origem na figura de Peter Pan, foi morto na França. Em 1921, Michael, que segundo dizem significou para Barrie mais que qualquer outra pessoa, afogou-se no rio Tâmisa quando estudava em Oxford. "O mundo inteiro ficou diferente para mim", Barrie escreveu, desolado.

Barrie continuou trabalhando até morrer, em 1937, e produziu várias peças para adultos que receberam considerável aclamação. No entanto, era e continua sendo, até hoje, mais conhecido por sua história fascinante do menino que nunca cresceu — uma fantasia que vem encantando sucessivas gerações de crianças.